

Albert de Rochas

A Levitação

*Traduzido do Francês
La Lévitacion.
1897*



**Jonh Constable
A fechadura em Dedham**



Conteúdo resumido

O Cel. Albert de Rochas, ex-diretor da Escola Politécnica de Paris – a mais respeitada instituição de ensino superior da França –, foi um dos grandes pesquisadores do magnetismo e suas estreitas ligações com os fenômenos espíritas.

Nesta obra, de Rochas analisa cientificamente os fenômenos de levitação dos corpos humanos, reunindo os relatos desse fenômeno ao longo da história da humanidade, passando pelas narrações de inúmeros casos de levitação ocorridos nos meios religiosos até os casos rigorosamente controlados e documentados pelos cientistas contemporâneos.

Observando-os metodicamente sob a ótica espírita, o autor procura explicar cientificamente o fenômeno através das leis físicas do magnetismo e da eletricidade.

Prefácio do tradutor

Entre os homens eminentes que buscam, pelo método experimental, aprofundar o estudo das causas dos fenômenos psíquicos, encontra-se o ilustre Rochas d'Aiglun (Eugène-Auguste-Albert, *Conde de*), pertencente a uma antiga família que possuiu o feudo d'Aiglun, perto de Digne, desde o meado do século XV até a época da Revolução em 1789.

Depois de ter feito brilhantes estudos literários no Liceu de Grenoble, começou a estudar Direito para entrar na magistratura, como seu pai e seu avô; porém, não sendo o estudo das leis suficiente para a sua atividade intelectual, ele passou a estudar outras ciências. Em 1836 obteve o prêmio de honra de matemáticas especiais e no ano seguinte foi recebido na Escola Politécnica de Paris. Em 1861 entrou para o Exército na qualidade de tenente de engenheiros, promovido a capitão por merecimento em 1864, tomou parte na guerra de 1870-71 e foi nomeado comandante de batalhão em 1880. A fim de entregar-se com maior liberdade aos trabalhos científicos a que era afeiçoado, deixou prematuramente em 1889 o serviço militar ativo e entrou para a Escola Politécnica na qualidade de diretor civil,¹ passando para a reserva com o posto de tenente-coronel.

Os trabalhos militares e científicos do Coronel de Rochas são consideráveis; conhecendo a fundo tudo o que tem sido escrito sobre as ciências psíquicas, experimentador consumado, contribuiu em larga escala para fazer classificar o magnetismo entre as ciências puramente físicas. Estudou a polaridade, contribuiu para a classificação atual das fases do sonambulismo, observou metodicamente os fenômenos espíritas, descobriu a exteriorização da sensibilidade, que não era suspeitada, e mostrou o mecanismo do desdobramento físico.²

Membro de várias sociedades sábias, oficial da Legião de Honra, da Instrução Pública, de São Salvador (Grécia) e das Ordens de São Maurício e São Lázaro (Itália); comendador das Ordens da Sant'Ana (Rússia), do Mérito Militar (Espanha), de Medjidié (Turquia), de Nicham (Túnis), do Dragão Verde (A-

nam), o Coronel de Rochas é um dos sábios a quem o Espiritualismo e o Magnetismo contemporâneo mais devem.

O presente volume, conquanto se subordine ao título geral de sua obra *A Levitação*, compreende não só alguns outros pequenos trabalhos do mesmo autor (*Os Limites da Física*, *A Física da Magia* e a parte da sua introdução ao livro *Os Eflúvios Ódicos*), mas ainda o trabalho do Sr. Dr. Carl du Prel sobre *Gravitação e Levitação*, tendo o Sr. de Rochas permitido e recomendado especialmente essa compilação, em carta que se dignou dirigir-nos.

A levitação é o erguimento *espontâneo* dum corpo no espaço. De todos os fenômenos psíquicos não há certamente nenhum que pareça mais em contradição com o que se chama *leis da Natureza* e, entretanto, nenhum outro se presta menos à fraude. Desde tempos imemoriais têm-se constatado fenômenos de levitação em todos os países; as histórias religiosas de todos os países assinalam numerosos casos de levitação de seus *santos* e hoje as pessoas que gozam dessa faculdade chamam-se *médiuns*.

Em apoio dessas linhas mencionaremos o que nos diz Apollonius de Tyana: “Vi esses brâmanes da Índia que habitam sobre a terra e que aqui não habitam, que têm uma cidadela sem muralhas e que nada possuem, e entretanto possuem tudo.” Deve-se compreender por essas palavras “*que habitam sobre a terra e que aqui não habitam*” o fenômeno de levitação. A ciência dos brâmanes lhe foi perfeitamente ministrada logo que estes conheceram o fim da sua visita. Assim que ele chegou à sua presença, o chefe lhe disse: “Os outros homens necessitam perguntar aos estranhos quem eles são, donde vêm e o que desejam. Nós, pelo contrário, como primeira prova da nossa ciência, já sabemos tudo isso; julgai-o por vós mesmo.” O clarividente contou então a Apollonius os principais acontecimentos da sua vida, falou-lhe da sua família, de seu pai, de sua mãe, do que ele tinha feito, etc.. Apollonius, cheio de admiração, suplicou então aos brâmanes que o iniciassem nessa ciência tão profunda, tão sobre-humana, o que lhe foi concedido. Depois de ter completado seus anos de provas, voltou à Europa, onde sua clarividência e as curas que fez maravilharam a todo o mundo.

Eis agora uma tentativa de explicação dos fenômenos de levitação, segundo o Sr. Ernest Bosc, autor de diversas obras de ciência oculta:

“Sabe-se que a Terra é um imenso ímã; diversos sábios o têm dito, entre outros, Paracelso. A Terra está, portanto, carregada dum eletricidade que denominaremos eletricidade positiva, gerada incessantemente no seu interior ou centro, que é um centro de movimento. Tudo o que vive sobre a superfície da Terra, animais, plantas, minerais, enfim, todos os corpos orgânicos, estão saturados de eletricidade negativa, isto é, eles se carregam espontaneamente, constantemente e dum maneira automática, por assim dizer, de eletricidade negativa, isto é, da qualidade contrária à da Terra. O peso ou a força de gravidade não é mais que o resultado da atração terrestre; sem esta não haveria peso e o peso é proporcional à atração, isto é, se esta for duas, três ou quatro vezes mais forte, o peso da Terra será duas, três ou quatro vezes maior.

Portanto, se o homem chegasse a vencer essa força atrativa não haveria razão que o obstasse a se elevar ao ar, como o peixe o faz na água.

Por outro lado, sabemos que o nosso organismo físico pode ser vivamente influenciado pela ação de uma vontade energética; esta ação da vontade pode, pois, transformar o estado de eletricidade negativa do homem em eletricidade positiva; então, sendo a Terra e o homem de eletricidade *isônomas*, se repelem; desaparecendo a lei de gravidade é fácil ao homem elevar-se no ar enquanto durar a força repulsiva.³ O grau de levitação varia, pois, de acordo com a intensidade, a capacidade e a carga elétrica positiva que ele pode condensar no seu corpo. Desde que um homem pode à vontade armazenar no seu corpo uma certa porção de eletricidade positiva, fácil lhe é mudar de peso; executa esse ato tão naturalmente quanto o da respiração.”

Ainda que essa explicação dada pelo Sr. Ernest Bosc possa também aplicar-se à levitação de objetos e móveis, pois que neste caso é igualmente necessário o concurso de um médium ou

pessoa que forneça a necessária eletricidade positiva, parece-nos, entretanto, que ela poderá ficar mais completa e satisfatória se dissermos que na maioria dos casos é indispensável a ação de Espíritos ou almas que saibam inverter a polaridade do corpo humano. Compreende-se que uma simples prece, certo estado d'alma, uma mudança de atmosfera ou de meio, a expectativa duma sessão ou um desejo manifestado por tais ou tais vibrações no ambiente fluídico ou *astral*, tenham em alguns médiuns a propriedade de inverter a polaridade de seu perispírito ou corpo fluídico, de modo que o corpo físico sofra igual ação. É mesmo natural que isto se opere automaticamente, sem o médium saber como, não obstante haver aí somente uma ação sua, mas cujas conseqüências sobre o mecanismo da Natureza ele não apreende completamente.

Agora, já que nos referimos ao *astral*, permita-nos o leitor que entremos a esse respeito em algumas explicações, visto que não as dá aqui o Sr. de Rochas e elas são necessárias para a boa compreensão dos fenômenos por ele relatados.⁴

“O astral é, segundo Stanislas de Guaita, o suporte hiperfísico do mundo sensível; o virtual indefinido de que os seres corporais são, no plano inferior, as manifestações objetivas. Não nos devemos surpreender se se chamar alma cósmica essa luz secreta que banha todos os mundos. Pode-se ainda legitimamente chamar esperma expansivo da vida e receptáculo imantado da morte: pois tudo nasce dessa luz (pela materialização ou passagem de potência em ato) e tudo deve ser nela reintegrado (pelo movimento inverso, ou retorno do objetivo concreto ao subjetivo potencial).

Como a eletricidade, o calor, a claridade, o som, etc. (seus diversos modos de atividade fluídica), ela é ao mesmo tempo *substância* e *força*. Os que só vêem nela o *movimento*, laboram em grave erro: como imaginar um movimento efetivo, na falta de alguma coisa que seja movida? O nada não vibra. Conceber uma agitação qualquer ou alguma outra qualidade no vácuo absoluto é manifestamente absurdo. E reduzir a luz astral ao *abstrato* do movimento é fazer dela um ser de razão, o que é o mesmo que negar sua existência,

embora latente. Deve-se, portanto, defini-la: uma substância que manifesta uma força ou, se se prefere, uma força que aciona uma substância – as duas são inseparáveis. Como *substância*, nós o dissemos, a luz astral deve ser considerada o substrato de toda a matéria; o potencial de toda realização física; a homogeneidade, raiz de toda diferenciação. É a expressão temporal de *Adamah*, esse elemento primordial donde, segundo Moisés, foi tirado o ser do universal *Adão*; ou, para nos servirmos da linguagem esotérica, essa terra de que o Altíssimo fez o primeiro homem. Como *força*, o Astral nos aparecerá como evirtuado pelo influxo e refluxo dessa essência viva a que chamaremos, de acordo com Moisés, *Nepheseh-ha-chaiiah*, o sopro da vida. Para motivar esse fluxo e refluxo da alma vivente, basta pintá-la puxada, por assim dizer, entre dois ímãs: em cima, *Rouach Elohim*, sopro vivificador da substância coletiva, homogênea, edenal; embaixo, *Nahash*, agente suscitador das existências individuais, particulares, materializadas. É o princípio da divisibilidade em face do princípio da integração; é o parcelamento do *Eu* nascente ou a nascer, que se opõe à unidade do *Seu* eterno.

Dessa oposição resulta um duplo dinamismo de forças hostis, que convém ser ambas estudadas na sua própria natureza e na lei do seu mútuo mecanismo. Voltando então a *Nahash*, compreenderemos mais facilmente o mistério do fluido luminoso de mesmo nome, com o contraste das suas correntes opostas e seu ponto central de equilíbrio.

A luz astral é, enfim, a substância universal animada, movida em dois sentidos inversos e complementares, pelo efeito duma polaridade dupla, do pólo integração ao pólo dissolução, e vice-versa. Ela sofre, com efeito, duas ações contrárias: o poder de expansão fecundo, a luminosa *Jônah*, efetiva das gerações e dispensadora da vida, por um lado; e pelo outro, o poder de constrição destruidor das formas, o tenebroso *Hereb*, agente principal da morte, e por isso da reintegração (retorno dos indivíduos à coletividade; da matéria diferenciada e transitória à substância una permanente e não diferenciada).”

Segundo outros autores, podemos também dizer que o astral é o laço físico, embora parcialmente imaterial, que liga o mundo material ou físico ao mundo invisível ou espiritual.

O fluido astral, condensado em corpo astral, é uma das grandes forças da Natureza. É muito abundante, e de todos os corpos emana esse fluido sob a forma de *aura* ou eflúvios ódicos. É o fluido astral que permite a materialização dos corpos de seres mortos ou vivos; produz então o duplo humano. A força que o põe em movimento e que lhe é inerente chama-se *magnetismo*; Allan Kardec chamou a isso *princípio vital*. No infinito, essa substância única é o *éter*.⁵ Nos astros que ele imanta, torna-se luz astral. Nos seres organizados, luz ou fluido magnético. No homem, forma o *corpo astral* ou mediador plástico. A vontade dos seres inteligentes atua diretamente sobre esse fluido e, por seu intermédio, sobre toda a natureza submetida às modificações da inteligência. Esse fluido luminoso é o espelho comum de todos os pensamentos e de todas as formas; conserva as imagens de tudo o que existiu; os reflexos dos mundos passados e, por analogia, os esboços dos mundos futuros.

Mesmer viu nessa matéria elementar uma substância indiferente ao movimento como ao repouso. Submetida ao movimento, ela é volátil; caída no repouso é fixa; mas ele não compreendeu que o movimento é inerente à substância primordial; que esse movimento resulta não da sua indiferença, mas da sua aptidão combinada a um movimento e a um repouso equilibrados um pelo outro; que o repouso absoluto não está em parte alguma da matéria universalmente viva, mas que o fixo atrai o volátil para fixá-lo, no entanto que o volátil atua sobre o fixo para volatilizá-lo. Que o pretendido repouso das partículas aparentemente fixadas não é mais que uma luta formidável e uma tensão maior das suas forças fluídicas que se imobilizam, neutralizando-se. É assim que, segundo Hermes, o que está em cima é análogo ao que está embaixo, a mesma força que dilata o vapor, condensa e endurece o gelo; tudo obedece às leis da vida inerente à substância primitiva; esta substância atrai, repele, coagula-se e dissolve-se com uma constante harmonia; é dupla ou andrógina; abraça-se

e fecunda-se; luta, triunfa, destrói, renova-se, mas nunca se abandona à inércia, porque a inércia seria a sua morte.

Essa matéria universal é chamada ao movimento pela sua dupla imantação e procura fatalmente o equilíbrio. A regularidade e a variedade do seu movimento resultam das combinações diversas do equilíbrio. Um ponto equilibrado de todos os lados fica imóvel porque é dotado de movimento. O fluido é uma matéria em grande movimento e sempre agitada pela variação dos equilíbrios. O sólido é a mesma matéria em pequeno movimento ou em repouso aparente, porque é mais ou menos solidamente equilibrada. Não há corpo sólido que não possa imediatamente ser pulverizado, esvair-se em fumo e tornar-se invisível, se o equilíbrio das moléculas cessar de repente. Não há corpo fluido que não possa no mesmo instante tornar-se mais duro que o diamante, se se puderem equilibrar imediatamente suas moléculas constitutivas. Dirigir os ímãs é, portanto, destruir ou criar as formas, é produzir em aparência ou aniquilar os corpos, é exercer a onipotência da Natureza.

Nosso mediador plástico (perispírito ou corpo astral) é um ímã que atrai ou repele a luz astral sob a pressão da vontade. É um corpo luminoso que reproduz com a maior facilidade as formas correspondentes às idéias; é o espelho da imaginação.

Este corpo nutre-se da luz astral, exatamente como o corpo orgânico se nutre dos produtos da terra. Durante o sono absorve a luz astral por imersão e durante a vigília por uma espécie de respiração mais ou menos lenta.

Para resumir, diremos que o *corpo astral* é o duplo perfeito do nosso corpo físico; contribui para moldar este no ato do nascimento e é amoldado conforme o progresso que o Espírito tiver operado na vida. Após a morte, subsiste ainda, possuindo mesmo todas as sensações, todos os apetites do corpo físico, de acordo com a depuração do Espírito.

O corpo astral durante a vida do homem está nele e fora dele; esta faculdade é que fez dizer que o corpo astral era dotado da *quarta dimensão*.⁶

É por uma forte concentração da vontade que o homem pode projetar fora de si o seu corpo astral, pelo menos em parte, pois que, se o projetasse inteiramente, seria isso a morte.

O homem pode, portanto, aparecer fluidicamente (em corpo astral) a uma grande distância do seu corpo físico. Pode mesmo materializar-se, isto é, aparecer com o corpo físico e, nestas condições, ele possui até certo ponto todas as propriedades do corpo terrestre.

Muitas pessoas que em vida nunca projetaram seu corpo astral projetam-no dum modo inconsciente no ato da morte; daí as aparições de finados aos seus parentes ou amigos, aparições freqüentemente relatadas nas obras espíritas.

Um bom magnetizador tem o poder de exteriorizar o corpo astral do seu sonâmbulo. O hipnotizado torna-se desde então uma coisa do magnetizador, que o faz agir à vontade; pode mesmo, traçando um círculo no chão, encerrar aí o corpo astral do sonâmbulo. Enfim, picando esse corpo com um alfinete, maltratando-o, etc., pode fazer experimentar ao sonâmbulo as mesmas sensações, as mesmas dores, em uma palavra, os mesmos efeitos, como se tivesse operado diretamente no sonâmbulo.

O corpo astral é a própria vida do homem; é ele que serve de bálsamo às nossas feridas, às nossas cicatrizes, a toda espécie de feridas que o homem possa ter. É o melhor reconstituente das nossas forças físicas; reconstitui e refaz qualquer parte do nosso organismo prejudicada por uma moléstia qualquer.

Toda ação boa ou má fica inscrita no astral; mas o corpo astral serve igualmente de receptáculo aos micróbios morais, os quais se propagam por seu intermédio, e, sendo igualmente o registrador do bem, ele nota todas as idéias sãs que produzem o bem da Humanidade. Por aí se vê quanto progrediria a Humanidade, se todos os seres dum ciclo, sendo profundamente morais, só fizessem boas ações.

Enfim, apresentando ao nosso público a narração de variados fenômenos que se operaram com o concurso desse mediador plástico, estimaremos que ela possa induzir a proveitosos estudos de psicologia.

Pitris

Prefácio do autor

O fenômeno da ascensão dos corpos humanos, ou da *levitação*, para empregarmos o termo hoje consagrado, parece um dos mais extraordinários entre os que são devidos à força psíquica que a nossa geração procura definir. Poucos todavia há cuja realidade tenha sido demonstrada por um número mais imponente de testemunhos.

Esses testemunhos grubei-os aqui, em quatro capítulos diferentes, para não ferir muito as suscetibilidades que se manifestaram há alguns anos, quando tratei deste assunto num artigo da *Revue Scientifique*, cingindo-me à reprodução dos fatos por ordem de datas.

De um lado, censuraram-me pela falta de respeito à religião, visto confundir os milagres dos santos com as narrativas mais ou menos falsas da história profana. Do outro, argüiram-me por ter tomado a sério os absurdos relatados pelos hagiógrafos.

Não me é possível discutir o valor das obras onde colhi esses fatos, pelo menos quanto aos que são antigos. Cada qual lhes atribuirá o valor que quiser.

Este livro é uma simples compilação destinada a fornecer, àqueles a quem o assunto interessar, uma coleção de documentos que, apesar de incompleta, evitará investigações longas e fastidiosas.

Albert de Rochas

Capítulo I

Casos passados no Oriente

Filóstrato,⁷ falando dos sábios da Índia, diz:

“Damis viu-os elevarem-se ao ar, *na altura de dois côvados*, não para causarem admiração (pois que eles se abstêm dessa pretensão), mas porque, em sua opinião, tudo o que fazem em honra do Sol, *a alguma distância da Terra*, é mais digno desse Deus.”

A propriedade de ficar-se suspenso no ar era um dos caracteres distintivos dos deuses e dos heróis ascetas. Na encantadora *História de Nala*, traduzida por Emílio Burnouf, a bela Damayanti, pretendida em casamento por três deuses ao mesmo tempo que pelo rei Nala, acha-se subitamente em presença de quatro Nalas indiscerníveis. Muito embaraçada, ela conjura os deuses a que tomem outra vez a sua forma divina, e é então que Damayanti os vê com os seus atributos e *sem tocarem no solo*.

Na introdução à *História do Budismo Indiano*⁸ encontra-se a seguinte narrativa:

“Então Bhagavat entrou em tal meditação que, apenas o seu espírito se entregou a isso, ele desapareceu do lugar onde estava sentado e, arremessando-se ao ar do lado do Ocidente, aí apareceu em quatro atitudes, isto é, andou, ficou em pé, sentou-se e deitou-se. Alcançou depois a região da luz... O que ele fizera no Ocidente operou igualmente no Setil. Repetiu-o em seguida nos quatro pontos do espaço e quando, com estes quatro milagres, fez testemunhar o seu poder sobrenatural, voltou a sentar-se no seu lugar.”

As anedotas deste gênero são assaz numerosas nos livros sagrados da Índia, mas apresentam-se geralmente sob uma forma mística, que daria origem a equívocos sobre o verdadeiro caráter do fenômeno, se fatos contemporâneos não viessem determiná-lo com precisão a natureza.

O Sr. Luís Jacolliot refere o seguinte, de que foi testemunha:⁹ O protagonista era um faquir chamado Covindassamy, que vinha de Frivanderam, perto do Cabo Comarim, no extremo sul do Indostão, e estava somente de passagem em Benarés. Fora encarregado de trazer para ali os restos fúnebres de um rico malabar, e habitava provisoriamente à margem do Ganges, em lugar pouco distante da casa alugada pelo Sr. Jacolliot. Havia vinte dias que se entregava ao jejum e à oração, quando se produziram, entre outras cenas prodigiosas, as duas seguintes, que copio textualmente da obra do magistrado francês:

“Tendo ele pegado numa bengala de pau-ferro que eu trouxera de Ceilão, apoiou a mão no castão e, com os olhos fixos no solo, pôs-se a pronunciar conjurações mágicas e outras momices com que se esquecera de mimosear-me nos dias precedentes.

Com uma das mãos apoiada na bengala, o faquir elevou-se gradualmente cerca de dois pés acima do solo, com as pernas cruzadas à moda oriental, e ficou numa posição assaz semelhante à desses budas de bronze que todos os excursionistas trazem do Extremo Oriente.

Procurei, durante mais de vinte minutos, compreender como podia Covindassamy derrogar assim as leis ordinárias do equilíbrio... Não o pude conseguir; apenas a palma da sua mão direita estava em contato com a bengala. Nenhum outro apoio aparente havia para o seu corpo.”¹⁰

Cumprer notar que a cena se passava no terraço superior da casa do Sr. Jacolliot e que o faquir estava quase inteiramente nu. Da mesma maneira sucedeu com este outro fenômeno:

“No momento em que ele me deixava para ir almoçar e dormir a sesta durante algumas horas, o que era para ele da mais urgente necessidade, pois havia vinte e quatro horas que nada comera nem descanso algum tivera, o faquir parou no vão da porta que dava do terraço para a escada de saída e, cruzando os braços no peito, elevou-se ou pareceu elevar-se pouco a pouco, sem apoio aparente, a uma altura de cerca de vinte e cinco ou trinta centímetros. Um ponto que, durante a

rápida produção do fenômeno, eu marcara com segurança, fez que eu fixasse a distância exata. Por detrás do faquir achava-se uma tapeçaria de seda que servia de reposteiro, com as cores vermelha, ouro e branca, em tiras iguais. Notei que os pés do faquir estavam na altura da sexta tira. Ao ver começar a ascensão, eu pegara no meu cronômetro. A produção completa do fenômeno, desde o momento em que o encantador começou a elevar-se até a ocasião em que de novo tocou no solo, não durou mais de oito a dez minutos. Ficou cinco minutos pouco mais ou menos imóvel na sua elevação.

Hoje, que reflito nesta cena estranha, não posso explicá-la de um modo diverso daquele pelo qual tenho interpretado todos os fenômenos que a minha razão já se recusava a admitir, isto é, por qualquer outra causa que não seja um sono magnético, sono que me deixava lúcido, permitindo-me ao mesmo tempo ver pelo pensamento do faquir tudo quanto lhe aprouvesse.

No momento em que Covindassamy me dava a saudação da partida, perguntei-lhe se lhe seria possível reproduzir à vontade este último fenômeno.

– O faquir – respondeu-me ele em tom enfático – poderia elevar-se até às nuvens.

– Como obtém ele esse poder? – perguntei eu.

– É necessário que esteja em constante oração contemplativa e que um Espírito superior desça do céu – foi a sua resposta.”

Eis agora dois fatos igualmente contemporâneos, referidos por indígenas. Foram publicados, em 1880, no *Theosophy*, revista filosófica que se edita em Madras. O primeiro é narrado por José Ootamram Doolabhram, diretor da Escola de Astronomia de Baroda:

“No ano de Samrut 1912 (1856) – diz o sábio hindu – eu estava ocupado em fazer investigações sobre a antiga química e andava à procura de um mestre competente que pudesse fornecer-me as informações de que eu precisava. Depois de

muitas indagações, achei num templo de Mahader, na cidade de Brooch, situada nas margens do rio Narboda, um *sangasi* (asceta) que praticava a ioga (êxtase), e fiquei sendo um dos seus discípulos. Era um homem de cerca de trinta e cinco anos, estatura um pouco acima da mediana, exterior muito belo, com uma expressão inteligente e faces de uma tez rósea particular, que nunca vi em rosto algum. Tinha a cabeça rapada e usava o vestuário cor de açafão dos *sangasis*. Nascera no Pendjah. Era conhecido pelo nome de Narazanaud. Como todos os homens da sua casta, ele era de difícil acesso e não quis aceitar-me como discípulo nem permitiu que eu entrasse em relações familiares com ele sem se ter certificado, por um interrogatório minucioso, da sinceridade das minhas intenções e da minha capacidade para o estudo da ioga. Omito particularidades e me contentarei em dizer que acabei por alcançar o que desejava. Narazanaud aceitou-me como discípulo. Recebi a sua bênção e servi-o por dois anos.

Durante esse tempo, aprendi praticamente muitas coisas que só conhecia em teoria pela leitura dos nossos *shastras* (tratados de Teologia) sagrados. Iniciei-me em muitos segredos da Natureza e pude convencer-me, com provas numerosas, do poder que o homem tem de dominar-lhe as forças, pois o meu mestre praticava, entre outras coisas, o *pranayama* ou suspensão do fôlego.¹¹

Não pretendo explicar, na linguagem da ciência ocidental, os efeitos produzidos no corpo humano por esse ramo do *yog vidia* (união mística da alma com Deus); mas, o que posso dizer é que, enquanto o *sangasi* estava absorvido e em contemplação, cumprindo o seu *pranayama*, sentado na postura prescrita do *padmazan*,¹² o seu corpo foi elevado acima do solo a uma altura de quatro pés e ficou suspenso no ar durante quatro ou cinco minutos, ao mesmo tempo em que eu podia passar a mão por baixo dele, certificando-me assim de que a levitação era um fato bem real.”

A segunda narrativa faz parte de um artigo assinado *Bubu Khrisna*:

“Há cerca de trinta anos, quando eu era um rapazinho de dez anos, em Benarés, vi um parente meu, chamado Amarchand Maitreyer, que era conhecido na cidade pela prática do *Yoga dharma* (lei de união em Deus). Esse venerável velho podia elevar o corpo à altura de um pé e meio acima do solo e ficar suspenso assim mais de um quarto de hora. Os seus dois netos e eu, que tínhamos quase a mesma idade, perguntamos-lhe, com infantil curiosidade, o segredo desse fenômeno. Recordo-me muito bem de que ele nos disse que, pelo *kumbha yoga*,¹³ o corpo humano se torna mais leve que o ar ambiente e pode flutuar acima do solo. Esta explicação pareceu-nos suficiente.”¹⁴

Comunicaram-me a narrativa seguinte, assinada Bavadjée D. Natts, e datada de novembro de 1885:

“Há dez anos viajava eu com um *biragi* (asceta), quando chegamos perto do *ashrma* (loja) de uma confrariuzinha de místicos no sul da Índia. Pedi ao meu companheiro que me esperasse na aldeia próxima, acrescentando que tinha alguma coisa para fazer na loja, porém ele fez questão de acompanhar-me a fim de tomar conhecimento com os ocultistas. A loja é cercada por duas colinas. No fundo do vale há um bosquezinho e mais além um rio. Pelo outro lado há um subterrâneo que conduz a um templo muito conhecido sob o nome de Hanman e situado no alto da colina. Eu não sabia o que fazer do meu companheiro. Passamos a noite no bosquezinho, decididos a entrarmos no dia seguinte no vale. Logo que nos estendemos para dormir, cerca das 8 horas da noite, o meu companheiro recebeu psiquicamente um aviso para que deixasse desde logo o lugar. Ele acreditou que isso fosse um efeito da sua imaginação e, como tinha vontade forte, resolveu ficar, acontecesse o que acontecesse. No fim de alguns minutos sentiu-se agarrado por enorme e vigorosa mão. Em meio minuto foi transportado para fora do bosque, até à margem oposta do rio, e atirado, sem sentidos, no chão. Atravessei o rio e, depois de o ter magnetizado por algum tempo, ele voltou a si. Não sofria; sentia-se, porém, muito fraco. Disse-me que só perdera os sentidos no momento em

que foi atirado ao chão e que sentira perfeitamente a mão enorme do *elemental*.¹⁵ Quis então tentar a entrada no vale pelo outro lado. Dirigimo-nos para a colina onde estava edificado o templo. Aí, deparou-se-nos a entrada do subterrâneo que conduzia à loja. Então ouvimos uma voz forte e clara que induzia o meu companheiro a não persistir no seu projeto. Dizia-lhe que as duas primeiras tentativas seriam perdoadas, porém que uma terceira poderia custar-lhe a razão. Entretanto, como homem resoluto, não deu atenção à voz do *Asarivi vak* (voz do mundo sem forma). Mal tinha formulado essa resolução em seu espírito, tornou-se inconsciente e foi transportado a alguma distância para baixo até um lugar de descanso, onde tínhamos parado ao subirmos. Uma vez ali, voltou a si.

As pessoas que estavam nesse lugar não podiam compreender como ele para ali voltara tão depressa. No momento em que fora arrebatado, pus-me a descer a colina e gastei uma hora para ir ter com ele.

Quando cheguei, os assistentes afirmaram que o meu amigo estava ali havia uma hora e lamentavam sua sorte. Ele compreendeu então o seu erro e consentiu em esperar por mim. Sem entrar em outras minúcias, direi que durante todo o tempo essa loja foi guardada por dois poderosos elementais, que vedavam a passagem a quem desejasse aí penetrar sem o seu consentimento.

Algum tempo depois dessa aventura, eu e um amigo (graduado na Universidade) relacionamo-nos com um iogue. Passávamos quase todo o nosso tempo em aprendizagem junto dele. O iogue tinha o costume de levantar-se às três horas da manhã e dirigir-se para o rio que ficava próximo de sua casa, voltando somente à tarde. O meu amigo, impulsionado por viva curiosidade, propôs um dia que nos levantássemos antes do iogue e fôssemos esperá-lo nas proximidades do rio para vermos o que ele fazia. Cedi, não sem alguma repugnância. Nessa tarde, quando fomos a sua casa, o iogue sorriu e disse-nos: – Quereis saber o que eu faço próximo do

rio. Pois bem! Não precisais de vos tornardes espiões. Irei buscar-vos de manhã cedo e iremos juntos.

Assim o fez. Todos os três, trepados em pedras que estavam no rio, lavamos as nossas roupas, segundo a moda hindu, antes de nos banharmos. Depois de o meu amigo e eu nos termos banhado e feito o nosso *sandhzavandana* (cerimônia), procuramos com a vista o iogue. Foi impossível encontrá-lo. Eram perto de quatro horas da manhã e a Lua brilhava ainda. Chamamo-lo, porém isso foi igualmente em vão.

Acreditamos então que ele houvesse sido arrastado pela corrente e se afogado, quando vimos aparecer, na superfície da água, a sombra da bela forma do místico com os seus trajes amarelos. Levantamos os olhos e avistamo-lo em pessoa deitado a todo o comprimento como se dormisse numa cama de ar a 30 pés por cima das nossas cabeças. Ao romper do dia, vimo-lo descer com lentidão, até cair suavemente na água. Banhou-se então e voltou para casa conosco.

Desde esse dia, vimos o iogue todas as manhãs, suspenso e flutuando na água durante quase duas horas e meia. Esta experiência se repetiu durante um mês. O iogue chamava-se Ramagiri Swamy.”

Eis como o mesmo autor explica o fenômeno da levitação:

“A levitação no ar, postergando a lei da gravitação afirmada pela ciência moderna, é unicamente explicável pela teoria da atração e da repulsão universal. Se os médiuns são levantados, é porque, temporariamente, são tornados *positivos* em relação ao magnetismo da Terra, a que se conveniou chamar *positivo*. Em cada organismo humano há, como no resto da Natureza, os dois magnetismos, o positivo e o negativo. O que chamamos vida não é mais que o resultado da ação e da reação constante dessas forças positivas e negativas. A cessação ou o equilíbrio dessas forças é a morte. Esta observação, todavia, não se aplica aos iogues. Os ocultistas podem à vontade produzir esse equilíbrio em sua natureza física sem morrerem, fato este que se dá com os fa-

quires da Índia, pois podem ficar enterrados durante quarenta dias.

Se fôssemos de natureza inteiramente negativa, estaríamos enraizados como árvores. Se fôssemos completamente positivos, não poderíamos estacionar um só momento no chão e seríamos sempre repelidos da sua superfície, porque as forças positivas se repelem. Quando por nossa vontade saltamos momentaneamente, tornamo-nos positivos; quando ficamos ou nos sentamos no chão, tornamo-nos inteiramente negativos em relação à Terra. Como a nossa força de vontade não é desenvolvida e, por conseguinte, não é tão forte como a de um ocultista, não podemos ser levantados; e se nos conservamos em pé ou ficamos demasiado tempo sentados, sobrevém o cansaço e somos obrigados a mudar de posição.”

Capítulo II

Casos tirados da história profana do Ocidente

Se do Oriente passarmos ao Ocidente, encontraremos centenas de exemplos da levitação.

As *Constituições Apostólicas* (1. VI), Arnóbio (*Tratado contra os Gentios*), 1. II) e Sulpício Severo (*História Sacra*, I. II), cap. XXVIII) referiram a desventura de Simão, o Mago, que, depois de se ter elevado aos ares à vista de Nero e do povo reunido, foi precipitado e quebrou a perna.

“Vi – diz noutro lugar Sulpício Severo (Dial. 3, cap. VI) – um possesso elevado ao ar, com os braços estendidos ante a aproximação das relíquias de São Martinho.”

Durante a cerimônia de iniciação de Juliano, o Apóstata, nos mistérios de Diana em Éfeso, o iniciador, o filósofo Máximo, elevou-se aos ares com o iniciado. (Lamey, *Vida de Juliano, o Apóstata*.)

São Paulino, na *Vida de São Félix de Nola*, atesta ter visto um possesso caminhar contra a abóbada de uma igreja, com a cabeça para baixo, sem que a sua roupa se desarranjasse.

Jâmblico cita, entre os prodígios operados por certos homens, o transporte para lugares inacessíveis e por cima dos rios.

“Nisto também quero indicar-te por que sinais se reconhecem aqueles que são verdadeiramente possuídos pelos deuses... Aqui tens um dos principais: Muitos deles não são queimados pelo fogo, porque o fogo não lhes pode tocar, e muitos, se os queima, não o percebem, porque então não vivem da vida animal. Outros, atravessados por pontas de ferro, não as sentem. Outros recebem machadadas nas costas ou golpeiam os braços com punhais, sem que o sintam.

Suas ações não têm caráter algum humano. O transporte divino os faz passar por lugares inacessíveis; eles se atiram ao fogo, andam no fogo, *atravessam os rios*, como a sacerdotisa Kastabaliana...

Há numerosas formas da possessão divina... Nesses diferentes casos, os sinais que apresentam os inspirados são diversos; algumas vezes parece que o corpo cresce, incha ou é levado a uma grande altura nos ares...”¹⁶

Cristina de Pisan, na sua *História de Carlos V*, falando de Guilhermina da Rochella, diz que ela era mulher muito amiga da solidão e contemplação, pois pessoas fidedignas lhe afirmaram tê-la visto em contemplação, suspensa a mais de dois pés de altura.

Encontra-se no *Místico*, por Gorres:

“O bispo de Pamplona, Fr. de Sandoval, na sua *História de Carlos V*, conta o fato seguinte ocorrido por ocasião de um processo de feiticeiras que foi apresentado ao Conselho do Estado de Navarra. Querendo convencer-se, por seus próprios olhos, da verdade dos fatos de que eram acusadas as feiticeiras, prometeu o seu perdão a uma, se ela quisesse exercer, na sua presença, as artes mágicas. A feiticeira aceitou a proposta, e só pediu que lhe restituíssem a caixa de unguento que lhe tinham tirado. Subiu a uma torre com o comissário e muitas outras pessoas; depois, tendo-se posto em uma janela, esfregou com o unguento a palma da mão, os rins, as articulações dos cotovelos, o antebraço, as espáduas e o lado esquerdo. Gritou depois com voz forte: “Estás aí?” E todos os assistentes ouviram no ar uma voz que respondeu: “Sim, estou.” A feiticeira pôs-se então a descer da torre, servindo-se dos pés e das mãos como um esquilo. Quando chegou quase ao meio da torre, tomou o vôo e os assistentes seguiram-na com a vista até que ela desaparecesse no horizonte. Estavam todos estupefatos, e o comissário mandou anunciar publicamente que aquele que entregasse de novo essa mulher teria, como recompensa, uma grossa quantia. Pastores, que a encontraram, trouxeram-na passados dois dias. Perguntou-lhe o comissário por que não voara ela para mais longe, a fim de escapar aos que a buscavam. Respondeu que o seu senhor não quisera levá-la mais do que a três

léguas de distância, deixando-a no campo onde a tinham encontrado os pastores.”

Calmeil (*De la Folie*, tomo I, pág. 244) narra a aventura do doutor Forralba, sábio afamado que, em 1519, pretendeu ter vindo da Espanha a Roma através da atmosfera, a cavalo num pau, e que, em 1525, anunciara aos habitantes de Valladolid o saque de Roma no dia seguinte àquele em que o fato se realizara, dizendo que acabava de presenciá-lo do alto dos ares.

Um respeitável missionário do fim do último século, chamado Delacour, numa carta endereçada ao Sr. Finslow, refere um fato de que foi testemunha ocular e que Calmeil cita igualmente no seu livro *De la Folie* (tomo II, pág. 419). Trata-se de um indígena, jovem de dezoito a dezenove anos, ao qual julgavam possesso do demônio e que lhe haviam trazido para que o curasse.

“Resolvi, num exorcismo – diz ele –, ordenar ao demônio que o transportasse ao teto da igreja com os pés para cima e a cabeça para baixo. Desde logo o seu corpo inteiriçou-se, como se todos os membros o houvessem tolhido, ele foi arrastado do meio da igreja até uma coluna, e aí, com os pés juntos, com as costas arrimadas à coluna, sem o auxílio das mãos, foi transportado, num abrir e fechar de olhos, ao teto como um peso que fosse atraído de cima com velocidade, sem parecer que da parte do mancebo houvesse ação. Suspenso do teto, com a cabeça para baixo, fiz que o demônio confessasse, como era meu propósito, a falsidade da religião pagã. Mantive-o mais de meia hora no ar e, não tendo tido perseverança bastante para mantê-lo aí por mais tempo, tal susto eu tinha do que estava vendo, ordenei-lhe que o pusesse a meus pés, sem fazer-lhe mal... Imediatamente o jovem me foi atirado como uma trouxa de roupa suja, sem que ficasse molestado.”

Outro missionário diz-nos:¹⁷

“Vi um índio, a quem fui batizar, ser subitamente transportado, do caminho que o conduzia à igreja, para outro lugar.”

Esse padre, que habitava perto de Cantão, acrescenta que “esses fatos não eram raros nos países idólatras e que ele não fora a única pessoa que os havia observado”.

Lê-se nas *Mémoires*, de Fléchier, sobre *os grandes dias de Clermont* (pág. 69), a anedota seguinte:

“Quando chegamos, encontramos no albergue o Sr. Intendente, que voltava de Aurillac e tivera muita dificuldade para se livrar da neve. Mandara prender um presidente da eleição de Brioude, acusado de vários crimes e mais particularmente de magia. Um dos seus criados afirmara que ele lhe dera sortilégios que o faziam algumas vezes *levantar do chão*, quando ia para a igreja, à vista de toda a gente.”

Um sábio beneditino, D. La Faste, que foi testemunha ocular dos prodígios operados pelos convulsionários de San-Médard, diz, falando da senhorita Thévenet:

“Ela se elevava de tempos a tempos a sete ou oito pés de altura, e até ao teto. Ao elevar-se, suspendia, até à altura de três pés, duas pessoas que puxavam por ela com todas as forças. Os físicos verão nisto simplesmente a Natureza?”

Eis um fato ainda mais prodigioso: Enquanto a senhorita Thévenet se elevava com a cabeça para cima, as saias e a camisa dobravam-se-lhe, como por si mesmas, sobre a sua cabeça. Operou a Natureza alguma vez tais efeitos ou pode operá-los?”¹⁸

Conheci, há alguns anos, em Ardèche, uma estigmatizada a quem ordinariamente chamavam *santa Coux*. Era sujeita a freqüentes arroubos, com relação aos quais a Sra. D... se dignou dar-me as particularidades seguintes:

“... Com profunda admiração, eu a vi ficar com os olhos fixos, mas animados, elevar-se pouco a pouco acima da cadeira em que estava sentada, estender os braços para diante,

tendo o corpo inclinado nessa mesma direção, e permanecer assim suspensa, com a perna direita dobrada por baixo dela, tocando a outra no chão apenas com o dedo do pé. Foi nessa posição, impossível a qualquer pessoa em estado natural, que eu sempre vi a senhora Vitória, nos seus arroubos extáticos, quando eu tinha a felicidade de visitá-la muito regularmente, duas vezes por semana. Na ocasião dessas visitas, ela tinha dois ou três êxtases, que duravam de dez a vinte e cinco minutos. Eu a vi nesse estado mais de mil vezes, sobretudo durante os primeiros anos das nossas relações.”¹⁹

O Sr. Brown-Séquard conta que em 1851 foi testemunha de um caso de êxtase numa donzela que, todos os domingos, às oito horas da manhã, subia para a beira arredondada e lisa do seu leito e aí ficava em linha vertical na ponta dos pés, até às oito horas da noite, em atitude de quem ora, com a cabeça deitada para trás.

Chardel diz²⁰ ter ouvido, há alguns anos, em Paris, numa reunião mística, uma sonâmbula de catorze anos declarar, no meio de um salão, que o céu estava aberto aos seus olhos, e anunciar que, chegada a Páscoa, *o fervor das suas orações elevá-la-ia e sustentá-la-ia no ar*, entre o soalho e o teto. “Facilmente se conjectura, acrescenta ele, que o milagre não se realizou; mas pouco faltou para que a donzela, cuja fé passava assim por uma decepção, enlouquecesse.”

O Sr. de Mirville vai mais longe e afirma²¹ ter visto, num sono magnético muito profundo, os sonâmbulos *voarem* em volta dos lustres do salão.

Eis enfim outros fatos que encontro em diversos livros, sem indicação suficiente de origens, porém que eu cito para mostrar que o fenômeno se reproduziu nas circunstâncias mais diversas.

São Paulino atesta ter visto, com seus olhos, um possesso caminhar de cabeça para baixo contra a abóbada de uma igreja.

Moller refere que, em 1620, dois sacerdotes protestantes estavam junto de uma mulher doente deitada no seu leito, quando a viram pular, elevar-se até uma altura de 7 a 8 pés e ficar no ar até

que eles a obrigaram a voltar para o leito. Horst conta um fato semelhante na sua *Deuteroscopia*.

O *Ritual dos Exorcismos* classifica também, entre os sinais que é necessário constatar para estabelecer a possessão, a *suspensão aérea do corpo do possesso, durante um tempo considerável*.

O Sr. Leopoldo Delisle estudou²² recentemente um manuscrito da biblioteca do Vaticano, escrito em 1428 por um francês adido à Corte Pontifical. Esse manuscrito é uma crônica que tem por título *Breviarium historiale*, e que termina por algumas particularidades sobre Joana d'Arc, que então vivia e estava combatendo os ingleses.

“Se ela está – diz o cronista – isenta de superstições e de sacrilégios, é o que será fácil reconhecer por três característicos que obstam a que se confundam os milagres praticados pelos bons com os dos maus. Os primeiros operam-se em nome de Deus e têm sempre uma verdadeira utilidade, ao passo que os outros se resolvem em males ou futilidades, *como quando se voa nos ares* ou se provoca o entorpecimento dos membros humanos.”

No ano de 1612, em Beauvais, uma velha mendiga, Dionísia Lacaille, foi tratada como possessa e exorcizada pelo padre Pot, religioso jacobino. “De repente, ela elevou-se no ar, dando berros horríveis. Eclesiásticos e devotos, receando que a criatura agitada viesse a descobrir-se, seguravam-lhe os pés por caridade.” (Garinet, *Histoire de la Magie en France*, pág. 191.)

No ano de 1491, um convento inteiro de donzelas, em Cambrai, é vítima dos Espíritos malignos, que as atormentam durante quatro anos. Elas correm pelo campo, atiram-se ao ar, trepam nos telhados e nos troncos das árvores, como gatos. Algumas predisseram o futuro. (Del Rio, *Disquisitiones magicæ*; Delancre, *Da Incredulidade e Descrença*.)

Calmeil, no seu tratado *De la Folie* (tomo I, pág. 255), cita um convento em Uvertat, no Condado de Hoorn, onde, no meado do século XVI, depois de uma quaresma em que haviam sido submetidas a um jejum austero, as freiras caíram em crises

convulsivas. Algumas, sentindo dificuldade em se equilibrarem nas articulações, caminhavam de joelhos, arrastando as pernas. Outras entretinham-se em trepar ao cimo das árvores, *donde desciam com os pés para o ar e a cabeça para baixo... Por instantes, saltavam para o ar e tornavam a cair com força no chão.* Sentiam-se arrastadas para fora do leito e escorregavam sobre o soalho, como se as puxassem pelas pernas. Quase todas tinham, na planta dos pés, uma sensação de queimadura ou cócegas, que muitas vezes se acha mencionada na descrição das crises análogas.

Terminarei este capítulo com uma citação da obra publicada recentemente pelo célebre naturalista Sr. Alfred Russell Wallace, intitulada *Les Miracles et le Moderne Spiritualisme*.

“Lord Orrery e o Sr. Valentim Greatrak informaram ambos ao Dr. Henrique More e ao Sr. Glanvil que, na casa de Lord Convay, em Sagley, Irlanda, um despenseiro deste cavalheiro, na sua presença e em pleno dia, elevou-se ao ar e flutuou na atmosfera, em todo o quarto, por cima das suas cabeças. Isto é relatado por Glanvil no seu *Sadducismus Triumphatus*. O Sr. Madden, na sua *Biografia de Savonarola*, depois de ter contado deste monge um caso semelhante, observa que tais fenômenos têm sido assinalados numerosas vezes e que a evidência, na qual se baseiam as narrativas que são feitas, merece tanto crédito quanto pode merecer um testemunho humano. Enfim, nenhum de nós ignora que se podem encontrar, em Londres, pelo menos cinquenta pessoas de elevado caráter que certificarão ter constatado a mesma coisa a respeito do Sr. Home.” (págs. 16 e 17.)

Capítulo III

Casos tirados dos hagiógrafos

No capítulo XXXII do tomo II da *Mística Divina*, o abade Ribot, professor de teologia moral no grande seminário de Orleães, refere um grande número de casos de levitação atribuídos a santos. Prefiro citá-lo textualmente, limitando-me a suprimir os textos originais em latim, pelo autor, na parte inferior das páginas.²³

Os seres corporais são ligados entre si, como os elos de uma longa cadeia, por ações e reações que se prolongam e se repercutem até nos últimos confins do mundo físico. Em cada ponto do espaço material inscreve-se a resultante das ações recíprocas que exercem, umas sobre as outras, as partes que o compõem.

Essa lei primordial da matéria, que põe os seus elementos constitutivos em relação de dependência, de ligação ou, como se exprimem os filósofos escolásticos, de continuidade, tem o nome de atração quando considerada sob o ponto de vista geral. Aplicada, porém, à razão, com a massa terrestre dos objetos que a cercam, é o que chamamos a gravidade. Todos os corpos estão submetidos à atração imperiosa que os impele para o centro da Terra, até que o equilíbrio se estabeleça entre a ação e a resistência. Os próprios corpos vivos a ela estão sujeitos. Todavia, a vida orgânica é uma espécie de luta e reação contra essa escravização da matéria pela matéria; e, quanto mais poderoso e livre é o princípio da vida, tanto mais o corpo que ele anima e governa parece esquivar-se às servidões exteriores. Uma alma valorosa comunica aos membros e aos órgãos alguma coisa de presteza e da agilidade do espírito.

Na vida mística, essa espiritualização é muitas vezes levada até ao milagre. Deixando de lado os fenômenos ordinários que resultam da simples influência da alma sobre o corpo, como um andar fácil, ligeiro, precipitado, movimentos vivos e rápidos, sob o impulso de um transporte interior – fatos, aliás, cujo caráter maravilhoso assinalamos, falando do êxtase e da jubilação –

queremos, presentemente, mencionar apenas as derrogações da lei física de gravidade que a ação vital não basta para explicar.

Produzem-se principalmente no êxtase e em graus diversos. Poucos extáticos há que não tenham sido vistos, uma ou outra vez, em seus arroubos, elevados acima do solo, suspensos no ar sem apoio, flutuando às vezes, e balançando-se à menor aragem.

“Em arroubo – escreve de si mesma Santa Teresa –, o meu corpo tornava-se tão leve, perdendo de tal modo o peso, que algumas vezes eu deixava de sentir os pés tocarem no chão.”²⁴

Quando Maria de Agreda ficava em êxtase, seu corpo elevava-se igualmente, como se fora imponderável, e um sopro, mesmo de longe, o fazia oscilar e mover como uma leve pena. Poder-se-iam citar exemplos aos centos. Conta-se, em particular, que diversos santos padres, entre outros São Pedro de Alcântara, São Filipe de Néri, São Francisco Xavier, São José de Cupertino e São Paulo da Cruz, tinham no altar esses êxtases aéreos.

Às vezes não é uma simples elevação acima do solo, mas sim uma verdadeira ascensão aos ares. Domingos de Jesus-Maria, religioso carmelita, tão célebre pelos seus êxtases, elevava-se a ponto de seus irmãos mal poderem, estendendo os braços, tocá-lo na planta dos pés. São Pedro de Alcântara chegava algumas vezes, em seus transportes, até ao teto do coro. Num dia da Ascensão, enquanto salmodiava no jardim entre duas das suas companheiras, a bem-aventurada Inês de Boêmia, em súbito arroubo, elevou-se aos ares na presença delas até que não tardaram a perdê-la de vista, e só tornou a aparecer no fim de uma hora, com o rosto radiante de graça e de alegria. Diversas vezes, durante as suas orações contemplativas, Santa Coleta desaparecia inteiramente no espaço, à vista das suas irmãs.

Certos êxtases imprimem ao corpo um movimento rápido e impetuoso que, com justeza, se qualificou de vôo. São Pedro de Alcântara, ouvindo cantar no jardim do convento, por um frade que se exercitava no ofício, as primeiras palavras do Evangelho segundo São João: *In principio erat Verbum*, foi subitamente arrebatado, dando ao corpo, por uma espécie de instinto irresistí-

vel, a forma de uma bola; sem tocar no chão, arrojou-se, atravessou com incrível celeridade, sem que mal algum lhe acontecesse, três portas muito baixas que conduziam à igreja e veio parar defronte do altar-mor, onde seus irmãos, que corriam ao seu encalço, o foram encontrar abismado no êxtase. Acontecia muitas vezes que ele se ajoelhasse ao pé das árvores e aí, em êxtase, se elevasse, com a ligeireza de pássaro, até aos ramos mais altos. O bem-aventurado Filipino, também da Ordem de São Francisco, permanecia suspenso nos ares, por cima dos grandes carvalhos, como uma águia que paira em liberdade.

Esses prodígios superabundam na vida do bem-aventurado José de Cupertino. Viam-no voar até às abóbadas da igreja, sobre as bordas do púlpito, ao longo das paredes donde pendia o crucifixo ou alguma imagem piedosa, em direção à estátua da Santa Virgem e dos Santos, pairar sobre o altar e por cima do tabernáculo, arremessar-se ao alto dos ares, agarrar-se e balançar-se nos menores ramos com a ligeireza de um pássaro, enfim, transpor de um pulo grandes distâncias. Uma palavra, um olhar, o menor incidente que tivesse ligação com a piedade, produziam-lhe esses transportes. Quiséramos descrever algumas dessas cenas que o mundo tacharia de estranhas e ridículas e que achamos admiráveis, visto atestarem o maravilhoso poder das almas santas sobre o corpo e a Natureza e, melhor ainda, sobre o coração de Deus, que as liberta a seu gosto das servidões vulgares; mas essas descrições prolongadas não entram no nosso programa.

A agilidade sobrenatural manifesta-se também fora do êxtase e sob as formas múltiplas que acabamos de descrever. Margarida do Santíssimo Sacramento passava quase instantaneamente de um ponto a outro. Encontravam-na no coro, na enfermaria, na sala dos exercícios, mesmo sem que as portas estivessem abertas, e várias vezes suas irmãs a viram levantada acima do solo, como se o seu corpo tivesse perdido o peso. Um dia em que ela ia colher uvas para uma doente, avistaram-na elevando-se sem esforço até à altura das uvas, despegá-las e tornar a descer. Ana-Catarina Emmerich conta de si própria que, desempenhando as funções de sacristã, trepava e demorava-se em pé nas janelas, sobre as cornijas, sobre ornatos em relevo, fazendo toda a limpe-

za em lugares humanamente inacessíveis, sem medo nem inquietação, acostumada como estava, desde a infância, a ser assistida pelo seu bom anjo, e sentindo-se além disso levada e sustentada no ar por uma invisível virtude.

Não somente a agilidade e a simples ascensão se encontram fora do êxtase, mas também o vôo no que ele tem de mais maravilhoso. Santa Cristina, cognominada a Admirável, oferece-nos um notável exemplo. Não temos que discutir aqui o caráter histórico das excentricidades atribuídas a essa santa, que os próprios bolandistas qualificam de paradoxal. Para nós, é suficiente que esses doutos autores tenham aceitado as narrativas que lhe dizem respeito, declarando-as, pelo menos na parte que citamos, dignas de crédito e consideração.

Omitir tais narrativas por temor do escândalo que a incredulidade pode provocar seria ceder a um respeito humano que há muito tempo nos deveria ter detido e que nos parece tão contrário à piedade como à Ciência.

Eis, em algumas palavras, o resumo dessa singular existência:

Cristina nasceu em San-Frond, na província de Liège, pelo meado do século XII. Órfã em pouco tempo, ela ficou com duas irmãs mais velhas e ocupava-se em guardar os rebanhos nos campos. Ativados, porém, pela contemplação, os ardores da sua alma tornaram-se tão intensos que o corpo não pôde resistir. Ela caiu doente e morreu. No dia seguinte, levaram os seus despojos à igreja para a cerimônia dos funerais. Na ocasião do *Agnus Dei* da missa que se celebrava por ela, viram-na de repente mexer-se, levantar-se no esquife e voar, como um pássaro, até à abóbada do templo. Os assistentes fugiram espantados, à exceção da irmã mais velha, que ficou imóvel, mas não sem terror, até ao fim da missa. Atendendo à ordem do sacerdote, Cristina desceu ilesa e voltou para casa, onde tomou a refeição com as suas irmãs. Contou depois aos amigos, que vieram para interrogá-la, que logo depois da sua morte os anjos a tinham sucessivamente transportado ao purgatório, ao inferno, ao paraíso. Aí, fora-lhe dada a escolha de ficar para sempre neste lugar ou de voltar à Terra para, com os seus sofrimentos, trabalhar no resgate das almas do purgatório, o que ela aceitara sem hesitação.

Pelo purgatório tinha ela que passar, pois que desde então começa para essa virgem admirável a vida mais estranha. A presença e o contacto dos homens são-lhe insuportáveis. Para evitá-los, ela foge para os desertos, voa para cima das árvores, para o alto das torres, para as empenas das igrejas, para todos os pontos elevados. Julgam-na possessa, perseguem-na, apanham-na com muita dificuldade e prendem-na com cadeias de ferro. Ela, porém, solta-se e continua as suas corridas aéreas, indo de uma para outra árvore, como faria um pássaro. A fome, todavia, aperta-a. Invoca então o Senhor e, contra todas as leis da Natureza, os seios destilam-lhe um leite abundante com que ela se alimenta durante nove semanas. Cai segunda vez nas mãos dos que a perseguiam, mas escapa-lhes novamente, e vai a Liège pedir a um sacerdote a divina Eucaristia. Munida desse alimento celeste, sai da cidade, levada pelo Espírito com a rapidez de um turbilhão, atravessa o Meusa, ligeira como um fantasma, e torna a começar a sua vida errante, longe das moradas humanas, nos cimos das árvores e das torres, muitas vezes sobre as estacas que cercavam as sebes, nos ramos mais delgados, onde pousava e se balançava como um pardal.

Envergonhados dessas aparentes extravagâncias, que o público atribuíra a uma legião de demônios, as suas irmãs e os seus amigos pagaram a um malvado, homem de muita força, para que a agarrasse. Tendo-se esse homem posto ao seu encalço e não conseguindo agarrá-la, pôde contudo aproximar-se bastante para quebrar-lhe, com uma pancada de clava, o osso de uma perna, e foi nesse estado que a trouxe às irmãs.

Por compaixão, elas mandaram levá-la num carro a um médico de Liège, recomendando-lhe ao mesmo tempo que a curasse e prendesse bem. Este encerrou-a numa adega que tinha por única abertura a entrada, atou-a com segurança a uma coluna e tornou a fechar a porta, depois de ter aplicado ao membro fraturado as ligaduras convenientes. Logo que ele se retirou, Cristina atirou fora o aparelho, tendo como indigno recorrer a outro médico que não fosse o Senhor Jesus. A sua esperança não foi iludida. Uma noite, o Espírito de Deus veio derramar-se sobre ela, quebrou suas cadeias, curou-a de sua fratura e ela, livre, corria e pulava

de alegria no seu cárcere, louvando e bendizendo Àquele por quem resolvera viver e morrer.

Não tardou que, sentindo-se o seu espírito angustiado entre essas paredes, ela conseguisse, com a ajuda de uma grande pedra, abrir uma saída e, veloz como uma seta, arremessando-a para fora, reconquistar a sua liberdade.

Apanhada pela terceira vez, apertaram-na de tal forma a um banco de pau, que as cadeias em breve penetraram-lhe nas carnes. Acabrunhada de sofrimentos, aos quais veio juntar-se o tormento da fome, recorreu de novo ao Senhor, e viu então correr de seus peitos, assim como já referimos, um óleo límpido com o qual molhou o pão e untou as chagas. Enternecidas com esse espetáculo, as irmãs, até então desumanas por incredulidade, tiraram-lhe as cadeias e permitiram-lhe que seguisse, em toda a liberdade, o Espírito que a animava. Continuou, com efeito, as suas santas loucuras durante longos anos, porque decorreram quarenta e dois anos entre a sua ressurreição e a sua morte, que se efetuou no ano de 1224.

Esse poder ascensional produz-se algumas vezes com tal energia que nenhum obstáculo é capaz de o conter. O que acabamos de narrar a respeito de Cristina, a Admirável, bastaria como prova, mas não é este o único exemplo. Assinalemos também S. José de Cupertino, no qual pareciam reunir-se todas as maravilhas da vida extática. Num dia da Imaculada Conceição, ele convidou o padre guardião a repetir com ele: *Pulchra Maria!* (Maria é bela!); e logo que repetiu estas palavras, o santo, entrando em êxtase, passa o braço em volta da cintura do seu superior e leva-o consigo para os ares, repetindo juntos: *Pulchra Maria! Pulchra Maria!*

Outra vez, trazem-lhe um cavaleiro, em estado de demência, para que obtenha de Deus a sua cura. O santo manda-o ajoelhar e, pondo-lhe a mão na cabeça, diz-lhe: “Sr. Baltazar, não tenha receio. Recomendo-o a Deus e à sua santíssima Mãe...” No mesmo instante, dá o grito que habitualmente anuncia o êxtase: “Ah!”, agarra o homem pelos cabelos, eleva-se com ele ao espaço, onde o conserva suspenso por algum tempo, e quando os seus pés de novo pousaram no chão o doente estava curado.

A ascensão aérea não é a única forma da agilidade sobrenatural; produz-se também no andar sobre as águas. Os primeiros exemplos são oferecidos pelo Evangelho. Sabe-se que o Salvador caminhou sobre as ondas como na terra firme e permitiu ao príncipe dos apóstolos que avançasse para ele sobre as vagas agitadas. O prodígio reproduziu-se mais de mil vezes no mar, nos lagos, nos rios e nos ribeiros, para atestar que Deus compraz-se em libertar os seus santos da escravidão natural.

O Breviário romano assinala, entre os mais brilhantes milagres atribuídos a S. Raimundo de Penaforte, a sua travessia da ilha Maiorca a Barcelona, isto é, uma extensão de cento e sessenta milhas marítimas, que ele e o seu companheiro transpuseram em seis horas, sem outra barquinha senão a sua capa.

S. Jacinto, não encontrando barqueiro para atravessar o Vístula, armou-se com o sinal da cruz e entrou resolutamente no rio, cujas águas se formaram firmes debaixo dos seus pés. Os seus companheiros, porém, menos confiantes, não ousavam segui-lo. Volta então a eles e, estendendo a capa sobre as águas, os faz subir na mesma e os conduz assim até à outra margem, diante de numerosa multidão. A Igreja imortalizou esse milagre, consignando-o na bula de canonização e na legenda do Breviário.

Em outra conjuntura, o mesmo santo renova esse prodígio de um modo mais prodigioso ainda. Os tártaros acabavam de tomar de escalada a cidade de Kiev e entregavam já tudo à pilhagem, quando avisaram o santo, que estava no altar, de que não havia um instante a perder se quisesse salvar-se com a comunidade. Ele submeteu-se a esse aviso e, sem deixar as vestes sagradas, toma em suas mãos o santo cibório e dispõe-se a sair. Chegado quase ao meio da igreja, ouviu uma voz forte e queixosa que saía de uma estátua da Virgem, de alabastro, pesando de oitocentas a novecentas libras:

– Meu filho Jacinto, abandonar-me-ás às profanações dos tártaros? Leva-me contigo.

– Gloriosa Virgem – respondeu o devoto servo –, essa imagem é tão pesada! Como poderei carregá-la?”

– Pega nela, meu filho; torná-la-ás leve.

O santo, tendo numa das mãos a Santa Eucaristia, pega com a outra na estátua, que se tornara tão leve como uma cana; e, carregando esse duplo tesouro, passa são e salvo com os seus através dos bárbaros que já invadiam o mosteiro e chega às margens do Dnieper. Aí ele faz do capote uma barca para seus irmãos e atravessa a pé enxuto o rio em toda a sua largura, imprimindo nas águas as suas pegadas.

Teríamos muitos outros fatos semelhantes a contar, porque abundam nas vidas dos santos; mas devemos encerrar essas narrativas para procurarmos a interpretação... (Tomo II, págs. 588-600.)

A independência, em relação aos elementos exteriores, manifesta-se também pela resistência às ações que eles exercem.

É, em alguns casos, uma imobilidade que torna vãs todas as impulsões e todos os esforços. Um dia em que o bem-aventurado Gil, dos frades pregadores, permanecia suspenso no ar pelo êxtase, o seu companheiro e as pessoas da casa onde estavam tentaram fazer descer o seu corpo para o chão; porém nem mesmo conseguiram mudá-lo de posição.

Santa luzia, a mártir de Siracusa, ameaçada com os lupanares, tornou-se tão imóvel que nem os algozes que tinham ordem de a levar, nem várias juntas de bois, às quais a amarraram com cordas, puderam fazê-la mover. (Tomo II, págs. 601-602.)

S. Pascoal Bailão manifestou algumas vezes a sua presença ou, antes, a sua virtude por meio de percussões (*percussiones*) nas imagens que o representam; mas é principalmente nos relicários, que contêm as suas relíquias, que esses ruídos extraordinários se fazem ouvir, ora suaves e harmoniosos, ora mais acentuados, ora retumbantes como um estourar de bomba. (Tomo II, pág. 229.)

O abade Ribet diz, noutra lugar (II, 547), que Santa Ota era, duas vezes por dia, elevada e sustentada por anjos, enquanto orava.

Além dos santos mencionados por esse escritor como tendo tido levitações, os bolandistas atribuem o mesmo milagre às personagens seguintes, classificadas por ordem de data, desde o

século IX até o começo do XVIII: André Salus, escravo cita (tomo VIII, pág. 16); Luca de Sotherium, monge grego (II, 85); Estêvão I, rei da Hungria (I, 541); Ladislau I, rei da Hungria (V, 318); S. Domingos (I, 405, 573); Ludgard, freira belga (III, 238); Humiliana, de Florença (IV, 396); Juta, da Prússia, eremita (VII, 606); S. Boaventura (III, 827); São Tomás de Aquino (I, 670); Ambrósio Santedônio, sacerdote italiano (III, 192, 681); Pedro Armengal, sacerdote espanhol (I, 334); Santo Alberto, sacerdote siciliano (II, 326); Margarida, princesa da Hungria (II, 904); Roberto de Solenthum, sacerdote italiano (III, 503); Inês de Montepoliciano, abadessa italiana (II, 794); Bartolo de Vado, eremita italiano (II, 1007); Isabel, princesa da Hungria (II, 126); Catarina Columbina, abadessa espanhola (VII, 532); S. Vicente-Ferrer (I, 497); Coleta de Ghont, abadessa flamenga (I, 559, 576); Jeremias de Panormo, monge siciliano (I, 297); Santo Antônio, arcebispo de Florença (I, 335); S. Francisco de Paula (I, 117); Osana de Mântua, freira italiana (III, 703, 705); Bartolomeu de Anghiera, frade italiano (II, 665); Columba de Rieti, freira italiana (V, 332, 334, 360); Santo Inácio de Loiola (VII, 432); Salvador de Horta, frade espanhol (II, 679, 680); S. Luís Bertrand, missionário espanhol (V, 407, 483); João da Cruz, sacerdote espanhol (VII, 239); J. B. Piscator, professor romano (IV, 976); Boaventura de Potenza, frade italiano (XII, 154, 157-9).

Podem-se acrescentar a esses nomes os de alguns outros santos ou bem-aventurados, tirados de biografias particulares.

André-Huberto Fournet, sacerdote francês, fundador da Ordem das Filhas da Cruz, 1752-1854 (O. R. P. Rigaud – *Vida do bom padre André-Huberto Fournet*, pág. 496).

Cláudio Dhière, diretor do grande seminário de Grenoble, 1757-1820 (A.-M. de Franclieu – *Vida do Sr. Cláudio Dhière*, págs. 293-4).

O bem-aventurado Cura d’Ars, 1786-1859 (Abade Alfredo Monnin – *Vida do Sr. João-Batista-Maria Vianey*, pág. 159).

Encontrar-se-ão também casos de levitações, efetuadas por religiosos ou religiosas de menor notoriedade, nas obras do Dr. Calmet e nas cartas de Nicolina.

Eis ainda alguns outros fatos:

Na segunda parte do primeiro século da nossa era, o diácono Filipe era arrebatado por um Espírito ao voltar de Gaza, onde fora batizar Candócia, rainha da Etiópia.

Amélineau (*Os Monges Egípcios*, publicação do Museu Guimet) conta que, tendo os pagãos de Antinoë acusado Schnoudi de haver quebrado os ídolos, este foi soerguido, pelos anjos do Senhor, até uma altura donde podia ainda fazer-se ouvir. Ficou assim suspenso por cima do tribunal do governador durante bastante tempo; depois, desceu pouco a pouco. A multidão levou-o em triunfo.

Em 1555, isto é, no reinado de Carlos V, Tomás, arcebispo de Valença, esteve suspenso no ar em êxtase, que durou doze horas. Esse fenômeno foi constatado não só pelos habitantes do seu palácio e do seu clero, mas também por grande número de cidadãos. Ao voltar a si, tinha ainda na mão o breviário que estava lendo quando o êxtase começara e contentou-se em dizer que não sabia em que ponto ficara da leitura (*Bolland*, V, 332, 334, 360).

O bem-aventurado Pedro Clavet, apóstolo dos negros, passou uma noite ajoelhado no ar e com um crucifixo nas mãos.

Existem vários quadros e gravuras representando casos de levitação. O mais conhecido é *O Milagre de S. Diogo*, por Murilo (catalogado no Museu do Louvre sob o número 550 bis). Outro quadro, que se acha numa igreja de Viterbo, mostra um sacerdote elevando-se aos ares no momento em que consagra a hóstia.

Capítulo IV

Casos contemporâneos do Ocidente

A – Observações do magnetizador Lafontaine

Lafontaine, em suas excursões através da Europa, teve ocasião de observar, entre os crisiacos que lhe traziam para serem curados pelo magnetismo, alguns fenômenos que podem relacionar-se com aqueles que acabamos de mencionar.

Assim, conta ele ²⁵ que uma donzela de família nobre, na Inglaterra, apresentava todos os sintomas da grande histeria descrita depois por Charcot, e essa agilidade extraordinária que mais raras vezes tem sido constatada. Quando chegou à casa dela, encontrou-a estendida sem movimento num leito, sem respiração aparente. A vida parecia tê-la abandonado. O seu rosto, de palidez baça, estava coberto de suor frio. De repente, esse cadáver animou-se:

“Com um pulo, a donzela foi ao meio do aposento, arregalados e fixos os olhos, gesticulando com os braços, *elevando-se na ponta dos dedos dos pés* e correndo, semivestida, pelo quarto; atirou-se ao chão, reboleou-se em convulsões horríveis, chocando o corpo em todas as partes, dando gritos e batendo nas pessoas que procuravam retê-la para evitarem que ela se ferisse. Depois, endireitando-se de repente e pronunciando palavras entremeadas de sons inarticulados, caminhou direita e firme, *saltou a alturas extraordinárias*. Em seguida, torcendo-se em atitudes impossíveis, pôs a cabeça entre os joelhos, levantou ao ar uma das pernas e *giro sobre a outra com rapidez espantosa*, conservando ao mesmo tempo a cabeça perto do soalho.

Umás vezes endireitava-se, soltando gritos de terror como se visse um espetáculo horrível; outras, abraçava com amor fantasmas; depois, rolava exausta pelo tapete.

Em seguida, pulava de novo e corria para um e outro lado do aposento, pondo os pés sobre os móveis, sobre os copos, as xícaras, o globo da pêndula, sobre esses frágeis nada que

guarnecem as prateleiras, e isso sem quebrar, sem deitar coisa alguma ao chão. Depois, sentava-se no tapete, conversando com um ser imaginário, cujas respostas imaginárias ela escutava. As convulsões apresentavam-se outra vez... Logo depois, os seus olhos exprimiam indizível arroubamento; ela caía de joelhos; os seus lábios murmuravam palavras melífluas como uma oração.

Estava em êxtase. A inspiração apossou-se dela; recitou versos; compôs poesias; anunciou fatos, sucessos que haviam de suceder; *elevou-se ao ar como para voar*; depois, finalmente, tornou a cair em completa prostração, inerte, sem movimento, sem respiração perceptível. Estava terminada a crise, que durara duas horas.

Depois desses terríveis abalos, a donzela caía num sono muito longo, durando algumas vezes dois dias, nos quais não tomava alimento algum.”

Lafontaine diz que empreendeu a cura dessa donzela e que, magnetizando-a durante três meses, fez desaparecer as crises, que lhe haviam durado desde os 14 até os 18 anos.

Em 1858, visitou a aldeia de Morzina, em Chablais, onde se declarara uma epidemia de convulsionárias entre as donzelas de 11 a 20 anos (das 23 pessoas atacadas, apenas uma era rapaz, com 13 anos de idade).

“As possessas puseram-se a correr pelos bosques, a subir às árvores com extraordinária agilidade e a *balançar-se na parte mais alta dos grandes pinheiros*; porém, se a crise cessa enquanto escavam em cima, nada era mais singular que o seu embaraço para descerem. Além disso, essas meninas não se recordavam, ao despertarem, do que se passara durante a crise.

Uma delas, Vitória Vuillet, com 16 anos de idade, de um rosto simpático e gênio muito afável, era a mais exaltada. Não só corria os campos durante horas inteiras sem ficar cansada, falando e gesticulando sempre, ou subia ao cimo das mais altas árvores e descia com extrema rapidez, mas também, quando estava no cimo dos mais altos pinheiros, a-

tirava-se de um para outro, como faria um esquilo ou um macaco...”

Recorreram a Lafontaine para que tratasse dela e levaram-na para sua casa, em Genebra.

“Vimo-la pela primeira vez em nossa casa a 3 de abril de 1858. Estava em crise. Falava com voz cava e sepulcral, ela, que tinha a voz suave e clara.

Dizia frases como esta: “Sou um demônio do inferno donde saí para atormentar Vitória até acabar por levá-la comigo. Ouvis o tinir das cadeias? Ouvis o fogo a crepitar e os gritos dos condenados que estão a arder? Isto alegra o coração e dá prazer.” Depois, saltava a uma altura pasmosa, dava gritos roucos, retorcia o corpo a ponto de tocar com a cabeça nos calcanhares. Em seguida, reboleava-se pelo chão. Num pulo ela ficava de pé, girava com velocidade espantosa e parava instantaneamente. Fazia depois grandes gestos, articulava sons incompreensíveis e saltava sobre os braços de uma cadeira; pulando de repente, achava-se suspensa no espaldar desse móvel, em posição indescritível.

Em seguida, corria por cima de todos os móveis, pondo um pé no encosto de uma poltrona, o outro no espaldar de uma cadeira; depois, atirava-se para cima de outros móveis, dando assim, sem perder o equilíbrio, volta ao nosso gabinete e à nossa sala de visitas, falando sempre. Entretanto, depois de termos observado bem essa crise, quando pusemos uma das mãos na cabeça da donzela e a outra no seu estômago, todo esse maravilhoso desapareceu logo e apenas ficou à nossa frente uma doente que tinha estertores e se torcia em convulsões que fizemos cessar quase instantaneamente. Depois de a termos magnetizado com grandes passes durante trinta minutos, e desembaraçado, Vitória sentiu-se muito bem.”

Lafontaine acrescenta que, após quinze dias de magnetização, Vitória achou-se inteiramente curada das suas crises e das dores de cabeça ou do estômago. Essa cura foi definitiva, como lhe

certificou um tio da donzela que a levara e que com ela residia em Genebra.

Eis outro caso referido pelo mesmo autor (tomo II, pág. 96):

“Uma doente minha, a Sra. de A..., que eu sonambulizara durante o seu tratamento, proporcionou-me ensejo para fazer várias observações curiosas. Um dia em que, mais doente, ela ficara no leito e tinha junto de si uma das suas parentas, cheguei para magnetizá-la.

Adormeci-a prontamente, depois localizei a minha ação sobre o seu estômago e as suas pernas. Fiquei silencioso enquanto a magnetizava, como sempre faço nos casos graves, o que deu motivo a que a jovem Laura, aborrecendo-se, passasse para a sala de visitas, cujas portas estavam abertas. Depois de ter lançado um olhar distraído pelos álbuns espalhados por cima de uma mesa, ela aproximou-se do piano, abriu-o, preludiou alguns acordes e ficou algum tempo numa espécie de abstração.

Às primeiras notas dos acordes, a minha doente experimentara, por todo o corpo, um ligeiro frêmito que, pouco a pouco, se acalmara durante o tempo da pausa; porém, quando a jovem Laura principiou a tocar um trecho muito patético, que ia direto à alma, minha doente pareceu sair do estado de entorpecimento em que a imergira o sono.

Animou-se-lhe o rosto, sentou-se no leito e, continuando a música com o mesmo ritmo, achou-se, num pulo, em pé e direita, por cima do leito, com os olhos arregalados e fixos. Seus pés deslizaram depois até à beira do leito, *sem haver movimento algum dos músculos*.

Aí os pés passaram com suavidade para fora do leito e, vagorosamente, desceram *ao mesmo tempo, sem ponto algum de apoio*, até ao tapete, como se tivessem estado sobre um desses alçapões de que se servem nos teatros para fazerem descer as divindades do meio das nuvens. Todo o corpo parecia sustentado no ar por um fio invisível. Seus membros estavam inteiriçados.

Eu olhava com profunda estupefação, sem compreender coisa alguma, mas os meus olhos estavam bem abertos. A minha inteligência e a minha razão velavam e estavam no seu posto. Não me podia enganar. Os pés e as pernas estavam nus. A própria Sra. de A... estava apenas coberta com uma camisa e uma mantilha leve.

Entretanto, tendo descido até ao tapete, os seus pés continuaram a escorregar juntos, *sem o menor movimento, sem a menor contração*. Ela parecia uma estátua colocada numa prancha à qual estivessem puxando e que resvalasse sem nenhum solavanco, como se houvesse sido posta num trilho.

Eu, admirado, a seguia com os meus braços em volta do seu corpo, mas sem lhe tocar, a fim de poder sustê-la, se sobreviesse um acidente.

A Sra. de A... chegou assim até às portas abertas da sala de visita. A jovem Laura, ao vê-la aparecer, pálida, toda de branco, com os cabelos em desordem caindo-lhe pelas espaldas, com os olhos fixos, baços e sem vida, como um fantasma, soltou um grito de pavor e deixou de tocar. Imediatamente alquebrou-se o corpo da Sra. de A... Não pude retê-la. Movimentos convulsivos produziram-se nos seus membros; depois, ficou hirta, fria, o rosto lívido como a morte; era um cadáver.

A meu pedido, Laura, toda trêmula, tocou algumas notas que pareciam ser percebidas pela doente e que, continuando, a fizeram voltar à vida. Não tardou que a música operasse o seu efeito. A Sra. de A... levantou-se, deitando a cabeça para trás, abrindo os olhos que se tinham fechado. Estendendo os braços para um ser invisível, caiu de joelhos. A sua cabeça bateu no tapete com humildade; depois, com movimentos da mais suave volúpia, contornou o corpo em atitudes cuja graça não se pode exprimir. Nunca vi nada tão belo nem tão gracioso. Parecia que tudo o que há de imortal em nós agia e se revelava em suas atitudes.

Passado certo tempo, atraí de novo a Sra. de A..., que deslizou para trás, sempre em êxtase. Fiz cessar a música quan-

do ela estava perto do leito e, com um movimento brusco, deitei-a ao comprido. Então, seu corpo tornou-se em pouco tempo tão frio e tão hirto como um verdadeiro cadáver. Todo o movimento, toda a respiração desapareceu. O pulso, como o coração, não mais se fazia sentir. Parecia que sua alma se escapara e não me ficara senão o corpo da doente. Era para aterrar e para fazer-me perder a cabeça, sobretudo ao ver a dor e o desespero de Laura, que acusava a si própria de a ter matado e perdia os sentidos num desmaio que durou uma hora.

Mandei que os criados a levantassem e conduzissem para outro quarto, e fiquei só com a doente, que não dava nenhum sinal de vida.

À força de insuflações quentes sobre o coração, o estômago e o cérebro, fiz que ela voltasse gradualmente à vida. Isto durou meia hora. Fiz-lhe depois passes em todo o corpo, desde a cabeça até os pés, durante duas horas, mantendo um sono benéfico e restaurador. No fim desse tempo, arquejante, exausto, mas triunfante e contente comigo mesmo, acordei a doente e desembaracei-a inteiramente.

Então, tive a felicidade de ouvir a Sra. de A... dizer que jamais se sentira bem como nesse momento. Além disso, a paralisia das pernas, de que essa senhora padecia, recebera um abalo que, produzindo-lhe tão grande melhora, no mesmo dia ela pôde dar, completamente acordada, duas voltas pelo quarto, mal amparada, resultado este tanto mais maravilhoso quanto havia dois meses que ela não podia sustentar-se nas pernas. Depois do que sucedera, a melhora aumentou de tal modo que, três semanas depois, a Sra. de A... estava completamente curada.”

B – Caso do Dr. Cyriax

O Dr. Cyriax, de Berlim, conta, numa brochura publicada há alguns anos com o título *Como me tornei espírita*, uma aventura que lhe sucedeu em Baltimore, onde ele habitava em 1853.

“Achavam-se uma tarde reunidas no vasto atelier do pintor Lanning umas cem pessoas para ouvirem um discurso da Sra. French em estado de *transe*, quando, de repente, ela foi elevada do estrado, em cima do qual se achava, e levada para o fundo da sala, cuja volta deu completamente, pairando a uma altura de cerca de dois pés acima do soalho. Esse fenômeno, constatado pelos meus olhos, como era no mesmo momento por uma centena de senhoras e cavalheiros, causou-me calafrios. Via diante de mim, na plenitude do meu conhecimento, uma pessoa que, sem fazer movimento algum, com os braços cruzados e os olhos fechados, pairava por cima do soalho, era transportada por entre duas filas de bancos, cada uma com cinqüenta pessoas aproximadamente, voltava depois, da mesma maneira, do fundo da sala até ao estrado e prosseguia o seu discurso como se nada se tivesse passado de extraordinário! Via todas as outras pessoas constatarem esse fenômeno e ficarem tão aturdidas como eu. Os meus sentidos não me haviam, portanto, enganado. O que eu vira, passara-se pois em toda a realidade!

Qual era então a força que fora posta em ação? Seria uma força natural, cega, capaz de realizar resultados tão admiráveis sem ir de encontro a algum obstáculo? Estando esta hipótese em oposição com a experiência, fui obrigado, após sério exame, a chegar à conclusão de que, nestas circunstâncias, parecendo suprimidas as leis da gravidade, ou encontrando pelo menos resistência, era-me necessário admitir a intervenção de uma vontade inteligente e que, em consequência de esta vontade dar prova de inteligência, não podia emanar senão de uma personalidade, de um indivíduo. Querer achar a explicação na manifestação inconsciente de um cérebro não era admissível nesta circunstância.

Este fenômeno impressionara-me de tal maneira que não dormi toda a noite. Achava-me constantemente em frente do que vira e procurava em vão explicá-lo pelas leis naturais conhecidas.”

C – As levitações do médium Home

Essas levitações foram constatadas por grande número de testemunhas e notadamente pelo Sr. Crookes, que dá a esse respeito as particularidades seguintes nas suas *Investigações sobre o Espiritismo*:

“Estes fatos produziram-se quatro vezes em minha presença, na obscuridade. As condições de verificação em que se realizaram foram inteiramente satisfatórias, tanto quanto se pode julgar; mas a verificação, pelos olhos, de semelhante fato é tão necessária para destruir as nossas idéias preconcebidas *sobre o que é e o que não é naturalmente possível*, que me limitarei a mencionar aqui unicamente os casos em que as deduções da razão foram confirmadas pelo sentido da vista.

Houve uma ocasião em que vi uma cadeira, na qual estava sentada uma senhora, elevar-se a algumas polegadas do chão. Noutra ocasião, em que a mesma senhora se elevou cerca de três polegadas, ficando suspensa durante dez segundos mais ou menos, e em seguida desceu vagarosamente, ela ajoelhou-se para afastar toda a suspeita de que a elevação fosse produzida por si em cima da cadeira, de tal maneira que lhe víamos os pés. Duas crianças também se elevaram do solo com as suas cadeiras, em duas ocasiões diferentes em pleno dia e nas condições mais satisfatórias para mim, porque eu estava de joelhos e não perdia de vista os pés da cadeira, notando bem que ninguém podia tocar-lhe.

Os casos mais surpreendentes de levitação, dos quais fui testemunha, deram-se com o Sr. Home. Em três circunstâncias diferentes, eu o vi elevar-se completamente acima do soalho do aposento. Na primeira, estava sentado numa espreguiçadeira; na segunda, estava de joelhos em cima da cadeira; na terceira, estava em pé. Em cada uma dessas ocasiões, tive todo o vagar possível para observar o fato no momento em que se produziu.

Há pelo menos cem casos bem constatados da elevação do Sr. Home, os quais se produziram na presença de muitas

peças diferentes, tendo eu ouvido da própria boca de três testemunhas, o Conde de Dunraven, Lord Lindsay e o Capitão C. Wynne, a narrativa dos mais surpreendentes fatos desse gênero, acompanhada das menores particularidades do que se passou. *Rejeitar a evidência dessas manifestações equivale a rejeitar todo o testemunho humano, seja qual for; porque não há fato, na História sagrada ou na História profana, que esteja apoiado por provas mais imponentes.*

A acumulação dos testemunhos que estabelecem a realidade das elevações do Sr. Home é enorme. Seria muito para desejar que alguém, cujo testemunho fosse reconhecido como concludente pelo mundo científico (se porventura existe uma pessoa cujo testemunho em favor de semelhantes fenômenos possa ser admitido), quisesse estudar pacientemente essa espécie de fatos. Muitas testemunhas oculares dessas elevações vivem ainda e certamente não recusariam dar o seu testemunho.

Os melhores casos de levitação do Sr. Home deram-se na minha casa. Numa ocasião ele colocou-se na parte mais visível da sala e, passado um minuto, disse que se sentia levantar. Vi-o elevar-se vagarosamente, num movimento contínuo e oblíquo, e ficar, durante alguns segundos, cerca de seis polegadas acima do solo; em seguida, desceu lentamente. Nenhum dos assistentes saiu do seu lugar. O poder de se elevar quase nunca se tem comunicado às pessoas próximas do médium; entretanto, uma vez minha mulher foi levantada com a cadeira em que estava sentada.”

Crookes escreveu ao Sr. Home a 12 de abril de 1871:

“Podeis, sem constrangimento, citar-me como um dos vossos mais firmes testemunhos. Meia dúzia de sessões no gênero das de ontem à noite, com alguns homens de ciência bem qualificados, bastariam para fazer admitir cientificamente essas verdades, *que então se tornariam tão incontestáveis como os fatos da eletricidade.*”

A narrativa circunstanciada da levitação que se realizou a 16 de dezembro de 1868, em Londres, numa sessão obscura, em

presença de Lord Lindsay, Lord Adare e do Capitão Winne, foi redigida por Lord Lindsay para a Sociedade Dialética, nos termos seguintes:

“Home, que estava em transe havia algum tempo, depois de ter passeado pelo quarto, dirigiu-se para a sala vizinha. Nesse momento, veio assustar-me uma comunicação. Ouvi uma voz murmurar-me ao ouvido: “Ele vai sair por uma janela e entrar pela outra.”

Completamente aturdido com o pensamento de uma experiência tão perigosa, dei parte aos meus amigos do que acabava de ouvir, e não era sem ansiedade que esperávamos a sua volta. Percebemos então que se levantava a vidraça da janela do outro quarto, e quase imediatamente vimos *Home flutuar no ar, por fora* da nossa janela. A Lua dava em cheio no quarto e, como eu estava com as costas voltadas para a luz, o peitoril da janela projetava sombra na parede que me ficava frente. Vi então os pés de Home suspensos por cima, a uma distância de cerca de seis polegadas. Depois de ter ficado nessa posição durante alguns segundos, levantou a vidraça, resvalou para o quarto com os pés para a frente e veio sentar-se. Lord Adare passou então para o outro aposento e, notando que a vidraça da janela, pela qual ele acabava de sair, estava erguida tão-somente até dezoito polegadas de altura, exprimiu a sua surpresa de que Home tivesse podido passar por essa abertura. O médium, sempre em transe, respondeu: “Vou mostrar-vos.”

Voltando então as costas para a janela, inclinou-se para trás e foi projetado para fora com a cabeça para a frente, o corpo inteiramente rígido; depois, voltou para o seu lugar. A janela estava a setenta polegadas do chão. A distância entre as duas janelas era de sete pés e seis polegadas e cada uma tinha apenas um peitoril de doze polegadas que servia para receber vasos.”

Acrescentarei ainda alguns testemunhos recentemente publicados:

“Home foi levantado da cadeira, e peguei-lhe nos pés enquanto ele flutuava por cima das nossas cabeças.” (Carta do Conde Tolstoi à sua mulher, 17 de junho de 1866.)

“Depois, o próprio Sr. Home anunciou que se sentia levantado. *O seu corpo toma a posição horizontal* e é transportado, com os braços cruzados sobre o peito, até ao meio da sala. Depois de ter aí ficado quatro ou cinco minutos, é reconduzido ao seu lugar, transportado da mesma maneira.” (Ata redigida pelo Dr. Karpovitch, acerca de uma sessão realizada em São Petersburgo, na casa da Baronesa Taoubi, em presença do General Philosophoff e da Princesa Havanschky.)

“Na mesma noite, tendo-se Home sentado ao piano, começou a tocar. Como houvesse convidado para que nos aproximássemos, fui colocar-me junto dele. Eu tinha uma das minhas mãos na sua cadeira e a outra no piano. Enquanto tocava, *a cadeira e o piano se elevaram a uma altura de três polegadas*; depois voltaram para o seu lugar.” (Atestado de Lord Crawford, depois Lord Lindsay, em 1869.)

Um célebre médico inglês, o Dr. Hawksley, que tratava em 1862 a primeira mulher de Home, refere que um dia Home fez, na sua presença, subir consigo um visitante, que desejava ver algum fenómeno, numa forte e pesada mesa “que se elevou imediatamente, com a sua carga, a oito polegadas pelo menos de altura”. O Dr. Hawksley abaixou-se e passou facilmente a mão entre as pernas da mesa e o tapete; depois, terminado esse exame, a mesa desceu e o visitante abandonou-a.

Eis como o próprio Dunglas Home descreve as suas impressões:²⁶

“Durante essas elevações ou levitações, nada sinto de particular em mim, exceto a sensação do costume, cuja causa atribuo a uma grande abundância de eletricidade nos meus pés. Não sinto mão alguma que me sustenha e, desde a minha primeira ascensão citada mais adiante,²⁷ deixei de ter receio, posto que, se eu tivesse caído de certos tetos, a cuja altura fora elevado, não teria podido evitar ferimentos graves.

Sou em geral levantado perpendicularmente, hirtos os braços e erguidos por cima da cabeça, como se quisesse agarrar o ser invisível que me levanta suavemente do solo. Quando chego ao teto, os pés são levados até ao nível da cabeça e acho-me como que numa posição de descanso. Tenho ficado muitas vezes assim suspenso durante quatro ou cinco minutos. Encontrar-se-á exemplo disso numa ata de sessões que se realizaram em 1857, num castelo perto de Bordéus. Uma só vez a minha ascensão se fez em pleno dia. Era na América. Fui levantado num aposento em Londres, rua Sloane, no qual brilhavam quatro bicos de gás e em presença de cinco cavalheiros que estão prontos a testemunhar o que viram, sem se contar grande número de testemunhos que posso publicar depois. Em algumas ocasiões, tendo diminuído a rigidez dos meus braços, fiz com um lápis letras e sinais no teto, que pela maior parte ainda existem em Londres.”

Home atribuía as levitações e a maior parte dos outros fenômenos que produzia a seres inteligentes e invisíveis que se apoderavam da sua força nervosa para se manifestarem. Tal era também a opinião do Dr. Hawksley, que assim se exprimia num relatório pedido por uma sociedade sábia de Londres:

“Consentido em fazer este relatório, reservei a liberdade de exprimir a minha opinião sobre a causa desses fenômenos. Não é a que tem curso geralmente. Depois de um exame sério, cheguei à conclusão de que essas manifestações eram produzidas por um Espírito inteligente, que se apoderava do corpo do meu amigo e podia deixá-lo para operar a distância certos atos, por exemplo, tocar um instrumento, levantar e projetar objetos materiais, ler no pensamento ou responder com inteligência, por meio de *percussões*, às perguntas que lhe eram feitas.

Os casos de possessão, de que falam as Escrituras, dão lugar a crer que esses fenômenos são idênticos aos que se passavam no tempo do Cristo. Essas possessões, segundo o Evangelho, não constituíam punição nem prova de culpabilidade dos que eram suas vítimas. Cumpria antes ver nelas

uma provação ou um infortúnio que deve ter a sua razão de ser, porém que até agora tem ficado totalmente incompreensível para nós. Quanto ao que diz respeito ao Sr. Home, ainda que eu seja levado a crer que ele estava possesso, deixame o que conheci da sua vida e das suas qualidades, absolutamente convencido da sua veracidade, da sua honestidade, da sua benevolência e da nobreza do seu caráter.” (Gardy – *Le Médium D. D. Home*, pág. 142.)

D – As levitações do Sr. Stainton Moses

O Sr. Stainton Moses²⁸ descreveu igualmente as impressões que sentiu na primeira das levitações de que foi objeto, no decurso das sessões efetuadas com alguns amigos.

“Um dia (30 de junho de 1870) senti que a minha cadeira se afastava da mesa e virava-se no canto onde eu estava sentado, de modo que fiquei com as costas voltadas para o círculo e a frente para o ângulo da parede. Em seguida, a cadeira foi levantada do chão até uma altura que, segundo o que pude julgar, havia de ser de 30 a 40 centímetros. Os meus pés tocavam no plinto, que podia ter 30 centímetros de altura. A cadeira ficou suspensa alguns instantes e então senti que a deixava e continuava a subir com um movimento muito suave e vagaroso. Não tive nenhum receio e não senti mal-estar. Tinha perfeita consciência do que se passava e descrevia a marcha do fenômeno aos que estavam sentados à mesa. O movimento era muito regular e pareceu-nos bastante duradouro antes de ter finalizado.

Eu estava bem perto da parede, tão perto que pude com um lápis, solidamente preso ao meu peito, marcar o canto oposto no papel da parede. Este sinal, tendo sido mais tarde medido, achava-se a pouco mais de 1,80m do soalho e, segundo a minha posição, a minha cabeça devia estar no ângulo do quarto, a pouca distância do teto. Estou longe de pensar que estivesse por qualquer forma adormecido. O meu espírito estava com toda a sua perspicácia e eu tinha completa percepção desse curioso fenômeno. Não senti no corpo ne-

nhuma pressão; tinha a sensação de estar num ascensor e de ver os objetos passarem longe de mim. Recordo-me somente de uma leve dificuldade de respirar, com uma sensação de enchimento no peito e de ser mais leve que a atmosfera. Fui descido com muita suavidade e colocado na cadeira que voltara à posição anterior. As medições foram feitas imediatamente e registradas as marcas que eu fizera com o lápis. A minha voz, disseram-me, ressoava como se viesse do ângulo do teto.

Esta experiência foi repetida nove vezes com maior ou menor êxito.”

E – Observações do Sr. Donald Mac-Nab

O Sr. Donald Mac-Nab, engenheiro de artes e manufaturas, tão notável pela inteireza do seu coração como pela elevação de seu espírito, e que a morte roubou prematuramente à Ciência, fez uma série de experiências com dois amigos seus, o Sr. F..., compositor de música, e o Sr. C..., escultor, várias obras dos quais foram admitidas no Salão dos Campos Elíseos.

O Sr. Mac-Nab publicou, em 1888, o resultado dessas experiências no *Lotus Rouge*, dirigido então pelo senhor Gaboriau. Eis o que se refere às levitações:

“O médium Sr. F... é freqüentes vezes levantado ao ar durante as sessões; mas isto sucede, a maior parte das vezes, com um amigo meu, o Sr. C..., que é também médium. Uma vez disse-nos este que era levantado com a sua cadeira. Ouvíamos, com efeito, o som da sua voz que mudava de lugar. Note-se que ele tinha sapatos grossos e não se ouvia o menor barulho de passos. Finalmente, tendo acendido a luz, achou-se sentado na sua cadeira e esta em cima do leito. Uma outra vez, tendo inconsideradamente acendido a luz, enquanto era levantado sobre o mocho do piano, caiu tão pesadamente que o pé do móvel se quebrou. Três engenheiros, os Srs. Labro, F... e M... foram testemunhas destes fatos.

Parecia-me necessário ter provas mais palpáveis desta levitação, e eis o que imaginei: Estendi no chão um pedaço

quadrado de pano muito pouco resistente, que se chama andrinópolis, espécie de tecido de cor vermelha; no meio, pusemos uma cadeira e fizemos sentar nela o Sr. C... Outro médium, o Sr. F..., não estava aí. Cada um pegou numa ponta do pano e, como éramos cinco, duas pessoas seguraram numa ponta. Apaguei a luz, e quase imediatamente sentimos a cadeira levantar-se, ficar algum tempo no ar e descer depois devagar. O pano nem mesmo estava retesado e ao menor esforço ter-se-ia rasgado. Esta experiência enchia o Sr. C... de terror. As pessoas presentes eram os Srs. R... e C..., duas senhoras e eu.

Não creio que se possa objetar alguma coisa a esta experiência de levitação do médium, constatada por meio de um pano estendido por baixo da cadeira. Ele estava já colocado na sua cadeira quando apagamos a luz. A elevação efetuou-se quase imediatamente. Éramos cinco em volta dele e era-lhe impossível descer e tornar depois a subir sem que o percebêssemos.

A levitação não é uma força necessariamente vertical, como muitas pessoas crêem. Damos como exemplo o fato seguinte produzido na presença do Sr. de Rochas e que eu observei em quase todas as sessões:

O Sr. C... estava sentado ao meu lado, junto da janela, na obscuridade. De repente, foi levantado e colocado ao pé do piano com a sua cadeira, muito perto do Sr. Gaboriau.²⁹ Isto se passou de um modo tão rápido que ouvimos quase simultaneamente o barulho que fez a cadeira ao levantar-se e ao pousar no chão. Durante o transporte ela descrevera um ângulo de 180°, porque o Sr. C... tinha as costas voltadas para o piano, ao passo que um instante antes elas estavam viradas para a janela.

Numa sessão o Sr. Montorgueil e noutra o Sr. de Rochas passaram a mão por baixo dos pés do médium, durante a ascensão, e puderam certificar-se de que ele não empregava nenhum dos processos ordinários da ginástica.”

F – Observações do Sr. B..., antigo professor da Escola Politécnica

No decurso do ano de 1887, um amigo meu, antigo professor da Escola Politécnica, que ocupa posição científica elevada, descobriu, por acaso, que um membro da sua família apresentava faculdades mediúnicas. Estudou-lhe as diversas manifestações e eis o que me escreveu a respeito dos fenômenos de levitação:

“Estes fenômenos devem ser tidos na conta dos mais interessantes de todos os que testemunhamos. Mesas pesadas, a uma simples oposição da mão do médium, levantavam-se com os quatro pés numa altura assaz considerável e dificilmente eram retidas ao chão, apesar dos nossos esforços reunidos.

Uma noite estávamos sentados no quarto do médium, então às escuras, em volta de uma mesinha colocada em frente do calorífero. Em cima do soalho, num dos ângulos do calorífero, estavam dois obuses vazios. Um tinha o calibre de 16 centímetros e o peso de 30 quilogramas; o outro, menor, pesava 12 quilogramas.

Depois de uma série de pancadas violentas, ouço crepitações que se produzem por baixo da mesa, análogas às das faíscas de uma máquina elétrica, e, olhando para a esquerda, vejo o mais grosso dos dois obuses cercado de um vivo clarão. Senti que ele se elevava roçando-me pela perna e vi-o pousar devagarinho em cima da mesa. O outro obus, o menor, seguindo o mesmo caminho, veio quase logo colocar-se ao pé do primeiro.

Um instante depois, ouvimos o médium exclamar: “Sinto que me elevo.” Trepado numa cadeira, sigo a sua ascensão até ao teto, *ao longo do qual se acha deitado*, e a minha mão pôde percorrer-lhe o corpo em todo o seu comprimento, da cabeça até aos pés.

Desce lentamente, tomando de novo a posição vertical, e coloca-se em pé por cima da mesa, onde o achamos, depois de termos aumentado a luz do gás, com os pés exatamente postos no espaço estreito que separa os dois obuses.

Essa tríplice ascensão, apesar do esforço considerável que faz supor, efetuou-se sem nenhum barulho, e o médium, por mais estranha que seja a sua situação, não parece surpreso nem assustado.

O peso do médium podia ser avaliado, na época das nossas experiências, em 60 quilogramas. Supondo de 80 centímetros a altura da mesa e de 3 metros a do teto, o trabalho efetuado pela força oculta para produzir as três ascensões sucessivas não foi menor do que

$$(30 + 12) \times 0,8 + 60 \times 3 = 213,6 \text{ quilogrâmetros}$$

Em outras duas sessões distintas, o médium foi igualmente *levantado e deitado de encontro ao teto do seu quarto*, sem experimentar a sensação de qualquer impulso exterior e sem poder compreender os motivos de sua ascensão.”

G – Levitações de Eusápia Paladino

Eusápia Paladino é uma mulher de Nápoles, com quarenta anos de idade, cujas propriedades mediúnicas foram estudadas por grande número de sábios, em Nápoles, Roma, Milão, Varsóvia, Cambridge e França. Os diferentes relatórios, redigidos logo depois das experiências, foram por mim reunidos no livro *L'Extériorisation de la Motricité*, publicado pela Livraria Chalmuel, de Paris, em 1885.

1º) Levitações em Nápoles, no ano de 1883

O cavalheiro Chiaia remeteu ao Congresso Espírita de 1889 a relação de experiências que acabava de fazer em Nápoles com Eusápia, na presença do Professor Dr. Manuel Otero Acevedo, de Madrid, e do Sr. Tassi, de Perúgia. A médium estava em transe e o gás fora baixado a seu pedido.

“No fim de alguns instantes, durante os quais só se ouvia o ranger habitual dos dentes da médium em letargia, Eusápia, em vez de conversar, como sempre, em muito mau vasconço napolitano, começou a falar em puro italiano, pedindo às pessoas sentadas ao seu lado que lhe segurassem nas mãos e nos pés. Depois, sem ouvirmos qualquer atrito nem o

menor movimento rápido da sua pessoa, ou mesmo a mais rápida ondulação da mesa em volta da qual nos achávamos, os Srs. Otero e Tassi, os mais próximos da médium, foram os primeiros a perceber uma ascensão inesperada. Sentiram que seus braços se levantavam muito devagar e, não querendo por forma alguma largar as mãos da médium, tiveram que acompanhá-la na sua ascensão.

Este caso esplêndido de levitação é tanto mais digno de atenção quanto se realizou sob a mais rigorosa vigilância, e com tal celeridade que eles pareciam levantar uma pena. O que surpreendeu sobretudo esses senhores foi sentirem os dois pés da médium postos em cima da pequena superfície da mesa (0,80m x 0,60m), já em parte coberta pelas mãos de quatro assistentes, *sem que nenhuma dessas mãos fosse tocada*, estando elas na mais completa escuridão.

Ainda que aturcidos por um fato tão extraordinário e tão imprevisto, um de nós perguntou a John³⁰ se lhe seria possível levantar um pouco a médium acima da mesa, a pés juntos, de modo que nos permitisse constatar melhor a elevação. Em seguida, sem discutir a pergunta exigente e maliciosa, Eusábia foi levantada de 10 a 15 centímetros acima da mesa. Cada um de nós pôde livremente passar a mão por baixo dos pés da “feiticeira” suspensa no ar!

Ao contar-vos isto, não sei qual é o sentimento mais forte em mim: se a satisfação de ter obtido um fenômeno tão magnífico, tão maravilhoso, ou se a suspeita penosa de ser considerado como visionário, mesmo pelos meus mais íntimos amigos. Felizmente éramos quatro, compreendido neste número o Dr. Acevedo, sempre desconfiado, e dois “semicrentes”, muito dispostos a aceitar a evidência dos fatos.

Quando a nossa “feiticeira” quis descer da mesa sem o nosso auxílio, com uma destreza não menos maravilhosa que a empregada para subir, tivemos outros motivos de admiração. Achamos a médium estendida, com a cabeça e a parte superior das costas apoiadas à borda da mesa, com o resto do corpo horizontal e direito como uma barra, sem nenhum outro apoio na parte inferior, ao passo que o vestido estava

aderente às pernas, como se estivesse atado ou cosido em volta de si. Ainda que produzido na escuridão, esse fato importante foi (inútil é repeti-lo) observado escrupulosamente com o maior cuidado por todos, e de maneira a torná-lo mais evidente do que se fosse realizado em pleno dia.

Contudo, tive ocasião de ser testemunha de uma coisa mais extraordinária ainda. Uma noite, vi a médium, com o corpo hirto no mais completo estado de catalepsia, conservar-se na posição horizontal, tendo *somente a cabeça encostada à borda da mesa, durante cinco minutos, à luz do gás, na presença dos professores de Cintiüs, Dr. Capuano, o bem conhecido escritor, Frederico Verdinois e outras personagens.*”

2º) Levitações em Milão, no ano de 1892

O relatório oficial das experiências de Milão, redigido pelo Sr. Aksakof, Conselheiro de Estado do Imperador da Rússia, é assinado pelos Srs. Giovanni Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Carl du Prel, doutor em Filosofia, de Munique; Angelo Brofferio, professor de Filosofia; Giuseppe Gerosa, professor de Física na Escola Superior de Agricultura de Portici; Ermacara, doutor em Física; Charles Richet, professor na Faculdade de Medicina de Paris; César Lombroso, professor na Faculdade de Medicina de Turim.

Constata, com a levitação, outros dois fenômenos que lhe são conexos:

“Variação da pressão exercida por todo o corpo da médium sentada na balança – A experiência apresentava muito interesse, mas também muitas dificuldades; porque se compreende que todo o movimento, voluntário ou não, da médium sobre a prancha da balança pode causar oscilações desta prancha e, por consequência, da alavanca. Para que a experiência fosse concludente, era mister que a alavanca, uma vez na sua nova posição, aí ficasse alguns segundos para medir a deslocação do peso. Fez-se o ensaio com esta esperança. A médium foi colocada na balança, sentada numa cadeira, e achou-se um peso de 62 quilogramas.

Depois de algumas oscilações, produziu-se abaixamento muito pronunciado da alavanca durante segundos, o que permitiu ao Sr. Gerosa, colocado perto da alavanca, avaliar o peso imediatamente. Era de 52 quilogramas, o que indicava uma diminuição de pressão equivalente a 10 quilogramas.

Ao desejo expresso por nós de obtermos o fenômeno inverso, a extremidade da alavanca não tardou a elevar-se, indicando então um aumento de 10 quilogramas. Esta experiência foi repetida várias vezes e em cinco sessões diferentes. Uma vez não deu resultado; mas, em outra ocasião, *um aparelho registrador permitiu obter duas curvas do fenômeno*. Tentamos reproduzir semelhantes depressões e não pudemos consegui-las senão ficando completamente em pé na prancha e carregando então, quer de um lado, quer do outro, perto da borda, com movimentos bastante amplos, os quais nunca observáramos na médium, nem a sua posição na cadeira teria permitido. Todavia, reconhecendo que não se podia declarar a experiência absolutamente satisfatória, nós a completamos com a que vai ser descrita mais adiante.

Nesta experiência da balança, alguns notaram que o êxito dependia provavelmente do contacto do vestido da médium com o soalho, em cima do qual estava diretamente colocada a balança.

Foi isto verificado por um observador especialmente proposto para esse efeito na noite de 9 de outubro. Estando a médium na balança, a pessoa que estava encarregada de vigiar os seus pés não tardou a ver a orla inferior do seu vestido alongar-se até pender para baixo da prancha. Enquanto se opuseram a esta operação, que, *com certeza*, não era produzida pelos pés da médium, a levitação não se efetuou; mas, desde que deixaram que a parte inferior do vestido de Eusápia viesse a tocar no soalho, viu-se produzir uma levitação repetida e evidente, que foi *indicada por uma grande curva no quadrante registrador* das variações de peso.

Em outra ocasião, tentamos obter a levitação da médium colocando-a em cima de uma tábua larga de desenho e esta

em cima da prancha da balança. Impedindo a tábua o contacto do vestido com o soalho, a experiência não surtiu efeito.

Finalmente, na noite de 12 de outubro, preparou-se outra balança, com uma prancha bem isolada do soalho e distante deste cerca de 30 centímetros. Como se vigiava cuidadosamente para impedir todo o contacto fortuito entre a prancha e o soalho, mesmo pela orla do vestido de Eusápia, a experiência falhou. Não obstante, nestas condições acreditamos obter, em 18 de outubro, alguns resultados; mas a experiência não foi bem evidente.

Chegamos à conclusão de que nenhuma levitação nos deu resultado quando a médium estava perfeitamente isolada do soalho.

Movimento de alavanca da balança de contrapeso – Esta experiência foi feita pela primeira vez na sessão de 21 de setembro.

Depois de ter-se constatado a influência que o corpo da médium exercia na balança, enquanto estava sentada em cima dela, era interessante ver se esta experiência podia surtir efeito a distância. Para isso, a balança foi colocada por detrás das costas da médium sentada à mesa, de tal modo que a prancha ficasse a 10 centímetros da sua cadeira.

Em primeiro lugar, a orla do seu vestido foi posta em contacto com a prancha: a alavanca começou a mover-se. Então o Sr. Brofferio pôs-se no chão e segurou a orla com a mão. Constatou que não estava de modo algum repuxada, depois volveu ao seu lugar. Continuando os movimentos com bastante força, o Sr. Aksakof pôs-se no chão por trás da médium, isolou completamente da orla do vestido a prancha, dobrou aquela por baixo da cadeira e certificou-se, com a mão, de que estava bem livre o espaço entre a prancha e a cadeira, do que imediatamente nos deu conhecimento. Enquanto ele ficava nessa posição, a alavanca continuava a mover-se e a bater de encontro à barra de espera, o que todos vimos e ouvimos.

Foi feita a mesma experiência uma segunda vez, na sessão de 26 de setembro, em presença do Professor Richet. Quando, depois de algum tempo de demora, o movimento da alavanca se produziu à vista de todos, batendo de encontro à espera, o Sr. Richet deixou logo o seu lugar junto da médium e certificou-se, passando a mão no ar e pelo chão, entre a médium e a prancha, de que esse espaço estava livre de toda a comunicação, de todo o manejo ou artifício.

Elevação da médium para cima da mesa – Colocamos entre os fatos mais importantes e significativos esta elevação, que se efetuou duas vezes, em 23 de setembro a 3 de outubro. A médium, que estava sentada numa extremidade da mesa, fazendo ouvir grandes gemidos, foi levantada com a sua cadeira e colocada com ela em cima da mesa, sentada na mesma posição, tendo sempre as mãos seguras e acompanhadas pelas das pessoas que lhe estavam próximas.

Na noite de 28 de setembro, a médium, enquanto os Srs. Richet e Lombroso lhe seguravam as duas mãos, queixou-se de mãos que a agarravam por baixo dos braços; depois, num estado de transe, disse com uma voz mudada, que lhe é usual nesse estado: “Agora trago a minha médium para cima da mesa.” No fim de dois ou três segundos, a cadeira, com a médium sentada nela, foi, não atirada, mas levantada de improviso e depositada em cima da mesa, estando os Srs. Richet e Lombroso certos de em nada terem auxiliado essa ascensão com os seus próprios esforços. Depois de ter falado, sempre em estado de transe, a médium anunciou a sua descida e, tendo-se o Sr. Finzi substituído ao Sr. Lombroso, foi a médium depositada no chão com a mesma segurança e precisão, ao passo que os Srs. Richet e Finzi acompanhavam, sem os auxiliarem em nada, os movimentos das mãos e do corpo e interrogavam-se a cada instante acerca da posição das mãos.

Além disso, durante a descida, ambos sentiram uma mão que, por várias vezes, os tocava levemente na cabeça. Na noite de 3 de outubro, renovou-se o mesmo fenômeno em

circunstâncias bastante análogas, estando ao lado da médium os Srs. Carl du Prel e Finzi.”

3º) Levitações em Varsóvia, nos anos de 1893 e 1894

Eusápia foi a Varsóvia no fim do ano de 1893 e ficou lá durante o mês de janeiro de 1894. Aí foi examinada por muitas pessoas, e suscitaram-se a seu respeito polêmicas muito animadas.

Houve vários casos de levitação, que foram mal descritos no relatório dado pela *Revue de l’Hypnotisme*. Eis um caso bem comprovado:

“Uma vez, conta o Sr. Matazewski, fui testemunha da elevação da médium ao ar, no meio do quarto, sem nenhum apoio. Estava então em transe e elevava-se gradual, vagarosa e levemente (em postura ereta), tornando a cair assim vagarosa e levemente no soalho. Isto fazia a mesma impressão que se alguém levantasse e abaixasse a médium. Eusápia ficou bastante tempo suspensa no ar, para que livremente se lhe pudesse passar a mão por baixo dos pés com o fim de constatar que ela não tocava de modo algum no soalho. A elevação foi de algumas polegadas. O fato repetiu-se quatro vezes.”

O Sr. Ochorowicz falou assim dessas levitações na *Ilustração*, de Varsóvia:

“Um outro fato dos mais surpreendentes e raros (obtido assim no Congresso de Milão) foi a levitação completa da própria pessoa da médium, a qual, sempre agarrada pelas mãos e pelos pés, foi levantada do chão e levada *com a sua cadeira*, em estado de catalepsia, para cima da mesa.

“Levantarei a minha médium ao ar”, disse Eusápia em francês bastante correto (língua que ela não conhece no seu estado normal); e, na realidade, foi levantada. Tal foi, pelo menos, a minha impressão durante alguns segundos. Passando a mão por baixo das suas botinas, pude constatar que entre estas e a mesa havia uma distância de quatro a cinco polegadas.

Ainda outra vez a médium foi bruscamente levantada do chão. Estava em pé, e o Sr. Ochorowicz teve tempo de passar a mão entre os pés de Eusápia e o soalho. Terminada a levitação, a médium, sempre em estado semiconsciente, caminhou para a mesa e, firmando as mãos em cima, tentou simular muito grosseiramente ou talvez provocar uma nova elevação. Uma particularidade bastante digna de nota, diz o Sr. de Siemiradzki, que a testemunhou, é a dos movimentos automáticos análogos, porém, muito fáceis de ser distinguidos dos verdadeiros fenômenos, aos quais, em muitos casos, se deve atribuir a fraude aparente de que às vezes acusaram Eusápia.”

4º) Levitação em Agnelas

No mês de setembro de 1895, Eusápia esteve em França na minha casa de campo, situada em Agnelas, perto de Voiron (Isère), a fim de ser estudada aí por uma Comissão composta dos Srs. Sabatier, deão da Faculdade de Ciências de Montpellier; Coronel de Rochas, diretor da Escola Politécnica; Conde Arnaldo de Gramont, doutor em Ciências Físicas; Dr. Dariex, doutor em Medicina, diretor da revista *Annales des Sciences Psychiques*; Maxwell, substituto do Procurador Geral em Limoges; Barão de Watteville, licenciado em Ciências Físicas e em Direito.

Houve uma levitação na sessão de 27 de setembro. A ata publicada pela Comissão descreve assim o fenômeno:

“10h 50m. – Os Srs. de Gramont, Sabatier e Coronel de Rochas são sucessivamente tocados na cabeça, no ombro, nas costas, no braço. Nesse momento, o Sr. Dariex, cansado, deixa a sessão.

O Sr. Maxwell cede o seu lugar, à esquerda de Eusápia, ao Sr. de Rochas. O Sr. de Gramont, deixando a verificação das pernas de Eusápia, passa à direita, substituindo o Sr. Sabatier. O Sr. de Rochas segura a mão esquerda de Eusápia e o Sr. de Gramont a mão direita.

Eusápia pede que afastem a mesa da janela e a levem para o meio da sala. As mãos são examinadas, como fica dito. Os pés de Eusápia descansam, o direito em cima do pé esquerdo do Sr. de Gramont, o esquerdo em cima do pé direito do Sr. de Rochas.

Eusápia diz por várias vezes “Altare, altare”, isto é, “Elevar, elevar”, a fim de indicar que vai fazer esforço para erguer-se. Faz repetir aos Srs. de Gramont e Coronel de Rochas, que lhe seguram as mãos, o movimento *de acompanhar* mãos no ar, mas sem operar tração ou resistência notável. No fim de alguns minutos e numa escuridão quase completa, que permite com grande custo distinguir os perfis, pareceu ao Sr. de Gramont, que segurava a mão direita de Eusápia, que esta, *sem se firmar nas mãos dos observadores* que seguem simplesmente as suas, nem nos pés dos mesmos observadores em cima dos quais descansavam os seus, era levantada, *sentada*, com um movimento contínuo bastante rápido, não por um *pulo* ou *salto*, mas antes por uma ascensão. A cadeira eleva-se com ela e os pés de Eusápia chegam *quase* à altura da mesa. Os observadores levantam-se ao mesmo tempo para seguirem o movimento. A partir desse momento, ela escapa das mãos dos dois observadores. O Sr. Sabatier, colocado à direita do Sr. de Gramont, procura perceber pelo tato, na escuridão, se Eusápia, enquanto se eleva, coloca um joelho em cima da mesa para lhe servir de alavanca; mas nada pôde constatar claramente. Os Srs. de Gramont e Coronel de Rochas afirmam que Eusápia foi levantada com a sua cadeira a altura pouco inferior à da mesa, sem operar pressão neles e sem se firmar nas suas mãos ou nos seus pés.

A surpresa traz ao exame uma confusão e um relaxamento notáveis. Constata-se somente que Eusápia está *em pé*, com a sua cadeira em cima da mesa. Ela tenta elevar-se ainda verticalmente. O Sr. Sabatier passa rapidamente a mão por baixo da planta dos pés de Eusápia e constata que os calcanares estão levantados acima da mesa, porém que Eusápia

se apóia nos dedos dos pés, como fazemos quando nos erguemos na ponta dos pés.

Eusápia então se enfraquece. As pessoas próximas dela recebem-na nos braços e fazem-na sentar no chão.

Devemos acrescentar que uma das pessoas que se achavam próximas à mesa desmaiou quase completamente, não de emoção, mas de fraqueza, dizendo que sentira *esvair-se* de forças sob a influência dos esforços de Eusápia.”

H – Experiências em Roma no ano de 1893

O Sr. Palazzi (de Nápoles) publicou, em dezembro de 1893, a narrativa de uma sessão, à qual acabava de assistir em Roma, na casa de um pintor, o Sr. Francesco Alegiani, na presença do Sr. Henrique de Siemiradzki, do Dr. Nicola Santângelo, médico de Venosa, dos professores Ferri e Lorgi, da Universidade de Roma, do Sr. Hoffmann, diretor da revista *Lux*, do Sr. Giorli e de alguns outros homens ou senhoras, ao todo umas vinte pessoas, entre as quais três médiuns, o Sr. Palmiani, engenheiro, e dois jovens estudantes, os Srs. Arturo Ruggieri e Alberto Fontana. Este último era o médium mais poderoso.

Catorze pessoas formaram a cadeia em volta da mesa iluminada por uma lanterna vermelha.

O Sr. Fontana estava num dos ângulos. O Sr. Giorli segurava-lhe a mão direita e o Dr. Santângelo, que se achava, por causa do ângulo da mesa, na borda perpendicular à que ocupavam os outros dois, segurava-lhe a mão esquerda.

Ouviram-se em primeiro lugar estalidos na mesa; esta se levantou parcialmente e depois se ergueu inteiramente a trinta centímetros do solo.

Então, satisfazendo ao pedido da mesa, feito por meio de pancadas, estabeleceu-se completa escuridão.

“Momentos depois, de repente e sem que nada o tivesse feito prever, *as três pessoas* acima indicadas *foram erguidas ao mesmo tempo e levadas para cima da mesa*, os Srs. Fontana em pé, Santângelo de joelhos. Esta diferença de posição poderia achar a sua explicação no esforço que a força agente

não pudera desenvolver inteiramente sobre Santângelo, o qual não se achava na mesma linha que o Sr. Fontana. Tivera que deixar o doutor ajoelhado sem conseguir pô-lo em pé.

Seja de que modo for, é necessário uma força muito poderosa para levantar, de uma só vez e ao mesmo tempo, três pessoas das quais duas, os Srs. Giorli e Santângelo, são muito pesadas.

Esse fenômeno foi devidamente constatado por várias pessoas, entre outras a Sra. Ferri e o Sr. Siemiradzki. Durante esse tempo, o médium era levantado acima da mesa, fenômeno constatado e verificado pela maior parte dos assistentes, não somente pelos que se achavam junto do médium, mas também pela Sra. Ferri, o Sr. Siemiradzki e por mim, que estávamos do lado oposto da mesa. *Passamos completamente por várias vezes a mão por baixo dos pés do médium, entre os seus pés e a mesa.* Estava levantado cerca de dez centímetros.

Como a escuridão completa podia deixar supor que os dois pés por baixo dos quais se passava a mão não eram os do médium, porém que um pertencia ao médium e o outro ao Sr. Giorli em pé ao lado dele, trouxeram a luz vermelha, fizeram descer os dois verificadores e pediram à força agente, que se dizia um Espírito chamado Oscar, que reproduzisse o fenômeno no médium, que ficara só em cima da mesa e sempre seguro da direita e da esquerda pelos verificadores, o que foi aceito.

Feita de novo a escuridão, o médium foi levantado acima da mesa. Verificou-se então, muito claramente, que ele fora levantado ainda a maior altura do que da primeira vez, pois a maior parte dos assistentes puderam passar a mão por baixo dos seus pés, não mais espalmada como precedentemente, porém direita e atravessada.

Tendo-se constatado bem a levitação, o médium desceu até à mesa.

Pedimos então ao mesmo Espírito que o descesse de cima da mesa, coisa que foi logo feita. O médium, enquanto era

descido devagarinho, não cessava de gritar que, por piedade, não lhe largassem as mãos.

Poucos instantes depois de o médium estar sentado na sua cadeira, foi, de repente, atirado ao comprido, por baixo da mesa, com tal violência que arrastou consigo o Sr. Giorli e quase fez cair o Dr. Santângelo. O médium e o Sr. Giorli vieram bater com os pés nos nossos, e nós estávamos na extremidade oposta da mesa.

Dissemos ao Sr. Giroli que levantasse o Sr. Fontana; mas, depois de alguns esforços, disse-nos ele que, devido ao Sr. Fontana estar muito pesado, não o conseguira mover.

Várias outras pessoas tentaram também, porém inutilmente, levantar o médium.

O Sr. Giorli ficava sempre estendido ao lado do médium. Fizemo-lo retirar-se dali e pôr-se em pé, com o receio de que ele contribuísse para tornar pesado o Sr. Fontana. Este, em seu espanto eterno, recomendava aos Srs. Giorli e Santângelo que não largassem suas mãos.

O Sr. Siemiradzki, homem alto e robusto, quis então levantar o médium, mas não tardou a declarar que o Sr. Fontana “estava pregado no chão” e que não conseguia movê-lo.

A Sra. Ferri quis também tentar a prova, mas chegou ao mesmo resultado negativo. Ferri, que estava sentado ao meu lado, exclamava cheio de surpresa: “E não obstante, minha mulher é mais forte que um homem.”

Pedimos finalmente ao Espírito Oscar que levantasse o médium. Num abrir e fechar de olhos, foi este repostado na sua cadeira.”

O Sr. Dr. Santângelo confirmou os fatos de levitação, obtidos nas sessões de 8 e 15 de dezembro de 1893, numa carta da qual destaco o seguinte:

“Em completa escuridão, tanto na primeira como na segunda sessão, verificamos a levitação do médium Ruggieri, o qual se elevou quase à altura de um metro acima do nível da mesa, do que eu próprio me certifiquei e fiz constatar, na

primeira sessão, pela Sra. Possidoni, que estava à minha esquerda, e na segunda sessão pela Sra. Ferri, que nos honrara com a sua presença.

No decurso da sessão, o médium, depois de ter sido elevado ao ar, foi com força tirado de debaixo da mesa e obrigado a ficar imóvel, deitado de costas. Eu, a Sra. Ferri, o Sr. e a Sra. Siemiradzki esforçávamo-nos para movê-lo pelo menos um centímetro. Tudo foi inútil; ele parecia de chumbo e fortemente preso ao chão.

Há mais ainda. Na segunda sessão produziu-se um fato que me impressionou muito e impressiona-me ainda todas as vezes que o relato.

Quando o médium Sr. Ruggieri começava a elevar-se, eu o estava segurando fortemente com a mão; mas, vendo-me puxado com força até perder pé, agarrei-me ao seu braço e assim *fui elevado ao ar com o meu companheiro, que estava do outro lado do médium*. Éramos todos três elevados ao ar *até uma altura de, pelo menos, três metros acima do soalho*, pois que eu tocava distintamente, com os pés, no lustre que pendia do centro do teto.

Na rápida descida, acesa a luz, achei-me ajoelhado em cima da mesa, quase em perigo de quebrar o pescoço, sem que, todavia, nada de desagradável me tivesse sucedido.

Sim, em Roma, eu próprio, sem asas, voei no ar, e isto posso atestar à face de Deus e dos homens; mas, antes de mim, os três médiuns Cecechini, Ruggieri e Boella foram também levantados no espaço até tocarem no teto... e era belo ouvir a voz deles vir de tão alto, anunciando o fenômeno. (Vede *Lux*, VI ano, fasc. 12º.)

Eis fatos e fatos importantes, incríveis, sim; mas, todavia, dignos de todas as considerações possíveis e imagináveis. Que vantagens tirarão deles a Química, a Física, a Fisiologia, a Psicologia, a Antropologia, a Ética, a Moral, a Política, a Religião, etc.?

Por que não são estudados?... São coisas incompreensíveis.”

O Sr. Falcomer, professor no Real Instituto Técnico de Alexandria, falou-me dessa sessão numa carta com a data de 10 de novembro de 1895:

“Na casa do meu amigo Hoffmann, em Roma, um médium elevou-se ao ponto de tocar com a cabeça no teto da sala. Enquanto se elevava, ele era seguro por duas pessoas, uma pela mão direita, outra pela mão esquerda. O meu amigo, o cavalheiro Santângelo, médico cirurgião, e um outro, erguidos pelos braços, elevaram-se ao mesmo tempo que ele.”

Na mesma carta, o Sr. Falcomer assinala outra levitação que acabava de se realizar em Florença, e cujo resultado foi tão desastroso que ele me pediu para não publicar os nomes das vítimas.

Um médico, redator de uma revista de hipnotismo, viera assistir à sessão, trazendo consigo o seu parente Sr. X..., tão incrédulo como ele. O Sr. X... desafiou, em termos bastante grosseiros, a força desconhecida a que produzisse alguma coisa diante dele. O Espírito não tardou a responder com um argumento irresistível. Levantou até ao teto da sala aquele que o desafiara e *deixou-o cair tão pesadamente que lhe quebrou o braço.*

Espero fazer entrar a convicção no cérebro dos leitores, por um processo menos brutal.

I – Casos diversos

Dois casos foram recentemente observados em Grenoble e afirmados pelo cura de uma das suas paróquias, por um professor da Faculdade e por um engenheiro, antigo aluno da Escola Politécnica, que os testemunharam.

O primeiro refere-se a uma extática recolhida num convento dos arredores. Essa mulher ficava deitada no momento das suas crises. Algumas vezes, o corpo tornava-se-lhe rígido e, se a pegavam pelo cotovelo, podia ser levantada como uma pena, tão leve parecia.

O segundo caso é o de um menino que, durante alguns anos, apresentou fenômenos muito análogos aos que foram descritos sob o nome de *agilidade sobrenatural*, no capítulo III, isto é,

trepava sem esforço ao longo das paredes. A mãe estava muito inquieta com essas manifestações anormais. Consultou em vão os médicos. Um dia, o menino caiu numa crise de sonambulismo e indicou certa tisana que devia beber, o que foi feito, e ele se curou.

Na sessão de 3 de fevereiro de 1897, da Sociedade de Ciências Psíquicas, o padre Bulliot citou um caso de levitação que ouviu contar a Monsenhor Hulst. A tia de prelado, uma santa religiosa, mãe do burgomestre, morta em 1863, “era elevada acima do chão por várias vezes e à vista de todas as freiras da sua comunidade, notadamente quando na sua presença se falava do “amor de Deus”.

Um dia, a piedosa madre, tendo sido atada ao seu genuflexório, arrastou-o consigo. o genuflexório caiu e de uma altura tal para se quebrar em pedaços, que foram conservados. Monsenhor Hulst interrogou separadamente várias religiosas que testemunharam esses fatos.

Conheço, em Bordéus, uma honrada mulher, a senhora Agulana, que me contou ter sido, quando jovem, perseguida na sua aldeia, onde passava por feiticeira, porque algumas vezes se elevava de repente ao ar, durante um instante, sem que soubesse donde isso provinha.

A levitação foi algumas vezes obtida por *atração magnética*.

Um dos casos, observado pelo Sr. Borguignon, negociante em Rouen, foi descrito por ele numa carta endereçada ao Dr. Charpignon, a 3 de julho de 1840.

“Tenho notado – diz ele – que os seus membros (os do paciente que ele magnetizava) seguiam, quando eu desejava, todos os meus movimentos, lembrei-me de os atrair. Tendo colhido bom resultado em diferentes ensaios, coloquei minha mão a duas ou três polegadas acima do epigastro e todo o corpo se elevou, ficando suspenso... Acrescentarei que tendo tido, há seis semanas, a pessoa que eu magnetizo, um resfriamento do peito, deixei, para não cansá-la, de a elevar horizontalmente. Coloco então a mão por cima da sua cabe-

ça e faço-a elevar de maneira que eu consiga passar várias vezes a mão ou uma bengala por baixo dos seus pés.”

O Sr. Borguignon afirma que, de dez experiências, tirou resultado em oito, porém que não pôde reproduzi-las com nenhum outro paciente.

“O Sr. Phéron, de Montauban – diz ele ainda –, com quem estou ligado e que se tem ocupado em magnetizar segundo os meus conselhos, asseverou-me ter obtido o mesmo resultado numa sonâmbula. Não vi isso, mas sei que ele é homem incapaz de alterar a verdade.”³¹

O *Journal du Magnétisme*, de Ricard, consigna, no seu número de novembro de 1840, um fato análogo. O Sr. Schmidt, médico em Viena (Áustria), veio fixar-se na Rússia com sua filha, que ele casou depois com o Sr. Pourrat (de Grenoble). Em Kiev, a Sra. Pourrat, que era valetudinária, foi magnetizada por seu pai. O efeito foi tão poderoso que, depois de feitos alguns passes, a doente, com grande admiração dos assistentes, foi levantada do leito no qual estava estendida ao comprido, de maneira que podia passar-se a mão entre o leito e o corpo, sem tocar em coisa alguma.

O Dr. Kerner refere igualmente, na sua obra *Voyants de Prévorst*, que, tendo constatado que os seus dedos atraíam os da Sra. Hauffe, estendeu as mãos por cima dela e levantou-a do chão. Sua mulher obteve o mesmo resultado.

Enfim, farei observar que a levitação de uma pessoa viva pode ser considerada como um caso particular da levitação de um objeto pesado qualquer, de que dei tão numerosos exemplos no meu livro *Extériorisation de la Motricité*, e cuja realidade acabamos ainda de constatar em duas séries de sessões efetuadas de 15 de setembro a 15 de outubro de 1895 com Eusápia Paladino, em Paris e em Choisy-Yvrac, perto de Bordéus.

Em Paris, uma pesada mesa elevou-se bruscamente debaixo das mãos dos experimentadores até à altura das suas barbas, ficou nessa posição durante algum tempo, apesar dos esforços empregados para a fazerem descer, e depois caiu com estrondo.

Um desses experimentadores, o Sr. Sully-Prud'-homme, da Academia Francesa, viu um mocho de arquiteto, muito pesado, avançar sozinho para si. “Roçou-me, diz ele, o lado esquerdo, elevou-se à altura da mesa e veio pousar em cima.”

Em Choisy-Yvrac, enquanto segurávamos e víamos as duas mãos de Eusápia postas em cima da mesa, uma cadeira, *colocada por trás dela*, elevou-se sozinha, passou por cima da sua cabeça, por cima da mesa e veio apresentar-se, no ar, à mão de um de nós que ia ao seu encontro.

* * *

Certamente, qualquer pessoa que, abrindo ao acaso este livro, lesse isoladamente um dos fatos que citamos não hesitaria em classificá-lo como absurdo; mas está aí a história das ciências para nos recordar que cada geração viu derrocar-se, diante dos fatos novos pacientemente recolhidos e observados, a maior parte do acervo dos conhecimentos de que, entretanto, a geração precedente se julgava bem segura. Considerai a biblioteca de um físico, de um químico, de um fisiologista do último século. Que resta hoje? Temos o direito de nos considerar mais privilegiados que os nossos antepassados, sobretudo quando pensamos nas dificuldades de toda sorte que se têm oposto e se opõem ainda ao estudo dos fenômenos de que aqui se trata?

Capítulo V

Teorias propostas e fenômenos análogos

A – As teorias

Vimos, nos capítulos precedentes, quão diversas eram as circunstâncias nas quais se produzia a levitação e algumas das explicações que foram dadas.

O Abade Ribet e alguns místicos são levados a atribuir a maior parte dos casos à preponderância que o espírito toma sobre o corpo.

Os ocultistas exprimem quase a mesma opinião, dizendo que o *corpo astral*, desprendendo-se, arrasta o corpo carnal, e fazem notar que é a esse desprendimento do corpo astral, operado em outras condições, que são devidos os sonhos tão freqüentes em que se imagina ser subtraído à ação da gravidade e ter a faculdade de se lançar através dos ares.

Home, Eusápia e a grande maioria dos católicos vêem nisso a ação de entidades inteligentes e invisíveis (elementares, anjos ou demônios).

Certos sábios orientais, finalmente, explicam o fato por correntes elétricas.

Tal é também a explicação proposta pelo Sr. Fugairon, doutor em Ciências e Medicina, que admite a realidade dos fatos, no seu livro intitulado *Ensaio sobre os fenômenos elétricos dos seres vivos*.

Eis o que ele diz (págs. 133 e seguintes):

“São conhecidos os movimentos devidos ao fluxo da eletricidade pelas pontas, fluxo que é posto em evidência nos cursos de Física, por meio do torniquete. Se fixarmos o instrumento sobre o condutor de uma máquina elétrica, vemo-lo girar em sentido contrário ao fluxo da eletricidade. Explica-se esse movimento pela repulsão que se exerce entre o ar eletrizado e a própria ponta, repulsão que expelle o ar de uma

parte, e de outra faz retrogradar a ponta. A rotação dá-se também no azeite, líquido mau condutor, mas não na água.

Por conseguinte, não seria possível que um paciente pereelectrógeno, bem dotado, em pé, na ponta dos pés, sobre um soalho ou ladrilho mau condutor, e produzindo um fluxo muito intenso de fluido elétrico pelos dedos dos pés, se elevasse acima do solo? Não poderia também produzir-se o efeito se o paciente, em êxtase, deixasse escapar o seu fluido ao mesmo tempo pelos dedos dos pés e pelos joelhos dobrados?

Sabe-se que o corpo dos animais é diamagnético e que a Terra é um ímã. Ora, da mesma maneira que os corpos pesados se afastam da superfície da Terra, quando pesam menos, em volume igual, do que o meio ambiente, da mesma maneira um ímã repele o corpo que é menos magnético do que o meio no qual está mergulhado. Talvez que este princípio, devido a Becquerel, represente também um papel na levitação.”³²

Parece isso tanto mais provável quanto se viu, nas citações precedentes, produzir-se a levitação como uma espécie de *prolongamento* da agilidade supernatural, isto é, da diminuição de peso dos pacientes,³³ e experiências feitas no fim do século XVIII pareceriam provar que a eletricidade diminuía o peso dos corpos.

Eis, com efeito, o que diz Steiglehner, professor de Física em Ingolstadt, numa memória publicada no ano de 1785, em Haia, com o título *Analogia da Eletricidade e do magnetismo*:

“CX – Mandei fazer dois vasos cilíndricos de latão. Dei-lhes, por meio de uma boa balança, igual peso e enchi-os com igual quantidade de água. O diâmetro de cada vaso era de 31 linhas. Tirei um dos vasos da balança e eletrizei-o com a água que continha. Pus outro à parte, mas deixei-o no mesmo quarto para não expô-lo a outra temperatura. Depois de ter eletrizado o vaso e a água que ele continha, durante uma hora, tornei a pôr os dois vasos na mesma balança, e o

que fora eletrizado pesava 12 grãos menos. Houvera, pois, uma evaporação equivalente à mesma quantidade.

CXI – Coloquei um pássaro na concha de uma balança e eletrizei-o durante duas horas ou mais. Achei que diminuía cada vez mais de peso, de modo que, por último, estava alguns grãos mais leve, porém não posso ainda determinar o número exato, porque é diferente segundo o estado da máquina e do ar.

Achei, no intervalo de tempo que acabo de enunciar, algumas vezes 8 grãos, outras vezes 12. O Sr. Abade Nollet achou quase a mesma coisa. Segundo as suas experiências (*Memórias da Academia Real das Ciências*, em 1747, pág. 238; em 1748, pág. 178), um gato perdeu entre 66 e 70 grãos, um pombo entre 15 e 20, mas eletrizou durante 5 ou 6 horas.”

Certos magnetizadores pretendem que se pode tornar um objeto pesado ou leve, magnetizando-o.

Afirmamos, diz o Sr. de Mirville (*Des Esprits*, pág. 300), que, a um simples sinal que nós mesmos transmitíamos a um magnetizador, o seu sonâmbulo, carregado aos nossos próprios ombros, tornava-se à nossa vontade infinitamente mais leve ou esmagava-nos com todo o seu peso. Afirmamos ainda que, a um simples sinal nosso ao magnetizador, colocado na outra extremidade do quarto, esse sonâmbulo, cujos olhos estavam hermeticamente cerrados, deixava-se rapidamente arrastar... ou então, obedecendo à nossa nova intenção, ficava de repente tão pregado ao soalho que, curvado horizontalmente e não se sustentando já senão na extremidade da ponta dos pés, eram baldados todos os nossos esforços (e éramos quatro) para o fazermos avançar uma única linha. “Podíeis atrelar-lhe seis cavalos, dizia-nos o magnetizador, que não o fareis mover daí...”

Allan Kardec refere, em *O Livro dos Médiuns*, que várias vezes viu pessoas fracas e delicadas levantarem com dois dedos, sem esforço e como uma pena, um homem forte e robusto com o móvel em que ele estava sentado. Esta faculdade é, de resto, intermitente nos pacientes. Há, talvez, nisto um fenômeno de

outra ordem, que se pode aproximar da experiência seguinte, referida pelo célebre físico David Brewster, membro da Sociedade Real de Londres, numa das suas *Cartas a Walter Scott sobre a Magia natural*:

“A pessoa mais pesada da sociedade deita-se em cima de duas cadeiras, de tal modo que a parte inferior das coxas assenta numa e os ombros na outra. Quatro pessoas, uma em cada pé e em cada ombro, procuraram levantá-la e constataam logo que a coisa é muito difícil.

Quando todas as cinco volveram às suas posições primitivas, a pessoa deitada dá dois sinais batendo duas vezes com as mãos uma na outra. Ao primeiro sinal, ela e as outras aspiram com força. Logo que os pulmões estão cheios de ar, dá o segundo sinal para a elevação, que se faz sem a menor dificuldade, como se a pessoa levantada fosse tão leve como uma pena.

Tive várias ocasiões de observar que, quando uma das pessoas que levantavam não aspirava ao mesmo tempo que as outras, a parte do corpo que ela se esforçava por levantar ficava abaixo das outras.

Muitas pessoas fizeram sucessivamente o papel de carregador ou de carregado. Todas ficaram convencidas de que, pelo processo que acabo de descrever, ou o peso do fardo diminuía ou a força dos carregadores aumentava.

Em Veneza, foi a mesma experiência repetida em condições ainda mais admiráveis. O homem mais pesado da sociedade foi elevado e carregado na extremidade dos dedos mínimos de seis pessoas. O Major H... declara que a experiência falha quando a pessoa a elevar está deitada em cima de uma tábua e o esforço das outras pessoas se exerce sobre a tábua. Considera como essencial que os carregadores achem-se em contato imediato com o corpo humano a elevar. Não tive ocasião de verificar esse fato pessoalmente.”

É muito provável que o fenômeno seja complexo³⁴ e nem sempre devido às mesmas causas. Por isso, não é sem interesse, numa questão ainda tão obscura, recordar aqui outros fatos que

têm com ele alguma semelhança e são evidentemente causados pela eletricidade.

B – Fenômenos de repulsão produzidos pelas correntes alternativas

Extraído da obra *Physique Populaire*,
Desbeaux, págs. 56 e seguintes.

O Professor Elihu Thomson, de Lynn (Estado de Massachusetts), observou em 1884, no Instituto de Washington, que um eletroímã, excitado por uma *corrente alternada e periódica*, repelia um magneto, um disco de cobre, um tubo, etc., convenientemente colocados no seu campo.

Essas experiências intrigaram muito os visitantes da exposição de 1889, pouco habituados, na maior parte, aos fenômenos de ação a distância, isto é, exercendo-se sem intermediário visível. O aquecimento intenso dos objetos repelidos era igualmente para eles uma causa de admiração.

O eletroímã empregado não era diferente dos que descrevemos. Estava colocado verticalmente sobre um suporte. O seu núcleo era formado por um grosso feixe de fios de ferro, isolados uns dos outros. O fio de cobre enrolado ao redor deste núcleo era muito comprido. As suas extremidades terminavam nos dois limites do suporte, ligados por outra parte às extremidades do circuito exterior que conduzia a corrente de um poderoso dínamo de efeitos alternados. Um tubo de cartão, enfiado no eletroímã, escondia-lhe o fio.

Estando assim preparadas as coisas, se se abandona a si mesmo um anel que cerca o eletroímã, ele é violentamente lançado no ar.

C – Transporte, pelo raio, de objetos inanimados

Extraído da obra *Le Tonerre*,
de F. Arago, págs. 124 e seguintes.

Uma propriedade do raio bem digna de ser estudada é aquela em virtude da qual o meteoro transporta algumas vezes ao longe

massas de grande peso. Vou citar alguns exemplos desses transportes.

Na noite de 14 para 15 de abril de 1718, um raio fez saltar o telhado e as paredes da igreja de Gouesnon, perto de Brest, como teria feito a dinamite. Pedras foram lançadas em todas as direções, até à distância de 51 metros.

O raio que caiu no castelo de Clermont-en-Beauvaisis fez um buraco de 65 centímetros de largura por 60 de profundidade numa parede, cuja construção, segundo a tradição geral, remontava ao tempo de César, e que, em todos os casos, era tão dura que a picareta a muito custo lhe entrava. Os estilhaços, provenientes desse buraco, achavam-se espalhados em diversas direções, a mais de 16 metros de distância.

Durante a noite de 21 para 22 de junho, o raio quebrou uma árvore na floresta de Nemours. Os dois fragmentos do tronco tinham, um 5 e o outro 7 metros de comprimento. Quatro homens não teriam levantado o primeiro; entretanto, o raio atirou-o a 15 metros de distância. O segundo estava a 5 metros do primeiro lugar, mas numa direção oposta ao primeiro fragmento. O seu peso excedia o que só oito homens conseguiriam remover.

Em janeiro de 1762, um raio caiu no campanário da igreja de Breag, no Cornosilles. A pequena torre (pináculo) de alvenaria do sudoeste foi feita em cem pedaços e totalmente demolida.

Uma pedra, que pesava quintal e meio, fora atirada de cima do telhado da igreja, na direção do sul, à distância de 55 metros (sessenta jardas).

Achou-se outra pedra a 394 metros (400 jardas) da torre, mas esta para o norte. Uma terceira estava ao sudoeste.

Em Funzie, em Feltar (Escócia), pelo meado do último século, uma rocha de micaxisto, com 32m de comprimento por 3m de largura, e tendo, em algumas partes, 1,20m de espessura, foi arrancada num instante por um raio e quebrada em três grandes fragmentos, fora os pequenos. Dos fragmentos maiores, um com 7,90m de comprimento, 3m de largura e 1,20m de espessura, fora simplesmente virado. O segundo, com 8,50m de comprimento, 2,10m de largura e 1,50m de espessura, lançado por cima

de um cômodo, foi cair na distância de 45 metros. Um outro fragmento, com cerca de 12m de comprimento, foi projetado na mesma direção com maior força ainda e perdeu-se no mar. (Extraído pelo Sr. Hilbert dos *Manuscritos* do Rev. Jorge Low, citado pelo Sr. Lyell, no 1º volume da sua obra *Principes de Géologie*.)

Em 6 de agosto de 1809, em Swinton, distante cerca de 8 quilômetros de Manchester, um raio produziu, numa parte da casa do Sr. Chadwick, efeitos mecânicos notáveis, que vamos descrever sem nos ocuparmos, neste momento, com a sua explicação.

Uma casinha feita de tijolos, que servia para armazenar carvão de pedra, e terminada, na parte superior, por uma cisterna, estava encostada à habitação do senhor Chadwick. As paredes tinham 0,90m de espessura e 3,30m de altura. Os seus alicerces desciam a 30 centímetros aproximadamente abaixo do solo.

Em 6 de agosto, às duas horas da tarde, em seguida a descargas repetidas de um trovão afastado e que parecia aproximar-se, ouviu-se uma explosão formidável. Foi imediatamente seguida de torrentes de chuva. Durante alguns minutos, um vapor sulfúreo rodeou a casa.

A parede exterior da casinha, com a carvoeira e a cisterna, foram arrancadas dos alicerces e levantadas em massa. A explosão levou-as verticalmente e sem derrubá-las, a alguma distância do seu primitivo lugar. Uma das suas extremidades deslocara-se 2,70m e a outra 1,20m.

A parede assim levantada e transportada compunha-se, sem contar a argamassa, de 7.000 tijolos e podia pesar 26.000 quilos aproximadamente.

Na ocasião do fenômeno, a carvoeira continha uma tonelada de carvão e a cisterna uma certa quantidade de água. (*Mem. de Manchester*, tomo II, 2ª série.)

O Sr. Liais relata que, durante a tempestade desabada em Cherburgo na noite de 11 para 12 de julho de 1852, um raio caiu no mastro de mezena do navio *O Patriota*, que se achava no porto. O mastro fulminado foi fendido num comprimento de 26 metros, entre a ponta e o cesto da gávea. Vários fragmentos

foram lançados a grande distância. A força de projeção foi tal que um pedaço de 2 metros de comprimento, medindo 20 centímetros em esquadria na extremidade mais grossa, e terminando em ponta na outra extremidade, veio, a cerca de 80 metros de distância, arrombar o tabique de carvalho da serralheria, tabique de 3 centímetros de espessura. Esse estilhaço entrou pela parte mais grossa e entranhou-se quase até ao meio do tabique. Deteve-o um nó.

D – Transporte, pelo raio, de pessoas vivas

Extraído da obra do Dr. F. Sestier
La Foudre, Paris, 1866, tomo II, pág. 87.

O raio, que transmite ao longe os corpos inertes, exerce também sobre o homem e os animais os efeitos de translação.

No momento em que o navio *A Felicidade* foi fulminado perto de Bona, o imediato viu passar na sua frente o grumete, arrebatado com a rapidez do relâmpago, da popa à proa do navio, onde caiu.

Em 8 de julho de 1839, às três horas da manhã, um raio caiu num carvalho perto de Boiremont, nos arredores de Friel (Senna-et-Oise) e feriu dois operários cavouqueiros refugiados debaixo dessa árvore. O mais novo, Atanásio Pion, com 22 anos de idade, foi morto no mesmo lugar. Apresentava sinais de queimadura desde o ombro direito até o pé do mesmo lado; as suas vestes de algodão caíam em fios. O pai, fulminado na mesma ocasião, apresentava também sinais do raio, desde a frente e o ombro esquerdo até o pé esquerdo, cujo sapato tinha um furo. No mesmo instante, *foi levantado e transportado a 23 metros de distância*, para uma moita de castanheiros, donde o retiraram semimorto. Esse infeliz operário ficou aleijado.

Algumas vezes, os fulminados são levantados perpendicularmente e caem depois no mesmo lugar. Os doutores Raymond e Fallibart citam vários exemplos. O Dr. Girault refere outro exemplo.

Um caso mais comum é aquele em que as pessoas são levantadas, lançadas ou transportadas a distâncias variáveis.

Fort-Liceti refere que, tendo caído um raio durante o ofício divino numa igreja de Carpentras, um menino foi arrebatado dos braços de sua mãe e projetado a três passos de distância.

Um fato semelhante foi relatado pelo Dr. Frencalye. Outro foi observado na igreja de São Martinho, em Dijon.

Um empregado de um posto de telegrafia elétrica recebeu tão violenta comoção que foi arrebatado da sua cadeira e lançado com força, através de uma janela, a um jardim vizinho.

Três homens achavam-se num celeiro onde penetrou um raio. Um foi impelido para frente e atirado ao chão, onde ficou como morto. Os outros dois foram lançados em direções opostas, um contra a parede, o outro contra um tabique de tábuas (Lathrop).

A distância do transporte é às vezes muito grande.³⁵ Um leñador, fulminado por um raio, foi lançado a uma distância de 20 pés (Cøester).

Howard, Lathrop, Buissart, Huberto, Lozeran e Beyer citam casos análogos.

O seguinte, referido por Sage, é assaz interessante.

Em 23 de junho de 1773, perto de Chantilly, o cirurgião Brillonet foi surpreendido por uma tempestade, acompanhada de saraiva e de ventos impetuosos. Desceu do cavalo e procurou abrigo debaixo de uma árvore, onde já se refugiara um cultivador. A fim de oporem maior resistência ao vento, estreitaram-se um contra o outro, abraçando a árvore; mas o raio, caindo sobre eles, separou-os. O cultivador foi atirado a 6 pés da árvore para o oriente e o cavalo para o ocidente dentro de um fosso que estava à mesma distância. Brillonet foi levantado e transportado a 25 passos na direção do fosso, descrevendo uma parábola. Barqueiros avistaram-no de longe, no ar, como um vulto negro.

Da mesma forma que não explicamos a levitação, não podemos explicar atualmente os efeitos do raio, assim como muitos outros que se aproximam dos fenômenos observados nas sessões mediúnicas, como as bolas de fogo e as projeções de caracteres ou de desenhos.

Sejam quais forem as relações que possam esses fatos ter entre si, eles devem ser estudados do mesmo modo pelos homens da Física.

Não é hoje só o ilustre William Thomson, atual Lord Kelvin, quem, como em 1871, no seu discurso de inauguração das sessões, em Edimburgo, da Associação Britânica para o Adiantamento das Ciências, pode proferir estas nobres palavras:

“A Ciência é obrigada, pela eterna lei da honra, a encarar sem temor qualquer problema que lhe puder ser francamente apresentado.”

Adendos

Os limites da Física por Albert de Rochas

Memória apresentada em 1898 ao
Congresso Espiritualista de Londres.

“Não me é possível – disse Arago, no seu livro sobre Bailly – aprovar o mistério em que se envolvem os homens de ciência que têm assistido às experiências do sonambulismo. – A dúvida é uma prova de modéstia e raramente prejudica os progressos da Ciência. – Não podemos, porém, dizer o mesmo da incredulidade.

Somente nas matemáticas puras é permitido o emprego da palavra *impossível*. A prudência é um dever, principalmente quando se estuda o organismo humano.”

Apesar das sábias palavras desse homem de gênio, a maioria dos cientistas *que se escondem em gaiolas de vidro*, persiste em manifestar uma desdenhosa hostilidade contra tudo aquilo que, direta ou indiretamente, se refere aos fenômenos psíquicos.

Citemos, como exemplo, as seguintes linhas tiradas do jornal *Le Temps*, de 12 de agosto de 1893, assinadas pelo Sr. Pouchet, professor no Museu de Paris:

“Querem demonstrar que um cérebro pode, por uma espécie de gravitação, atuar, a distância, sobre outro cérebro, como um ímã, o Sol sobre os planetas e a Terra sobre os corpos que estão em sua superfície; buscam descobrir uma influência, uma vibração nervosa propagando-se sem um condutor material; e o que mais causa pasmo é ver que todos aqueles que mais ou menos acreditam nessas coisas, que escapam ao exame dos nossos sentidos, apesar de ignorantes, suspeitam da importância, do interesse e da novidade nelas contidos, e da revolução que produzirão no seio da sociedade de amanhã!

Fazei-o, boa gente! Demonstrai-nos isso, e vossos nomes serão na imortalidade colocados acima do de Newton; e eu vos garanto que os Berthelots e os Pasteurs se dobrarão submissos diante de vós.”

Certamente não aspiramos subir a tais alturas, mas estamos convencidos da importância do que investigamos; portanto, consolamo-nos dos golpes que sobre nós descarrega o Sr. Pouchet, primeiro porque temos certeza da realidade dos fatos que observamos, e em segundo lugar por vermos homens da estatura do Professor Lodge e do Dr. Ochorowicz, classificados conosco como simples ignorantes, estudando a questão e buscando resolver o problema físico-fisiológico.

Em aditamento às numerosas observações em que se basearam esses homens eminentes, eu quero chamar a vossa atenção para um caso assaz característico, provavelmente pouco conhecido na Inglaterra. É o caso de um menino de sete anos de idade, observado em 1894 pelo Dr. Quintar. Esse pequeno, em seu estado normal, responde a qualquer pergunta, resolve sem a mínima dificuldade qualquer problema, contanto que sua mãe esteja nas condições de fazê-lo. Ele lê instantaneamente os pensamentos de sua mãe, sem hesitação alguma, mesmo com os olhos cerrados ou voltados para outro ponto; basta, porém, colocar-se um simples biombo entre os dois, para que cesse a comunicação. Estamos nos limites da Medicina e a explicação desse fenômeno não é mais nem menos certa que a da telegrafia sem fios.

Não é para admirar que aqueles que consumiram sua mocidade no estudo das teorias estabelecidas por seus predecessores, e que agora buscavam a seu turno passá-las adiante, só com repugnância aceitem inovações que nos forcem a uma penosa revisão da sua educação. Sempre se deu isso; e o meu chorado amigo, Eugênio Nus, dedicou seu livro *Choses de l'Autre Monde* aos venerados, enobrecidos, coroados, condecorados e reputados sábios que rejeitaram a teoria da rotação da Terra, dos meteoritos, do galvanismo, da circulação do sangue, da inoculação da vacina, a teoria ondulatória da luz, o pára-raios, o daguerreótipo,

o propulsor, o barco a vapor, a via férrea, o gás de iluminação, a homeopatia, o magnetismo, etc.

O mesmo dirá o futuro dos que hoje estão vivos e procedem como aqueles. Esses sábios, contudo, servem para alguma coisa; passaram à condição de *pedra-milheira*; representam o passado do progresso.

Se somente devêssemos aceitar os fatos conformes com as teorias hoje admitidas, teríamos de rejeitar quase todas as descobertas feitas em nossos dias no domínio da eletricidade.

“Nas ciências – diz o Prof. Hopkinson –, quanto maior for o número de fatos que conhecermos, melhor perceberemos a continuidade da cadeia que os liga, fazendo-nos ver o mesmo fenômeno manifestado de modos diferentes.” Não se dá isto com o magnetismo. Quanto maior é o número de fatos observados, maior é o das particularidades excepcionais que os distinguem e menor o das probabilidades de existir entre eles um laço que os reúna todos.

A atmosfera elétrica nos oferece constantemente fenômenos cuja chave não possuímos e que se aproximam tanto dos que observamos nas manifestações da força psíquica, que temos toda a razão de perguntar se não procedem da mesma causa.

Vós todos tendes ciência dos globos de fogo, maiores ou menores, que se têm apresentado junto aos médiuns, parecendo, às vezes, guiados por uma força inteligente. Muitos encolherão os ombros ouvindo falar disso, entretanto direi que nas obras clássicas estão relatados muitos fenômenos exatamente análogos e tão inexplicáveis como estes. Vou citar-vos alguns:

O primeiro se deu perto de Ginepreto, não longe de Pavia, em 29 de agosto de 1791, por ocasião de violento temporal. Ele foi descrito em uma carta do Abade Spallanzini Barletti (*Opusc.*, vol. XIV, pág. 296).

Um bando de patos pousou a uns 150 passos de uma herdade; um menino de doze anos e outro menor saíram da casa correndo para fazê-los retirar, ficando no campo a vê-los um homem de cerca de cinquenta anos e uma menina de nove ou dez anos. De repente, apareceu no campo, a três ou quatro pés distante da

menina, uma bola de fogo, de tamanho equivalente a duas mãos fechadas, que, deslizando sobre o solo, veio colocar-se entre os pés descalços da criança, introduziu-se por baixo do seu saiote, transformando-o de modo a assemelhar-se a uma guarda-sol, foi até o meio de seu corpete e, sempre conservando sua forma esférica, atirou-se no ar onde detonou com estrondo. Esses detalhes não foram fornecidos pela paciente, pois esta caiu logo sem sentidos, mas pelo homem e o menino supramencionados, que, interrogados separadamente, deram idênticas respostas. Perguntei-lhes, diz Spallanzini, se naquele momento não tinham visto uma chama, uma luz brilhante descer, cair da nuvem e precipitar-se sobre a menina; e eles sempre me responderam que não, que tinham visto a bola subir e não descer.

No corpo da menina, que placidamente tornou a si, havia uma mancha muito superficial, estendendo-se do joelho direito ao meio do tórax entre os seios; sua camisa estava despedaçada nos lugares correspondentes e mostrava traços de queimadura que desapareceram com uma lavagem. Uma abertura de duas linhas de diâmetro fora encontrada no corpete de que usam as mulheres desse país. O Dr. Dagno, médico do lugar, visitando a paciente algumas horas depois do acidente, encontrou ainda a mancha mencionada, muitas marcas superficiais, enegrecidas e dispostas em ziguezagues, e indícios da divisão da corrente. O campo, no local do acidente, não apresentava vestígios da passagem de um meteorito.

O Sr. Babinet comunicou à Academia Francesa de Ciências, em 5 de julho de 1852, o caso seguinte, numa nota:

“Tem por fim esta nota apresentar à apreciação da Academia um dos casos de aparição de globos luminosos, que ela me incumbiu de colecionar, há já alguns anos. No caso a que me refiro, a bola danificou, não ao entrar, mas ao sair, se o posso dizer, uma casa situada na rua Saint-Jacques, nos arredores de Val-de-Grasse. Em resumo, conto-vos a história de um operário em cujo aposento a bola-raio desceu e depois subiu.

Pouco depois de ouvir o estrondo de um forte trovão, esse operário, alfaiate de profissão, sentado junto à sua mesa e quando justamente acabava de jantar, viu o biombo de papel, que escondia a chaminé, cair como impelido por forte sopro de vento, ao tempo em que uma bola de fogo, com as dimensões da cabeça de uma criança, saía mansamente da chaminé e percorria o aposento a pequena distância do solo ladrilhado.

Segundo o alfaiate, a bola assemelhava-se a um gato de mediana grandeza, curvado em forma de bola e movendo-se sem tocar o solo com os pés. A bola de fogo era muito brilhante e luminosa, mas não aquecia nem queimava, não experimentando o homem sensação alguma de calor. Ela se aproximou de seus pés, roçou-lhe pelas pernas, como esses animaizinhos costumam fazer, mas o homem podia mover as pernas, acautelando-se para evitar o contacto do fogo.

Depois de permanecer algum tempo junto aos pés do homem assentado, que olhava atentamente, inclinando-se para ela, fez diversas excursões em diferentes direções, sem contudo abandonar o aposento, e elevou-se verticalmente até à altura da cabeça do homem, que, para evitar que ela lhe tocasse a face e ficar em posição de melhor observar, recostou-se e fez a cadeira inclinar-se para trás. Levantando-se depois até à altura de nove decímetros do solo, ela afastou-se um pouco e dirigiu-se obliquamente para um buraco que havia na chaminé, cerca de um metro acima da mesa desta.

Esse buraco tinha sido feito para se acomodar nele um cano de estufa, de que o operário se utilizava no inverno; para nos servirmos das expressões do próprio homem, porém, o raio não podia ver esse buraco que o papel cobria.

Ela afastou o papel sem estragá-lo, entrou na chaminé e, chegando, calculando-se o tempo pela velocidade com que operava, ao topo colocado a 60 pés acima do solo, produziu uma terrível explosão que destruiu parte da estrutura da chaminé, arremessando-lhe os restos no chão. Os tetos de várias casinhas foram então derrubados, sem haver, contudo, felizmente, perda de vidas.

O domicílio do alfaiate era no terceiro andar, a menos da metade da altura do prédio.

Os outros andares não foram visitados pelo raio, cujo movimento foi sempre lento e descontínuo. Sua luz não era deslumbrante e o calor que difundia era pouco sensível.

Ela não mostrava tendência alguma para os corpos com boa condutividade, nem buscava seguir a corrente do ar.”

O *Cosmos* de 30 de outubro de 1897 narra um caso perfeitamente análogo:

A Sra. B..., achando-se em um lugar vizinho de Bourbon, na sala de um andar térreo, cuja porta estava aberta, viu, por ocasião de uma tempestade, uma bola de fogo entrar pela porta, correr lentamente pelo solo, aproximar-se e, rodeando como um gato que amima seu dono, segundo ela se exprime, dirigiu-se para a chaminé e por ela desapareceu.

Tudo isso se deu em pleno dia.

Será mais difícil admitir-se os golpezinhos e os movimentos de mesas que a dança do prato, de que falou o Sr. André na sessão de 2 de novembro de 1885, da Academia de Ciências?

Em 13 de junho de 1885, às 8 horas da noite, achava-se ele à mesa em uma sala que fazia parte da torre de um farol, situada a noroeste da mesma, quando viu repentinamente uma fita vaporosa, de alguns metros de comprimento, destacar-se da linha superior da parede fronteira, sombreando-a, ao mesmo tempo em que junto a seus pés se ouvia um ruído forte, sem eco ou prolongamento, mas de extrema violência. O som era semelhante ao que produziria um corpo sólido chocando a face inferior da superfície da mesa, que, com grande surpresa sua, não se moveu, bem como tudo que estava sobre ela.

Depois, o seu prato começou a girar como um pião, rodando muitas vezes sem ruído que demonstrasse haver atrito, o que prova que então o prato estava afastado da mesa, ainda que por uma distância inapreciável para nós. Depois, mesa e prato ficaram intactos.

Esses fenômenos, que ainda não foram perfeitamente explorados, são muitas vezes produzidos em uma atmosfera inteiramente calma, sem produzir ruído algum, e podendo persistir por muitos dias.

A levitação do corpo humano não é mais inexplicável que o transporte, pela eletricidade, de massas pesadas e mesmo de corpos humanos vivos, sem que recebam estes dano algum.

Em 6 de agosto de 1809, conta o Sr. Funvielle, na sua obra *Éclairs et Tonnerre*, as 2 horas da tarde ouviu-se uma explosão medonha na morada do Sr. Chadwick, nos subúrbios de Manchester.

A parede da frente de uma pequena olaria, cuja espessura era de 14 polegadas, 11 pés de altura e 6 polegadas de profundidade, foi arrancada e transportada do seu lugar, sem desviar-se da vertical. No exame que se procedeu, verificou-se que uma das extremidades se havia deslocado 9 pés, girando ao redor da outra, cujo deslocamento foi somente de 4 pés. A massa assim movida pesava 25 toneladas.

O Sr. Monteil, secretário da Associação Arqueológica de Morbihan, cita, entre os efeitos de uma trovoada ocorrida em Vanes a 5 de dezembro de 1876, às 10:30 da noite, o despedaçamento de um muro, a projeção a grandes distâncias de várias peças de madeira e, finalmente, o transporte de um paralítico do seu leito no solo de sua câmara a uma distância de 13 pés, apesar de estar essa câmara a 270 metros do ponto ferido pelo raio.

Daguin também fala de pessoas transportadas a distâncias de 20 a 30 metros.

O despimento de certas pessoas produzido pelo relâmpago e transporte de suas roupas a distâncias consideráveis são fatos freqüentemente observados, como o da remoção dos cabelos de todas as partes do corpo, o despedaçamento da língua ou de outros músculos.

No geral, podemos dizer que o raio parece dar preferência a certas individualidades e que as mulheres e certas árvores gozam de certa imunidade.

Há muitos que têm recuperado o uso de membros paralisados pelo choque que recebem na passagem do raio e outros que, ao contrário, têm ficado paralíticos pela mesma ação.

Muitos dos mortos pelo raio conservam as atitudes em que se achavam quando foram feridos.

Quanto aos fenômenos da projeção de sinais ou da escrita que se produzem nas sessões dos médiuns de efeitos físicos, e dos quais eu mesmo fui testemunha nas de Eusápia Paladino, não haverá inteira semelhança entre eles e os da produção, no corpo das pessoas feridas pelo raio, das imagens dos objetos que as rodeiam?

Para não ir além dos limites marcados a este trabalho, mencionarei somente os fenômenos da eletricidade animal. Nem mesmo falarei das propriedades da torpila e de outros peixes; nem das línguas de fogo e auréolas que, às vezes, têm sido vistas rodeando certos indivíduos; da atração e repulsão produzidas entre os objetos, sejam substâncias inertes, sejam corpos magnéticos. Aí chegamos pela segunda vez aos limites da Física clássica.

Que podemos dizer das plantas luminosas, das plantas que digerem, se movem e atuam sobre a agulha imantada?

São coisas de muito mais difícil explicação que a faculdade de os sonâmbulos verem através dos corpos opacos. Parecia que os raios X desarmariam os incrédulos neste ponto; não foi assim, porque a maioria daqueles que têm sido fossilizados pelas doutrinas materialistas da ciência oficial do último meio século não se contenta, como faziam seus predecessores, com a negação de certos fatos, por não se conformarem com as suas teorias; eles olham cheios de terror para tudo o que tenda a provar a existência, no homem, do elemento espiritual destinado a sobreviver ao corpo.

É essa a conclusão a que chegaram nos mais diversos países, em todos os períodos, os homens mais distintos por sua inteligência, e mesmo também por seu caráter, não se arreando de proclamar sua crença, correndo o risco do ridículo e mesmo das perseguições.

Depois de inúteis excursões em vários sentidos, os fatos nos fizeram retroceder até encontrarmos a concepção do corpo fluídico, concepção tão velha quanto o mundo.

Peço permissão para apresentar-vos o que consta em minhas notas sobre recentes experiências feitas por individualidades que bem conheceis.

Como postulado, estabeleço que há no homem um *corpo* e um *espírito*.

“É fato de observação – diz Boirac – que cada um de nós se apresenta a si mesmo sob duplo aspecto. De um lado, se me considero pelo exterior, vejo em mim uma massa material, ocupando espaço, móbil e pesada, um objeto semelhante àqueles que me cercam, composto dos mesmos elementos e sujeito às mesmas leis químicas e físicas; de outro lado, se me considero no íntimo, permitam-me falar assim, vejo um ser que pensa e sente, uma individualidade que se conhece, conhecendo os outros, uma espécie de centro invisível e imaterial, ao redor do qual se desdobra ilimitada perspectiva do universo no espaço e no tempo; espectador e juiz de todas as coisas, que só existem para ele, achando-se nos limites de suas relações.”

Do espírito não podemos formar uma concepção; tudo o que conhecemos dele é que dele procedem os fenômenos da vontade, do pensamento e da sensação.

Quanto ao corpo, não temos necessidade de defini-lo; nele distinguimos duas coisas: a matéria animal (osso, carne, sangue, etc.) e um agente invisível que transmite ao espírito as sensações da carne, e está às ordens daquele.

Intimamente ligado ao organismo que o limita durante a vida, esse agente invisível, na maioria dos casos, se conserva nos limites da superfície do corpo e somente os transpõe pelos eflúvios, mais ou menos intensos, segundo os indivíduos, que se desprendem pelos órgãos dos sentidos e outras partes proeminentes do organismo, como as extremidades dos dedos.

Pelo menos é o que afirmam todos aqueles que, por determinados processos, se têm achado no estado de momentânea hipe-

restesia visual, e o que admitem os velhos magnetizadores. Contudo o ponto em que se dá cada uma dessas manifestações pode ser deslocado no corpo sob a influência da vontade, podendo a *atenção* aumentar a nossa sensibilidade em certas direções, quando ela mais ou menos se anula nas outras. Nós só vemos, ouvimos e sentimos quando olhamos, escutamos, cheiramos ou apalpamos.

Com certas pessoas, chamadas *sensitivas*, a aderência do fluido nervoso ao organismo carnal é fraca, havendo algumas em que ele pode ser deslocado com muita facilidade, produzindo os fenômenos conhecidos da hiperrestesia e completa insensibilidade, ambos devidos à auto-sugestão, isto é, à ação do pensamento do *sensitivo* sobre o seu próprio fluido, ou à sugestão de uma pessoa estranha que pelo pensamento esteja intimamente ligada com aquele, sobre o mesmo fluido.

Alguns sensitivos, de sensibilidade ainda mais apurada, podem projetar seu fluido nervoso, em certas condições, fora do corpo, produzindo os fenômenos que temos estudado com o nome de *exteriorização da sensibilidade*.

Facilmente se concebe que uma ação mecânica exercida sobre esses eflúvios, *fora do corpo*, pode propagá-los e também fazê-los voltar ao cérebro.

A exteriorização da motricidade é mais difícil de compreender-se e eu, para satisfazer o meu desejo de vo-la explicar, só o posso fazer recorrendo a um símile.

Suponhamos que, por um meio qualquer, impedimos que o agente nervoso possa ir até à mão; esta ficará morta, como uma matéria inerte, como um objeto de madeira, e só poderá tornar à vida por um ato da nossa vontade, quando a essa matéria inerte fizermos voltar a porção de fluido necessária para animá-la.

Admitamos agora que um indivíduo possa projetar em uma peça de linho esse mesmo fluido, em quantidade suficiente para carregá-lo na mesma proporção; não será, por certo, um absurdo acreditar-se que, por um mecanismo tão desconhecido como as atrações e repulsões da eletricidade, a peça de linho venha a

mostrar-se como se fosse um prolongamento do corpo do indivíduo.

Assim se poderiam explicar os movimentos das mesas colocadas sob os dedos dos que são chamados *médiuns* e, em geral, todos os movimentos, com contato, de objetos leves, produzidos por muitos sensitivos sem apreciável esforço muscular. Esses movimentos foram minuciosamente estudados pelo Barão de Reichenbach, que os descreveu em cinco comunicações feitas em 1856 à Academia de Ciências de Viena.

Ficamos sabendo que a produção desses movimentos exige sempre uma força superior à do médium, pelo fato de a cadeia humana aí formada pôr à disposição dele uma parte da força dos assistentes.

Deixando, porém, de parte a formação das cadeias de mãos, vamos à conclusão.

O agente nervoso se difunde ao longo dos sensórios ou nervos motores por todos os pontos do corpo, podendo nós dizer que, em seu todo, ele apresenta a mesma forma deste, ocupando a mesma porção do espaço, e deve ser chamado *duplo fluídico* do homem, sem sairmos do domínio da ciência positiva.

Numerosas experiências, infelizmente todas somente dependentes do testemunho dos sensitivos, fazem saber que esse duplo fluídico pode reformar-se fora do corpo, seguindo uma suficiente exteriorização do influxo nervoso, do mesmo modo que um cristal se transforma em uma solução, quando esta é suficientemente concentrada.

O duplo fluídico, assim exteriorizado, continua a ser dirigido pelo Espírito e obedece-lhe com a maior facilidade quanto menos o embarace sua aderência ao corpo; desse modo o sensitivo pode movê-lo e acumulá-lo de matéria ao ponto em que deseje torná-lo perceptível aos nossos sentidos. É assim que Eusápia forma as mãos que são vistas e tocadas pelos espectadores.

Outras experiências, menos numerosas, motivo pelo qual as aceitamos com mais alguma reserva, tendem a provar que a

matéria fluídica exteriorizada pode ser modelada sob a influência da vontade, tão bem como o gesso sob a mão do escultor.

Podemos supor que Eusápia, em consequência de suas relações com vários médiuns espíritas, concebeu em sua imaginação uma figura de feições bem características e que dê à sua linguagem a entonação da dessa personagem, John King, como também dê a figura dele ao seu corpo fluídico, que ela nos faz sentir como dotado de uma larga mão de homem, e imprima-lhe, a distância, como no gesso, a figura de uma cabeça de homem.

Se nada, porém, nos prova que John tenha existido, também nada nos prova que ele não exista.

Além disso, não estamos seqüestrados no mundo; há pessoas a quem conheço pessoalmente e em quem deposito a maior confiança, que narram fatos que só podem ser explicados por meio de possessão temporária do corpo fluídico exteriorizado por uma entidade inteligente de *origem desconhecida*. Tais são as materializações de corpos humanos inteiros, observadas pelo Sr. William Crookes com a Sra. Florence Cook, pelo Sr. James Tissot com Eglinton e pelo Sr. Aksakof com a Sra. E. d'Espérance.³⁶

Esses fenômenos extraordinários, cujo simples enunciado basta para exasperar os que se julgam cientistas por terem estudado mais ou menos rigorosamente alguns ramos da árvore da Ciência, para nós não são mais que uma ampliação dos que temos observado e a respeito dos quais hoje a dúvida não é mais possível.

De fato, obtemos um primeiro desprendimento do corpo fluídico na exteriorização da sensibilidade com a forma de camadas concêntricas ao corpo do indivíduo; a natureza material do eflúvio é demonstrada pelo fato de ele dissolver-se em certas substâncias, como a água e a gordura; mas, como acontece com o cheiro, a diminuição do peso do corpo emissor é tão pequena que os nossos instrumentos não podem apreciá-la.

O segundo grau ou fase do fenômeno se apresenta na condensação do eflúvio para formar um *duplo* sensitivo, mas ainda não visível aos olhos ordinários.

Na terceira, e mesmo na quarta fase, dá-se alguma coisa semelhante a um transporte galvanoplástico de matéria do corpo físico do médium para ir ocupar no duplo o lugar correspondente. Em grande número de vezes, a balança tem atestado haver o médium então perdido uma parte do seu peso, sendo este encontrado no corpo materializado.

Um caso muito singular, único até o presente, é o da Sra. E. d'Espérance, com quem o transporte foi tão intenso *que uma parte de seu corpo carnal ficou invisível*. Em lugar da parte desaparecida só ficou a correspondente do corpo fluídico, podendo os espectadores correr-lhe as mãos *ao longo do corpo*, sem que ela nessa parte sentisse a impressão do tato. Esse fenômeno, levado ao limite, nos conduzirá até o desaparecimento completo do corpo do médium e sua aparição em outro lugar, como vemos relatados tantos fatos nas vidas dos santos.

Na materialização de um corpo completo, esse corpo é quase sempre animado por uma inteligência diversa da do médium.

Qual a natureza dessas inteligências? Em que fase da materialização intervêm elas para dirigir a matéria física exteriorizada?

São questões do mais alto interesse, que ainda não puderam ser respondidas por meus colaboradores nem por mim.

O que tenho dito mostra que o estudo dos fenômenos psíquicos depende de três ciências distintas.

Aos homens da Física compete definir a natureza da força física, pelas ações mútuas que se dão entre ela e as outras simples forças da Natureza: o som, o calor, a luz e a eletricidade.

A Fisiologia tem de examinar as ações e reações dessa força nos corpos vivos.

E finalmente entramos no domínio do Espiritismo, quando buscamos conhecer como a força psíquica pode ser impelida ao trabalho por entidades inteligentes invisíveis.

Sabemos, porém, que todos os fenômenos naturais se ligam por insensíveis transições.

Natura non facit saltum (a natureza não dá saltos); por isso iremos encontrar, entre essas três grandes províncias, mal defini-

das fronteiras onde as causas serão complexas. É essa uma das maiores dificuldades dessa classe de estudos, mas não terá a força para deter-nos o passo; e eu não posso concluir este trabalho de um modo melhor do que citando a animadora sentença do vosso ilustre compatriota, o Professor Lodge:

“A barreira que separa o mundo espiritual e o material irá, como muitas outras, caindo gradualmente, e então chegaremos à mais alta percepção da unidade da Natureza. As possibilidades no Universo são tão infinitas como a sua extensão.

O que já sabemos é nada, comparado ao que nos resta saber. Se nos contentarmos com o meio mundo já conquistado, pisaremos as mais altas aspirações da Ciência.”

Albert de Rochas

A Física da magia **por Albert de Rochas**

Comunicação feita ao Congresso Internacional
da História das Ciências, em 1900.

Senhores:

O assunto que tenho a honra de abordar diante de vós já foi tratado várias vezes perante assembléias de sábios.

Foi primeiramente discutido, há dois mil anos, nos cursos da célebre escola de Alexandria, então centro intelectual do mundo inteiro.

Os gregos que acompanharam Alexandre, o Grande, ao Egito, fizeram-se aí iniciar vantajosamente nas ciências secretas, então mais de trinta vezes seculares; empregaram seu grande gênio em explicar, por leis naturais, os prodígios que os padres operavam nos seus templos para chocar o espírito das massas, e cujo conhecimento, vindo do Oriente, constituía a ciência dos magos, ou a *magia*.

Ora eram estátuas ou pedestais que pareciam caminhar sozinhos, graças a rodas ocultas postas em movimento, quer pelo escoamento convenientemente calculado duma certa quantidade de areia caindo dum recipiente superior num recipiente inferior, quer pela ação duma mola.

Ora eram portas que se abriam espontaneamente, imagens de deuses, de deusas, de animais que davam gritos ou espalhavam libações, sob a ação de líquidos deslocados por meio de sifões ou de ar comprimido.

O engenheiro Héron reuniu suas instruções numa série de pequenos tratados, dos quais dois somente – os *Autômatos* e os *Pneumatômatos* – chegaram até nós.³⁷

Um outro sábio alexandrino, o célebre Euclides, também nos deixou tratados de óptica e de catóptrica; porém, discípulo do divino Platão que não queria que a Ciência se abaixasse às aplicações usuais, ele limitou-se a expor as propriedades geomé-

tricas dos raios luminosos e a dar as leis da perspectiva, da refração e da reflexão.

Quinze séculos mais tarde, a tomada de Constantinopla por Maomet II fez afluir à terra hospitaleira da Itália os restos da civilização grega que tinham escapado ao ferro e ao fogo dos turcos. Muitos refugiados bizantinos acharam meios de vida na cópia e venda dos manuscritos que trouxeram consigo e que até então eram quase desconhecidos no Ocidente. Viu-se quase logo em todas as cidades, na França, na Itália, na Alemanha, os sábios rivalizarem em esforços para associar seu nome ao de um antigo, traduzindo suas obras em latim, língua universal das escolas nessa época.

Desse número foi Jean de Gène que, muito jovem ainda (ele não tinha 30 anos), ocupava a cadeira de matemática no Colégio de França, recentemente criado; esse curso, que foi interrompido no fim de dois anos pela sua morte, tratava exclusivamente da óptica e da catóptrica de Euclides, e o discurso de abertura, pronunciado em 1556, foi consagrado a mostrar como essas ciências podiam servir para explicar fatos reputados prodigiosos.³⁸ Eis uma citação consagrada aos fantasmas:

“Não quero negar a presença e a evocação dos *gênios*, dos *manes*, das *sombras*, pois que as histórias profanas e as sagradas escrituras nos oferecem numerosos exemplos.

Sabemos pelos historiadores que um psicagogo evocou a *sombra* de Pausânias, ao qual os lacedemônicos tinham deixado morrer de fome no templo de Minerva, e que os convidou a apaziguarem os *manes*. Sabemos também, por Lucano, que Erictone, pitonisa tessaliana, evocou uma *sombra*, à qual encarregara de anunciar a derrota de Farsália a Sexto Pompeu. O historiador Pausânias, nas suas *Beóticas*, relata ter visto em Pioneu, na Mísia, perto do rio Caïcus, a *sombra* de Pion, fundador da cidade, sair do seu túmulo no momento em que lhe ofereciam um sacrifício. A história sagrada nos diz que os *manes* de Samuel deixaram o túmulo ante a voz da pitonisa, a fim de que para o futuro não se pudesse duvidar da possibilidade de evocar as *sombras*.³⁹

Admitindo como incontestável que os *manes* e os *gênios* têm sido evocados por pitonisas e forçados a aparecer, digo ao mesmo tempo que, graças à ciência extraordinária de certas pessoas muito hábeis, tem havido grande número de aparições que os ignorantes atribuem exclusivamente a demônios. As pessoas esclarecidas somente as atribuem a homens versados na óptica e não se deixam seduzir pelas promessas dos mágicos que se prontificam a fazer aparecer a *sombra* dum morto.

Para operarem esse prodígio, estes se servem dum espelho consagrado por certas fórmulas, com as quais pretendem evocar os *manes*. Tudo isso me é suspeito, e creio bem que no fundo deve aí haver algum artifício.

A parte da óptica denominada catóptrica nos ensina que se fazem espelhos que, em vez de reterem na sua superfície a imagem que lhes é apresentada, a reenviam à atmosfera.

Vitelion deu a composição desses espelhos e, se aprover a Deus, falaremos a esse respeito quando tratarmos da catóptrica. Que importa que certos exploradores abusem, com esse espelho, da boa-fé das pessoas, a ponto de crer-se que se vêem as almas dos mortos evocados do túmulo, no entanto que apenas se vê no ar a imagem duma criança ou duma estátua que se tem o cuidado de conservar oculta? É certo (embora pareça inacreditável) que, se colocardes um espelho de forma cilíndrica numa câmara fechada por todos os lados, e que se tiverdes fora dessa câmara um manequim, uma estátua ou qualquer outro objeto disposto de tal maneira que alguns dos raios por ele projetados possam passar através de uma ligeira brecha na janela ou na porta da câmara e ir tocar no espelho, a imagem desse objeto, que está fora da câmara, é vista dentro da própria câmara, suspensa no ar. Por pouco que a imagem refletida pelo espelho seja deformada, ela aparecerá terrível, excitando o assombro e o horror!

O espelho é suspenso por um fio muito fino. Os mágicos impõem um jejum como preparo às cerimônias que convêm a essas espécies de mistérios; o ignorante timorato, que os

consulta e que está longe de duvidar da impostura sacrílega, obedece docilmente.

Quando o momento é chegado, os pretendidos mágicos procedem aos seus exorcismos e às suas conjurações de modo a darem à cerimônia, graças a esses acessórios, um caráter mais assombroso e divino. A pessoa que consulta está colocada no lugar onde chega o raio refletido, e ela vê, não dentro do espelho, mas no ar, o espectro ligeiramente agitado, pois o espelho que está suspenso é ele próprio agitado. Cheia de horror, vê no ar uma imagem vaporosa e lívida, que parece caminhar para ela. Tomada de terror, não cuida em descobrir o artifício, mas antes em fugir, e a pitonisa a deixa partir. Então, como se houvesse sido arrancada ao abismo do inferno, essa pessoa diz a todo mundo que viu os manes e as almas virem do inferno.

Quem não seria enganado pela ilusão que produz todo esse aparato?

Quem resistiria a esses artifícios? Ninguém certamente escapa ao prestígio das pitonisas, desde que não conheça a óptica, pois que ela, elucidando bastante a esse respeito, demonstra que a maior parte dos manes não tem nenhuma causa física, visto ser puro artifício imaginado pela impostura. A óptica ensina a tirar isso a limpo, a desmascarar, a deixar de lado os terrores fúteis. Com efeito, que pode temer aquele a quem a óptica ensina que é fácil construir um espelho por meio do qual se vêem imagens dançantes; que compreende que se pode colocar o espelho de tal maneira que se observe o que se passa na rua ou na casa dos vizinhos; que sabe que se colocando dum certo modo e olhando um espelho côncavo, apenas se vêem os olhos; que sabe igualmente que se pode, com espelhos planos, construir um espelho tal que, ao lançar-se a vista nesse espelho, vê-se a imagem voar? Na verdade, aquele a quem se tiver ensinado tudo isso não reconhecerá facilmente a causa dos prestígios das feiticeiras da Tessália! Não saberá distinguir a verdadeira física entre a falsidade e a impostura?”

No século XVII, as descobertas a respeito do magnetismo e da eletricidade provocaram tentativas análogas, porém sob outra forma: em vez de procurar-se explicar os prodígios antigos, buscava-se produzir novos milagres. Numerosas sociedades se constituíram para atenderem às despesas das experiências e da construção dos aparelhos; a mais antiga tinha o nome de *Academia dos Segredos* e foi fundada em Nápoles, no ano 1600, sob os auspícios do Cardeal d'Este, protetor de Porta, cujo primeiro livro sobre a *Magia Natural* teve tal êxito que as primitivas edições, usadas pelos dedos dos leitores, não mais podem ser encontradas. Foi nessa época que também se começou a utilizar o vapor d'água.

Vê-se que as investigações dos sábios penderam primeiro sobre duas forças – a força e a elasticidade – que se acham por toda parte na Natureza e que se pôde utilizar da maneira mais simples; depois abordaram a luz, cujos efeitos já são mais sutis; e, somente muito mais tarde é que se fixaram sobre o calor e a eletricidade, cuja produção necessita intervenção da indústria humana.

Foi somente no meado do século XVIII que Mesmer chamou a atenção das academias para uma força, cujas leis ainda muito mais dificilmente podiam ser determinadas, pois que ela se manifesta dum modo suficientemente aparente, e apenas em certos organismos humanos é suscetível de ser influenciada pela vontade.

Mesmer, que era médico e conhecia, pelas tradições de certas sociedades secretas, o poder dos seus efeitos tanto para o bem como para o mal, impôs aos seus adeptos o juramento seguinte:

“Convencido da existência dum princípio incriado, Deus, e de que o homem, dotado duma alma imortal, tem o poder de agir sobre o seu semelhante em virtude das leis prescritas por esse Ser todo-poderoso, prometo e garanto, sob minha palavra de honra, que somente empregarei o poder e os meios de exercer o magnetismo animal que me vão ser confiados com o único fim de ser útil e aliviar a humanidade sofredora. Repelindo para longe de mim qualquer interesse de

amor-próprio e curiosidade banal, prometo somente me deixar levar pelo desejo de fazer bem ao indivíduo que me conceda a sua confiança, e ser para sempre fiel ao sigilo imposto, assim como unido pelo coração e pela vontade à sociedade benfeitora que me recebe no seu seio.”

Durante muito tempo, os magnetizadores fiéis ao seu juramento, só tiveram em vista as curas e ocuparam-se pouco das teorias; entretanto, acumulando-se as observações na presença duma multidão de fenômenos, de que era impossível não reconhecer a semelhança com os milagres dos santos e os prestígios atribuídos ao demônio, desde então experimentou-se e foi-se conduzido a admitir a hipótese, já formulada por Mesmer segundo os ocultistas do período medieval, dum agente especial, que se chamou sucessivamente: *espírito universal*, *fluido magnético* ou *força psíquica*.

É esse agente que hoje se procura definir no estudo das ações recíprocas que se exercem entre ele e as forças naturais já conhecidas. Desde então algumas das suas propriedades perfeitamente estabelecidas permitiram fazer passar um certo número de fenômenos, do domínio da magia ao da ciência positiva.

É assim que se explica a fascinação pela ação da força psíquica sobre os nervos especiais dos nossos sentidos, que ela faz vibrar de modo a dar, sob a influência do pensamento, a ilusão da realidade; a base da bruxaria repousa sobre o armazenamento, em certas substâncias, daquela força, ou antes duma matéria extremamente sutil que lhe é ligada; a condensação dessa matéria dá lugar às aparições. Os movimentos a distância, observados nas casas mal-assombradas, são quase sempre devidos a uma reprodução anormal dessa força psíquica em algumas pessoas denominadas *médiuns*.

Enfim, os raios Röntgen e a telegrafia sem fios não mais permitem negar *a priori* a vista das sonâmbulas através dos corpos opacos e a telepatia.

Quando, há alguns meses, o vosso Comitê de organização se dignou, a pedido meu, inscrever no seu programa esta questão: “Quais são entre as descobertas modernas as que podem explicar

certos fatos reputados prodígios na antigüidade?”, eu esperava vê-la tratada por um filósofo muito conhecido na Alemanha, o Barão Carl du Prel. Sua morte inesperada privou-nos dessa colaboração, mas a sua última obra intitulada *Die Magie als Naturwissenschaft* e publicada em Iena, no ano de 1899, deixou-nos um estudo magistral sobre o assunto.

Aí envio o leitor que se interessar por essas questões e me limitarei a assinalar aqui uma idéia ousada sobre a qual o Sr. du Prel não deixa de insistir nos dois volumes de suas sábias investigações, a fim de salientar-lhe o lado prático.

Partindo desta observação de que os mecanismos artificiais são quase sempre imitações inconscientes de organismos naturais e que, por exemplo, a câmara escura é apenas a cópia dos olhos, ele pensa que as concordâncias já assinaladas não passam de casos particulares duma regra geral, aplicando-se também aos processos psíquicos, e salienta o mútuo auxílio que podem prestar: o *psiquista*, que põe em evidência e analisa as faculdades da alma, mais ou menos veladas na maior parte dos homens; o *fisiologista*, que descreve os nossos diversos órgãos corporais; e o *tecnicista*, que se propõe a preencher uns e outros por instrumentos.

Se, duma parte, o tecnicista tivesse atendido à constituição de sistema nervoso que faz comunicar o cérebro com a periferia do nosso corpo, e à *relação* exclusiva que se estabelece entre o magnetizador com o magnetizado, ele teria podido conceber mais cedo a idéia dos fios telegráficos, dos ressonadores e das comunicações múltiplas. Doutra parte, o tecnicista, pela invenção dos electroscópios e dos espectroscópios, permite ao psiquista conceber que nossa alma, por um aperfeiçoamento progressivo das suas faculdades, chegará a perceber vibrações às quais é atualmente insensível, e pode guiar no caminho a seguir para atingir-se esse desiderato.

Dum modo geral, é lógico e conforme à experiência supor-se que tudo o que se produz sob uma forma sensível num indivíduo produz-se ou pode produzir-se sob uma forma atenuada em todos os indivíduos semelhantes – que o que se produz naturalmente num indivíduo pode ser produzido também em todos os indiví-

duos semelhantes⁴⁰ – e, enfim, que psiquistas, fisiologistas e técnicos poderão encontrar nos trabalhos dos outros *analogias diretas* para os seus próprios trabalhos.

“Suponhamos – diz o Sr. du Prel – que um técnico seja versado na magia, na feitiçaria e na história dos santos, que tenha observado os sonâmbulos de todas as espécies, naturais e artificiais, experimentado com os médiuns, e que tenha a convicção de que todos os fenômenos mágicos são fatos incontestáveis, graças à convicção não menos forte de que *toda a magia não passa de ciência natural desconhecida*, e ele se achará diante de uma abundância inesgotável de problemas. Suponhamos, por exemplo, que a levitação ou erigimento acima do solo contra as leis de gravidade produz-se pelos faquires indianos – que ela está provada com documentos, por José de Cupertino e uma multidão de outros santos – e que ela foi freqüente nos possessos da época medieval. Suponhamos, enfim, que ele próprio tenha testemunhado o que foi visto por cerca de doze sábios ingleses: o médium Home erguido ao ar na mesma sala, saindo por uma janela e entrando por outra, depois de ter flutuado cerca de vinte e quatro pés por cima da calçada da rua.

Esse técnico não estaria mais próximo que Newton da solução do problema da gravitação? Ele saberia o que Newton desconhecia, isto é, que o peso é uma propriedade *variável* das coisas. Mas, conhecer essa variabilidade não é fazê-la nascer; ela existiu antes e depois dessa descoberta, cujo resultado é explicar o passado e guiar no futuro.”

Num congresso que tem por objeto a história das ciências, eu não poderia terminar melhor esta comunicação, certamente muito superficial, senão citando as reflexões profundamente justas, inspiradas ao meu ilustre amigo pelo próprio assunto que acabo de abordar.

Diz, ainda, o Sr. du Prel:

“O lado brilhante da história da civilização é a história das ciências. Quando se reflete nas operações, muitas vezes maravilhosas, do pensamento produtor das descobertas que têm

mudado a face do mundo, quando se considera a soma de saber condensado e classificado nos livros de estudo, fica-se induzido a ter uma elevada idéia da humanidade.

Mas a história das ciências tem também um lado muito triste. Mostra-nos que o número dos espíritos verdadeiramente superiores tem sido sempre muito restrito, que eles tiveram sempre de lutar com grandes dificuldades para fazer aceitar as suas descobertas e, enfim, que os representantes científicos das idéias então reinantes jamais deixaram de denunciar, como afastando-se da Ciência, tudo o que não estava de acordo com eles. Eis uma história que ainda não foi escrita e que contribuiria bastante para aniquilar o orgulho dos homens.

A história das ciências não deve apenas registrar o triunfo das idéias novas: deve também expor as lutas que lhes precederam e as resistências dos representantes das novas idéias... Descobre-se uma verdade nova? Ela sai, semelhante a uma revelação, do cérebro dum homem; porém, ele tem diante de si milhões de contemporâneos, com os seus prejuízos. O poder da verdade é indubitavelmente grande; porém, quanto mais se afasta das idéias reinantes, menos a humanidade está preparada para recebê-la e mais difícil é abrir-se-lhe o caminho.

Assim sucederá enquanto a história das ciências não nos tiver ensinado que as verdades novas, por isso mesmo que têm uma importância capital, não podem ser plausíveis e sim paradoxais; que a generalidade dum opinião não é de modo algum a prova da sua verdade; enfim, que o progresso implica uma mudança nas opiniões, mudança preparada por indivíduos isolados, e que pouco a pouco se estende graças às minorias.

Nunca devemos esquecer que todas as maiorias procedem das minorias iniciais e que, por conseguinte, nenhuma opinião deve ser rejeitada somente por causa do fraco número dos seus representantes; mas, ao contrário, deve ser examinada sem preconceito algum, pois o paradoxo é precursor de todas as verdades novas. Por outro lado, o desenvolvimento regu-

lar das ciências somente se faz com a condição de deixar aí um elemento conservador. Cumpre, portanto, que as verdades novas sejam a princípio consideradas somente como simples hipóteses; quanto mais importantes forem, tanto mais longo será o seu tempo de provas, que ninguém pode impedir. Aqueles que as descobrem são apenas os campeões, aos quais os adeptos sucedem pouco a pouco, pois claro é que aquele que se adiantou cem anos aos seus contemporâneos deverá esperar cem anos para ser compreendido por todos.”

Albert de Rochas

Gravitação e levitação ⁴¹

por Carl du Prel

O enigma da gravitação

A linguagem humana não é o resultado do raciocínio científico, mas nasceu antes de qualquer ciência. É essa a causa dos termos pelos quais são designados os fenômenos naturais: não se conformarem com a doutrina científica, mas sim com a idéia que deles fazia o homem pré-histórico. Este apreciava sempre as coisas da Natureza a seu modo e supunha sempre a vida onde via movimento. Graças à associação dessas duas idéias, formaram-se os verbos reflexíveis. Ainda hoje, o movimento e a vida estão associados na linguagem; assim, quando o vento agita as folhas de uma árvore, dizemos que elas se movem. O naturalista deveria, em rigor, protestar contra semelhantes expressões, que realmente designam o fenômeno como nós o vemos, mas não como o compreendemos. A Ciência é, pois, constantemente obrigada a servir-se da linguagem da ignorância, filha das concepções pré-histórias do Universo. O que prova de um modo muito natural que essas concepções ainda têm em nós profundas raízes é o prazer que nos causa a poesia. O poeta lírico, que dá vida à natureza inanimada, lisonjeia essas concepções primitivas, que dormitam no fundo do nosso ser e foram recebidas pela hereditariedade. Essas concepções têm o cunho da subjetividade; ora, o poeta não fala a linguagem da ciência, não precisa a marcha objetiva dos fenômenos, mas exprime-os como nós os sentimos; por isso, e em virtude do princípio da menor ação, aceitamos plenamente e com vivo prazer as descrições poéticas. É pelo grato sentimento que em nós desperta, que se baseia o nosso gosto pela poesia.

Nossa linguagem encerra ainda grande número desses elementos paleontológicos, muitos traços dessa interpretação subjetiva dos fenômenos naturais, e isso se dá, não só no nosso senso íntimo, como em todos os nossos sentidos. Daí resulta uma grande confusão nas discussões científicas. Quando apanhamos uma pedra, parece-nos que uma espécie de atividade emana

dessa pedra, que ela exerce um esforço para se aproximar do sol, pesando sobre a nossa mão. É esse sentimento que exprimimos quando dizemos que a pedra é pesada, julgando assim designar a própria natureza da pedra. Esse sentimento tem-se generalizado a tal ponto, que cada um de nós se crê razoavelmente autorizado a dizer: “Todos os corpos são pesados.” Eis ainda aí uma expressão contra a qual o naturalista deveria protestar; porque, considerado em si mesmo, um corpo não é pesado senão quando se acha na vizinhança de outro corpo que o atrai. A nossa linguagem, porém, transforma o fato da atração passiva em uma propriedade da pedra, coloca na própria pedra a causa do peso que reside fora dela. Atraindo a Terra a pedra que temos na mão, abstraímos-nos da atração que a pedra também exerce sobre a Terra para maior simplicidade, enfim a pedra parece ser pesada.

Isso, porém, é uma simples aparência, que facilmente seria demonstrada se pudéssemos suprimir a Terra. Então, somente a verdadeira natureza da pedra apareceria e esta se apresentaria sem peso. Se recolocássemos a Terra na proximidade da pedra, seu estado natural se modificaria de novo e teríamos o que chamamos peso. Em resumo, a palavra peso indica uma relação entre dois corpos e não a natureza de um deles; é a constatação de uma ação exercida sobre a pedra, mas não o enunciado de uma causa residindo nela. Não é na pedra que devemos buscar a causa do peso, mas fora dela; e se essa causa vier a ser suprimida, a pedra deixa de ser pesada. É servindo-se dessa mesma linguagem da ignorância que os astrônomos dizem que a Terra pesa milhões de quilos. Se pudéssemos suprimir o Sol (e todas as estrelas fixas), o peso da Terra seria nulo. Se fizermos desaparecer o corpo atraente, o outro naturalmente não é mais atraído; porque é unicamente na atração que consiste o peso. Em uma palavra, a gravitação não caracteriza de modo algum o estado efetivo e invariável dos corpos.

Mas, dirão, essas considerações são bastante estéreis, pois, em razão da impossibilidade em que estamos de subtrair-nos à atração terrena, não podemos encontrar corpos sem peso, para sujeitá-los a exame. Não é justa essa reflexão. Certamente, não podemos suprimir a Terra, mas talvez a sua força de atração

possa ser anulada pelo concurso de forças capazes de transformar, em dadas condições, a gravitação em levitação. Conhecemos uma força desse gênero oposta à gravitação: é o magnetismo mineral. Muitas observações, feitas no domínio do ocultismo, referem-se precisamente à levitação, fenômeno que deve seu nome ao fato de ver-se diminuído ou abolido o peso natural dos corpos. Milhares de testemunhas asseveram ter visto mesas ficarem suspensas no ar, tendo-se apenas as mãos aplicadas sobre elas, ou mesmo conservadas a certa distância. Há cinquenta anos os espíritas afirmam o fato; e seus adversários, em vez de o examinarem, respondem simplesmente que a levitação é impossível, porque é contrária à lei da gravitação. É a repetição contínua da cena caracterizada por uma antiga resposta de oráculo: “Entraram um sábio e um louco; o sábio examinou antes de julgar, o louco julgou antes de examinar.”

A alusão ao ímã basta para provar que, em certas circunstâncias, a levitação é possível; resta saber se ela não se pode apresentar ainda em outras condições. Desde que é constatada uma exceção à lei da gravitação, outras aparecem como possíveis. Podem existir na natureza outras forças capazes de vencer a da atração terrena. Uma primeira razão para não se opor a essa suposição o propósito de não recebê-la, é que nós mesmos não sabemos em que consiste a gravitação. Verificamos os efeitos, mas o modo da ação física nos escapa. Todos os físicos sabem que o processo da atração é ainda um enigma. As teorias mais variadas foram imaginadas para dar-se a explicação física da gravitação,⁴² e como o problema fica sempre sem solução, a Ciência terá maior motivo para examinar os fenômenos de levitação; é evidente, com efeito, que o conhecimento das condições sob as quais a gravitação se acha anulada não pode deixar de esclarecer o próprio fenômeno da gravitação. Não menos evidente é, segundo o que precede, que a levitação não pode ser compreendida senão à luz de nossas noções sobre a gravitação; é, pois, pelo estudo desta, que devemos começar. Newton, o primeiro, deu a demonstração rigorosa da gravitação, já suspeitada na antigüidade. Eis o enunciado da lei por ele estabelecida:

“Todos os corpos se atraem na razão direta do produto de suas massas e na inversa do quadrado de suas distâncias.”

Foi esta a primeira lei terrena a que se atribuiu um valor universal; ela é real, tanto para a pedra lançada pelo garoto, como para o cometa que chega das profundezas do espaço. Tal é o fundamento sobre o qual se pôde estabelecer a ciência moderna da astrofísica, ciência que parte deste princípio: todas as leis terrenas, a lei do calor, da luz, da eletricidade, etc., têm um valor universal. Newton bem sabia que só descobrira a lei da gravitação e não a sua causa. Ele próprio confessou desconhecer a natureza da gravitação e disse:

“Não consegui ainda deduzir dos fenômenos observados a razão dessa propriedade da gravitação; não estabeleço hipóteses.” (*Hypotheses non fingo*).⁴³

Em uma carta a Bentley, diz ele:

“A gravitação deve ser ocasionada por algum impulso, agindo de um modo contínuo e de acordo com certas leis; meus leitores que julguem se se trata de um impulso material ou imaterial.”

O problema a resolver não se apresenta sob o nome de *gravitação*, e sim sob o de *atração*. Eis o que diz Newton em sua carta a Bentley:

“É inconcebível que a matéria bruta e inanimada possa agir sobre a matéria a distância, sem um intermediário material.”

Para explicar essa ação a distância, podemos, segundo as regras da lógica, enunciar, sob duas formas diferentes a proposição de Newton, e dizer:

“É concebível que a matéria animada possa agir a distância.”, ou então:

“É concebível que a matéria inanimada possa agir a distância por um intermediário.”

A primeira fórmula renuncia a uma solução científica e supõe a matéria animada como fez primeiro Maupertuis e recentemente Zöllner. A segunda fórmula fica no quadro das ciências naturais e implica uma concepção que já se encontra em Newton. Este supunha o espaço por toda parte ocupado por uma matéria: o éter, veículo dos fenômenos, como o calor, a luz, a gravitação, a eletricidade, etc. Antes mesmo da publicação da sua obra, ele escrevia a Boyle:

“É no éter que busco a causa da gravitação.”

Assim como a lei da gravitação não pôde ser descoberta senão pela generalização de uma lei terrena, assim também só podemos descobrir a causa da gravitação dando valor cósmico a uma força terrena agindo a distância. A Ciência astronômica somente se torna uma possibilidade humana, pressupondo a universalidade das leis terrenas, porque somente elas são acessíveis a uma verificação experimental.

Existe uma força terrena agindo a distância, que nos parece apropriada à explicação da gravitação: é a eletricidade. Em uma memória “sobre as forças que regem a constituição íntima dos corpos”, publicada em 1836 e reproduzida por Zöllner,⁴⁴ Mossoti já declara que a gravitação pode ser considerada como uma conseqüência dos princípios que regem as leis da força elétrica. Faraday queria determinar experimentalmente as relações que podiam existir entre a gravitação e a eletricidade. Ele partia da premissa seguinte: se essas relações existem, a gravitação deve encerrar alguma coisa que corresponda à natureza dual ou antitética das forças eletromagnéticas. Ele bem havia reconhecido que, no caso de existir semelhante qualidade, “não haveria expressões bastante fortes para traduzir a importância dessas relações”.⁴⁵ Com efeito, seria esse um fato de extraordinária importância, porque então o peso ou a gravitação se nos apresentaria como uma força modificável em certas condições e sua demonstração teria para a Ciência um valor maior que qualquer outra descoberta. As experiências de Faraday não deram, é certo, resultado positivo, mas esse físico não conservou, por isso, menos firme a sua convicção da existência dessa relação. Foi pena que ele não

tivesse procurado descobrir essas relações onde elas realmente existem, isto é, nos fenômenos de levitação do ocultismo. Em 1872 Tisserand, por seu lado, fez à Academia das Ciências uma comunicação “sobre o movimento dos planetas ao redor do Sol, segundo a lei eletrodinâmica de Weber”.⁴⁶ Ele provou que os movimentos dos planetas se explicam tanto pela lei de Weber, como pela de Newton, e que esta última não é mais que um caso particular da precedente. Recentemente ainda, Zöllner voltou a essa idéia: “A lei de Weber – disse ele – tende a apresentar-se ao espírito humano como uma lei geral da natureza, regendo tanto os movimentos dos astros como os dos elementos materiais. Os movimentos dos corpos celestes se explicam, nos limites da nossa observação, tanto pela lei estabelecida por Weber para a eletricidade, como pela de Newton. Como, porém, esta não é mais que um caso particular da lei de Weber, seria preciso, conforme as regras de uma indução racional, substituir esta última à lei de Newton para o estudo das ações recíprocas entre partículas materiais em repouso ou em movimento.”⁴⁷

Portanto, se o peso ou a gravitação é um fenômeno elétrico, deve ser modificável e polarizável pelas influências magnéticas elétricas. É o que demonstra o ímã agindo em sentido inverso do peso. Este depende da densidade, da coesão das partículas, não sendo a coesão mais que eletricidade presa.

A hipótese que faz da atração do Sol sobre os planetas um fenômeno elétrico ganharia em verossimilhança se a atração que Newton atribui à Lua, e cujo efeito se manifesta nas marés, pudesse ser imitada eletricamente; ora, se aproximarmos de um líquido um pau de âmbar tornado elétrico pelo atrito, vemos formar-se na superfície desse líquido uma intumescência. Essa hipótese ganharia ainda mais verossimilhança se se pudesse pôr em evidência, no nosso sistema solar, o fato da repulsão elétrica; é precisamente o caso da causa dos cometas. O núcleo dos cometas, em sua qualidade de massa fluida semeada de pequenas gotas, é submetido à ação da gravitação e obedece à lei de Kepler. A cauda, isto é, os vapores formados à custa do núcleo, age de um modo diferente. Esses vapores não são atraídos pelo Sol, mas repelidos por ele segundo o prolongamento da linha reta que

liga o Sol ao núcleo e que se chama raio vector. Todo líquido em via de pulverização se eletriza, como é sabido; portanto, estamos autorizados a supor que os vapores desenvolvidos à custa do núcleo cometário, sob a influência do calor solar, são igualmente eletrizados. Como as eletricidades do mesmo nome se repelem, poder-se-ia pensar que a causa dos cometas sofre a sua repulsão simplesmente pelo fato de estar carregada de uma eletricidade da mesma natureza que a do Sol. Mas, quando os cometas se aproximam do sol, na época do periélio, o processo de ebulição que começou na superfície do cometa deve cada vez mais avançar em profundidade, e pode acontecer que novas substâncias químicas tomem parte nela e que o sinal da eletricidade, de que os vapores são carregados, venha a mudar, isto é, que os vapores adquiram uma eletricidade de natureza contrária à do Sol. Nessas condições, e em razão da universalidade suposta das leis da natureza, pode-se formar uma cauda de cometa dirigida para o Sol, isto é, atraída por ele como o próprio núcleo. É por esse raciocínio que Zöllner explicava a aparência do cometa em 1823, que apresentava duas caudas: uma dirigida para o Sol e a outra em sentido oposto, formando entre si um ângulo de 160° .⁴⁸

O exame desse fenômeno cósmico nos permite supor que a gravitação é idêntica à atração elétrica, mas que, pela mudança de sinal da eletricidade, a gravitação pode ser mudada em levitação e reciprocamente. Resulta daí, para a ciência, a possibilidade de modificar ou abolir o peso em condições submetidas a leis. Se a Ciência conseguisse determinar essas condições e fazer delas uma aplicação técnica aos mistérios da natureza, a vida humana se acharia mais profundamente modificada do que foi por todas as descobertas efetuadas até hoje. Se a hipótese de Faraday, atribuindo à gravitação o caráter antitético da eletricidade, for verificada e nós a aplicarmos, os fenômenos de levitação, tão numerosos ao ocultismo, perderão a sua aparência paradoxal.

O levantamento, pelo ímã, de um pedaço de ferro colocado sobre uma mesa, sua subtração à ação do peso, é um fenômeno natural e não pode ser compreendido senão admitindo-se que a gravitação possua uma natureza antitética. As caudas dos cometas, que se dirigem ora para o Sol e ora em sentido oposto,

forneem a prova de que a gravitaçaõ pode, em condições dadas, de conformidade com leis universais, transformar-se em levitaçaõ e reciprocamente.

A ciẽncia da natureza, utilizando-se do princõpio da evoluçaõ que tomou emprestado à filosofia, comete sempre o erro de desconhecer seu prõprio poder evolutivo. Desde que surge uma nova idẽia, apressam-se em considerá-la como definitiva, criando assim um obstáculõ a todo progresso ulterior. Hoje, apoiando-se na lei da gravitaçaõ é que se nega e declara impossõveis os fenômenos ocultistas de levitaçaõ, sem refletir que, se existem impossibilidades matemáticas e lógicas, tudo na física repousa sobre a observaçaõ e a experimentaçãõ. Neste último domõnio só teria o direito de formular *a priori* a palavra “impossõvel” aquele que possuísse a ciẽncia absoluta. Não foi esse o procedimento de Newton. Jamais foi feita uma descoberta aplicando-se uma porçaõ tão enorme de Universo, como a da gravitaçaõ universal, de Newton. Uma lei em açãõ, mesmo sobre os mais ínfimos globos do espaço, foi transportada à Via-láctea e às mais longínquas nebulosas, cuja luz gasta milhões de anos para chegar até nós. É que Newton nunca teve a idẽia de impor à potẽncia evolutiva da Ciẽncia esses limites que as mais das vezes não passam de manifestações do orgulho do sábio que fez uma descoberta e não admite que se vá além. Em seu leito de morte, ele dizia:

“Não sei o que de mim pensará a posteridade; compare-me mesmo a uma criança que, brincando numa praia, achou, para sua grande alegria, um seixo mais polido ou uma concha mais elegante que as outras, enquanto diante dela se estende, a perder de vista e ainda inexplorado, o oceano imenso da verdade.”⁴⁹

Esse oceano imenso e inexplorado ainda se estende diante de nós, e as grandes descobertas dos séculos futuros somente serão possõveis se tivermos a modéstia de considerarmos as maiores descobertas do passado e do presente como seixos polidos ou belas conchas.

Enquanto a ciẽncia da natureza ficar fiel ao prejuízo, que ela cultiva com tanto cuidado, de ver no peso uma força invariável,

não poderá mesmo conceber a simples idéia de investigar as leis cuja ação possa contrariar a gravitação, e continuará a afirmar a impossibilidade da levitação. Mas, no dia em que ela se firmar na idéia de que, apesar de conhecermos a lei da gravitação, a causa desta é ainda um grande enigma, se libertará desse prejuízo e desaparecerá esse grande obstáculo ao progresso. Se a Ciência não se deixasse cegar e não permanecesse sistematicamente afastada do domínio onde poderia explorar à vontade os tão numerosos fenômenos da levitação, teria dado grande passo para a solução de um dos problemas de maior importância para a Humanidade.

Babinet disse:

“Aquele que, contra toda possibilidade, conseguisse elevar ao ar e aí conservar, em suspensão, uma mesa ou qualquer outro corpo em repouso, poderia lisonjear-se de ter feito a mais importante de todas as descobertas do século. Newton tornou-se imortal pela sua descoberta da gravitação universal; aquele que soubesse subtrair um corpo à gravitação, sem meio mecânico, teria ainda feito mais.”⁵⁰

Babinet tinha razão para atribuir grande valor a tal descoberta; mas errou acrescentando que o fato era impossível. Ele também confunde a lei e a causa da gravitação. Mesmo que não tivéssemos a menor idéia dessa causa, seria eminentemente ilógico afirmar a impossibilidade da levitação. Mas, se a gravitação entra nas leis fundamentais da eletricidade, a levitação se torna logo uma das suas mais positivas possibilidades.

As leis são imutáveis, mas as causas podem variar e sua variabilidade fica estabelecida com a descoberta das forças que permitem modificá-las. O que faz que um sábio, como Babinet, tenha essa idéia tão fixa sobre o peso, é ele, sem muito refletir, considerá-lo como um atributo inseparável da matéria. Entretanto há duzentos anos já que Huyghens nos punha em guarda contra semelhantes erros. Dizia ele:

“A Natureza envolveu em um véu e em trevas tão espessas as vias e os meios de que se serve para imprimir a todos os corpos sua tendência a cair sobre a Terra, que, apesar de to-

do esforço e sagacidade, não se pôde ainda descobrir o menor traço. Foi isso que levou os filósofos a buscarem a causa desse fenômeno maravilhoso nos próprios corpos, numa propriedade que lhes seria essencial, em virtude da qual eles tenderiam para o centro da Terra, como se sentissem a necessidade imperiosa de, como uma parte, unir-se ao todo. Isso não se chama descobrir causas, mas criá-las pouco claras e incompreensíveis a qualquer pessoal.”⁵¹

“Os corpos *são* pesados”, tal é a fórmula enunciada na linguagem da ignorância, que se prende ao fato mais imediato, à sensação do peso que nos fazem experimentar os corpos. Colocamos nos corpos uma atividade, ainda que, em sua tendência a cair, eles não obedecem senão passivamente à atração terrena. Se o peso fosse inseparável da matéria, seria invariável, o que não se dá; porque, se o homem for transportado para a Lua, não possuirá mais que o sexto do seu peso,⁵² se o for para o Sol, terá um peso enorme. O peso, de causa exterior e variável, não é, pois, inseparável da concepção da matéria. Desde então, cai toda objeção contra a possibilidade da levitação e cada dia poderá fazer conhecer um novo processo a empregar-se para subtrair um corpo material à atração terrena, pela ação de uma força agindo em sentido contrário.

Ora, a levitação não é somente possível: ela é uma realidade. Milhares de pessoas verificam-na e entre elas se acham investigadores sérios que a submeteram à investigação científica. Portanto, a Ciência tem o dever de explorar o domínio do ocultismo que apresenta essa força em atividade, de estudá-la em suas manifestações e, variando as condições experimentais, procurar estabelecer a lei do fenômeno.

Sou partidário de uma estreita aliança entre a física e o ocultismo, e isso no interesse de ambos. Se todos os ocultistas fossem excelentes físicos, não veríamos acumular-se há tantas dezenas de anos fatos e materiais relativos à levitação, sem alguma tentativa séria de explicação. Eu não teria necessidade, ainda que tendo estudado a física, de deter-me nisto, abandonando o resto aos físicos. Se, pelo contrário, todos os físicos fossem excelentes ocultistas, em vez das discussões estéreis onde uns

afirmam os fatos e outros lhe negam a possibilidade, veríamos surgir discussões fecundas sobre as causas dos fenômenos. Os físicos não tardariam então a reconhecer que o ocultismo é suscetível de fornecer-lhes nova orientação e que em particular o estudo da levitação fornece a solução de um problema que excede em importância a todos os outros.

Carl du Prel

A levitação **por Carl du Prel**

Sendo dado um fenômeno à primeira vista inexplicável, o sábio o encarará de um modo diferente, segundo a opinião elevada que forma de si ou da natureza. Um rejeitará tudo o que não puder entrar no seu sistema e, se esbarrar com um desses fatos, além de fazer todo o possível para evitar corrigir seu sistema, tratará o fato com soberano desprezo; outro admiti-lo-á como um intruso que o importuna, mas sem ousar afastá-lo; só o verdadeiro investigador se esforçará por obter fenômenos que possam fornecer-lhe a ocasião de reformar o seu sistema. Para pôr em relevo essas diferentes disposições de espírito, eis algumas passagens de autores diversos.

A Academia de Medicina de Paris:

“Desprezemos os fatos que são raros, insólitos e maravilhosos, como a renovação dos movimentos convulsivos pela direção do dedo ou de um condutor através de uma porta, um muro...

Acreditamos não dever fixar a nossa atenção sobre casos raros, insólitos e extraordinários, que parecem contrariar todas as leis da física.”⁵³

Virchow:

“Ninguém se alegra com a aparição de um novo fenômeno; pelo contrário, a sua constatação é, muitas vezes, penosa.”⁵⁴

Herschel:

“Seus olhos (os do observador) devem sempre estar abertos para não deixar escapar qualquer fenômeno que contrarie as teorias reinantes; porque todo fenômeno desse gênero marca o começo de uma nova teoria.”⁵⁵

Os casos de levitação multiplicam-se cada vez mais nestes últimos tempos; apesar disso, sua realidade não é aceita por causa dessa disposição de espírito, de todas a mais freqüente e

prejudicial a qualquer progresso, e tão perfeitamente caracterizada no trecho acima citado do Relatório da Academia de Paris. Não os examinam: rejeitam-nos como impossíveis.

Entretanto, se, para se entregarem ao exame que se impõe, tomarem por ponto de partida o único verdadeiro, a gravitação, verificarão logo que a levitação, isto é, a suspensão do peso de um corpo terreno, se produzirá *necessariamente* no caso de se poder suprimir a Terra, ou por outra, subtrair o corpo ao seu centro de atração. Não sendo isso realizável, é preciso, para explicar a levitação, procurar ver se existe alguma força oposta à gravitação e capaz de vencê-la. A questão assim apresentada tem a sua resposta clara e evidente. A própria natureza nos oferece exemplos de forças desse gênero. O calor dilata os corpos, isto é, sob a influência do calor a coesão ou força de atração que se exerce entre os átomos é diminuída ou abolida. O exemplo do ímã é ainda mais frisante; o ímã que suporta um pedaço de ferro triunfa do peso deste. Se, entre dois poderosos ímãs, colocarmos um tubo de vidro, no qual se introduza uma bola de ferro, esta fica livremente em suspensão no tubo. O magnetismo, neste fenômeno de atração, como nos fenômenos de repulsão que ele produz, é pois um antagonista do peso.

Ora, há cem anos Mesmer descobriu uma nova força, cuja fonte se acha no organismo humano e a que ele chamou “magnetismo animal”, por causa das analogias que encontrou entre ela e o magnetismo mineral, por exemplo: nos fenômenos de atração e da ação produzida pelos passes diretos e inversos. Essas analogias permitem supor que o magnetismo animal é suscetível, por seu lado, de contrariar a ação do peso, isto é, de produzir a levitação. Entendamo-nos bem: há levitação não somente no caso em que um corpo se levanta verticalmente, em sentido contrário ao peso, mas ainda naqueles em que os movimentos se operam em um sentido qualquer, contanto que previamente a ação do peso seja vencida; não é mesmo necessário que haja movimento, como prova um fato narrado por Ginelin: a moeda que, apesar da lei de gravitação, ficou aderente à frente de um indivíduo que sofria de dores na cabeça.⁵⁶

Há cem anos, Petetin fez experiências em catalépticos. Quando ele colocava a sua mão por cima da dos cataleptizados, na distância de uma polegada, a mão destes se erguia e todo o braço seguia o movimento lento de recuo do operador.⁵⁷ Foi, porém, Reichenbach quem criou a física do magnetismo e o primeiro que fez experiências seguidas.

“Encontra-se – diz ele – no estudo dos eflúvios ódicos, modos particulares de atração e repulsão, que se traduzem pela reunião e separação dos seus pólos. Se fizermos que um sensitivo estenda a sua mão esquerda horizontalmente, tendo a palma virada para baixo, e apresentarmos a esta as pontas dos dedos da mão direita, de baixo para cima, a mão estendida parece tornar-se pesada, com tendência a abaixar-se, como se fosse atraída para o solo. Se, ao contrário, apresentarmos à palma as pontas dos dedos da nossa mão esquerda, as sensações do sensitivo serão inversas: sua mão parece ficar mais leve, com uma tendência para elevar-se, como se fosse atraída para cima.

Esse fenômeno é delicado e pouco acentuado, mas suficientemente claro e se verifica em todos os sensitivos, contanto que a sua sensibilidade não seja muito fraca. Se, em vez de operar-se sobre a mão esquerda do sensitivo, operar-se sobre a direita, as sensações serão as mesmas, mas em sentido oposto...

Os membros do mesmo nome (isonômios) se repelem fracamente, os de nomes contrários (heteronômios) se atraem da mesma maneira; em um dos casos, o peso natural da mão parece aumentado, no outro parece diminuído.”⁵⁸

Reichenbach mostrou que essa atração e essa repulsão podem ser obtidas por meio de pólos ódicos inanimados; assim, os pólos dos cristais e dos ímãs produzem os mesmos efeitos que as pontas dos dedos.⁵⁹ Ele empreendeu experiências análogas com outras fontes *od*, a luz solar, as plantas e os corpos amorfos.⁶⁰ O que há de mais notável é o antagonismo que se manifestou nas experiências de Reichenbach, entre o magnetismo animal e o magnetismo mineral:

“Dei ao Sr. Leopolder, professor de mecânica em Viena, atualmente na Universidade de Lemberg, uma pequena barra imantada, que ele conservou em equilíbrio na ponta do seu indicador direito; essa barra tinha cinco polegadas de comprimento e $1/16$ de polegada quadrada de seção; ela movia-se também *para dentro* (isto é, a sua extremidade mais próxima do meio do corpo se dirigia para este), seja sobre o dedo da mão esquerda, seja sobre o da direita. Aqui se apresenta um interesse ainda maior para a indagação que fazemos. A barra imantada operava, em toda circunstância, a uma rotação *para dentro*, qualquer que fosse a posição do operador em relação ao horizonte. Assentamo-lo com a face voltada para o Sul, tendo em equilíbrio, sobre o indicador direito, a barra conservada no plano do paralelo terreno, com o pólo norte do ímã dirigido para o Ocidente; nessa posição, o pólo norte negativo deve tender para o Norte, a força magnética atraindo-o necessariamente para o pólo norte terreno, desde que ela tenha uma intensidade suficiente para vencer o atrito da barra sobre o seu ponto de apoio, isto é, sobre a ponta do dedo. Produzindo-se então o fato, a força de rotação (ódica) pondo em movimento a barra pela sua preponderância sobre a resistência do atrito, seu pólo norte deveria, segundo o raciocínio supra, girar para o pólo norte da Terra.

É o que ele não faz; ao contrário, gira para o Sul, em oposição direta à atração polar natural; quanto ao seu pólo sul, ele se dirige, agitado, para o corpo do seu suporte vivo, isto é, para o pólo norte da Terra.

Portanto, o ímã estava longe de obedecer à atração magnética, vencido pela força de rotação (atração ou repulsão ódicas) e, apesar da sua natureza íntima, era violentamente constringido a mover-se no sentido inverso da sua polarização. A força que estudávamos aí é, portanto, tão considerável, tão característica e independente, a força (*ódica*) de rotação naquelas circunstâncias é tão superior à força (*magnética*) de rotação, que não hesitamos em aceitar a luta com o magnetismo, que se lhe opõe diretamente e é vencido na luta por ela... O resultado foi idêntico em todas as orientações, e

o foi ainda todas as vezes que repetimos a experiência com muitos outros sensitivos e outras barras.”⁶¹

Portanto, houve identidade de resultados numa série de experiências muito variadas. Os sensitivos fracos não conseguiam provocar os movimentos. Mais de um tinha seus dias, e mesmo horas, em que periodicamente obtinham essas rotações.⁶² Eis como Reichenbach resume:

“Descobrimos uma força desconhecida que se revela nos sensitivos, mas somente neles, parecendo completamente inexistente nos que não o são... Ela cresce pela reunião de muitos sensitivos e emana mais abundante nos que são dotados de maior sensibilidade. Pode-se, por meio de obstáculos ódicos, aumentar-lhe a importância a ponto de produzir mal-estar, desfalecimentos e convulsões. Suas manifestações exteriores são enfraquecidas por tudo o que restringe a expansão do *od*, como, por exemplo, pela oposição de pólos heteronômios... Esses efeitos (de inibição) não são contínuos, mas compõem-se de uma sucessão de botes.”⁶³

Como as experiências feitas em objetos inanimados apresentam uma força mais demonstrativa para nós, compreendidos mesmo os doutores, vou passar a ensaios cuja narração me forçará a tocar no domínio do Espiritismo. Não se assuste o leitor, não lhe falarei dos Espíritos, mas de uma força emanada do médium e, portanto, de um assunto que a antropologia tem desprezado. No fenômeno das mesas girantes todos os assistentes contribuem para a produção dessa força.

Esse fenômeno, observado na câmara escura de Reichenbach, é acompanhado da produção de luz.⁶⁴ A parte superior da mesa torna-se luminosa e desde então esta começa a oscilar, a deslocar-se e a elevar-se; aqui igualmente o magnetismo animal aparece como uma força motora, oposta ao peso. Examinemos de mais perto algumas das manifestações dessa força. No decurso de certa sessão, colocaram numa balança uma grande mesa de sala de jantar, pesando 121 libras... Ao simples desejo expresso, esse peso descia a 100, depois a 80 e 60 libras, ou se elevava a 130, e mesmo a 144 libras. A mudança de peso se operava no

intervalo de 3 a 8 segundos.⁶⁵ O Professor Boutlerow experimentou igualmente essa força, que ora se combina com o peso e ora lhe resiste. Repele a expressão “mudança de peso” por lhe parecer inexata:

“Nenhum de nós, diz ele, jamais pensou em verdadeira mudança de peso. Para nós não se tratava ali de outra coisa a não ser de uma mudança nas indicações da balança, determinada por uma força agindo em concorrência com o peso. Essa força age: ora no mesmo sentido que o peso e a ele se junta, e ora em sentido contrário; e então o marcador da balança indica uma diminuição aparente de peso.”

Quanto à origem dessa força, Boutlerow admite, com Crookes, que ela é fornecida pela matéria ponderável do corpo do médium, não havendo mais que o transporte da força vital de um corpo material para outro. Os movimentos aparentemente espontâneos dos corpos se explicariam do mesmo modo; o contato do médium com os objetos não seria sempre necessário. Eis o que diz Boutlerow a propósito de uma experiência com Home:

“Momentos depois, Home tomou uma campainha posta sobre a mesa e conservou-a a certa distância da beira desse móvel, um pouco mais baixo que o plano superior. A campainha e a mão de Home estavam bem iluminadas pela luz de uma vela. No fim de alguns segundos, Home deixou a campainha e esta se conservou livremente suspensa no ar.”⁶⁶

Boutlerow observou fatos análogos na presença de outras pessoas do seu conhecimento, que não eram médiuns de profissão.

Se agora notarmos que o peso aparente de um corpo pode achar-se modificado sem adição nem subtração de matéria, resulta, uma vez ainda, que o peso de um corpo não depende da quantidade de matéria que ele contém, mas do seu conteúdo de *od* e que, de conformidade com a sua polaridade, o peso aparente se acha modificado pela subtração ou adição de *od*. Aqui surge uma questão embaraçante, cujo exame abandono aos físicos. O modo pelo qual se comportam as caudas dos cometas pareceu

impor-nos a obrigação de identificar a gravitação com a atração elétrica e a levitação com a repulsão elétrica. No movimento das mesas e outros fatos dessa espécie vemos os mesmos resultados produzirem-se pela influência do *od*, agindo como força motora. Ora, Reichenbach mostrou que na natureza o *od* e a eletricidade oferecem entre si relações estreitas, apesar da independência da sua atividade.⁶⁷ Restaria saber de qual dessas duas forças dependem os fenômenos, mas hoje o problema apenas pode ser formulado. A única coisa provada é que, pela subtração ou adição de *od*, o peso dos corpos se acha modificado, como se a quantidade de matéria neles contida se achasse diminuída ou aumentada; que, além disso, a força que rege essas modificações deve ser polarizada, pois ela é suscetível de produzir *um e outro* fenômeno. Não se pode tratar aqui senão de uma modificação da polaridade ódica. Seja como for, essa força é suscetível de produzir efeitos consideráveis. Wallace diz:

“Vi, na presença do célebre médium Daniel Home, variar de 30 a 40 libras o peso de uma grande mesa, peso que previamente se havia determinado em pleno dia, para afastar qualquer causa de erro.”⁶⁸

Será bom citar também as experiências de Crookes, feitas com grande precisão, porque as modificações se produziam ante um simples desejo do operador.

1ª experiência: “Torna-se leve”. A mesa se levantou e a balança não acusou mais que um peso de meia libra, se tanto.

2ª experiência: “Torna-se pesada”. Foi preciso uma força de 20 libras para erguer a mesa por um dos seus lados, achando-se todas as mãos colocadas à beira da mesa, com os polegares visíveis.

3ª experiência: Pergunto se a força que reage é capaz de levantar a mesa bem horizontalmente, quando eu busque atraí-la por meio do cordão da balança. Desde logo a mesa deixou totalmente o solo, ficando perfeitamente horizontal, e a balança acusou uma força de 24 libras. Durante essa experiência as mãos de Home estavam colocadas sobre a mesa, ao passo que as dos

assistentes se achavam à beira da mesma, como na experiência precedente.

4ª experiência: “Torna-se pesada”. Todas as mãos estão à beira da mesa; desta vez foi preciso empregar uma força de 43 libras para destacar a mesa do solo.

5ª experiência: “Torna-se pesada”. Desta vez, o Sr. B... tomou uma luz e iluminou a parte interior da mesa para certificar-se de que o aumento do peso não era produzido pelos pés dos assistentes ou por algum artifício. Durante esse tempo, examinei a balança e verifiquei que era preciso um peso de 27 libras para erguer a mesa. Home, A. R. Wallace e as duas damas tinham as mãos colocadas à beira da mesa e B... afirmou que ninguém tocava o móvel de modo que o seu peso fosse aumentado...

Perguntei então se me era permitido pesar a mesa, sem Home nela tocar. “Sim!”, foi a resposta.

1ª experiência: Prendi à mesa a balança de mola e pedi que ela se tornasse pesada; tentei então levantá-la e, para consegui-lo, foi preciso uma força de 25 libras. Durante esse tempo, Home esteve sentado em sua cadeira, recostado no espaldar, com as mãos longe da mesa e com os pés tocando os das pessoas próximas.

2ª experiência: “Torna-se pesada”. Sr. H... tomou então uma luz, clareou a parte inferior da mesa para se certificar de que ninguém a tocava, enquanto eu fazia a mesma verificação na parte superior. As mãos e os pés de Home conservavam-se na mesma posição que na experiência precedente. O indicador da balança acusou um peso de 25 libras.⁶⁹

Assim, do mesmo modo que um ímã pode tornar magnético um pedaço de ferro (produzindo a chamada indução magnética), e que o corpo carregado de eletricidade pode influenciar outro, existe também no corpo humano uma força capaz de transportar-se para objetos variados. O número de corpos que podem sofrer a ação do magnetismo animal parece mesmo ser muito considerável. Slade tocou com a extremidade do dedo o espaldar de uma cadeira e ela, levantando-se a uma altura de três pés, ficou flutuando durante alguns segundos e depois caiu.⁷⁰ Zöllner e Wilhelm

Weber viram a agulha imantada desviar-se pelos eflúvios das mãos de Slade. Zöllner propôs tentar a imantação de uma agulha não magnética. Escolheram uma agulha de fazer ponto de malha e verificaram, por meio da bússola, que ela não estava imantada, pois atraía igualmente os dois pólos da agulha magnética. Slade colocou essa agulha sobre um prato que deixou em baixo da mesa, como fazia habitualmente com a lousa para obter a escrita direta; no fim de quatro minutos, colocou o prato com a agulha sobre a mesa e verificou que essa agulha estava imantada apenas numa das suas extremidades, mas tão poderosamente que atraía e prendia a limagem de ferro e pequenas agulhas de coser e que, por ela, se podia facilmente fazer a agulha da bússola efetuar rotações completas. O pólo obtido era o austral; ela repelia o pólo austral da bússola e atraía o boreal.⁷¹ Verificaram também que, por influência do médium, as correntes moleculares podiam ser desviadas, fenômeno sobre o qual repousa precisamente a magnetização dos corpos segundo a teoria de Weber e de Ampère. Muitas vezes notou-se que as tesouras e as agulhas de que se serviam as sonâmbulas para os seus trabalhos de costura, etc., eram magnéticas e é provavelmente à mesma influência que se deve atribuir o fato de os relógios de algibeira de certas pessoas nunca marcharem com regularidade, apesar de todos os concertos que sofram. Foi provavelmente também uma ação magnética que exerceu o profeta Eliseu, no seguinte fato contado na Bíblia: O profeta tinha ido com seus companheiros às praias do Jordão para cortar a madeira destinada à construção de uma choupana; um deles deixou cair na água o seu machado e amargamente se lamentava por essa perda. Eliseu fez que lhe indicasse o lugar onde o machado havia caído; em seguida, mergulhando na água um toro de pau, que cortou, este voltou à superfície trazendo o machado.⁷²

Nas sessões espíritas se verifica que a força de levitação, como força motora, emana do médium⁷³ e também dos assistentes. De um modo geral, o médium não se distingue das outras pessoas senão pela maior facilidade de escoamento dos eflúvios ódicos que ele possui. Nessas sessões faz-se muita questão para que a cadeia formada pelas mãos não se rompa, pois do contrário

haveria a interrupção do fenômeno e, portanto, sério perigo, se nesse momento se estivesse produzindo uma levitação. Assim, por exemplo, se objetos flutuarem no ar, eles cairão, desde que a cadeia se rompa; e isso bem prova que a força da levitação é tirada dos assistentes. No decurso de uma sessão às escuras, em Viena, eu ouvia – pois que não podia ver – como subia e flutuava no ar uma pesada caixa de música, que eu só podia carregar servindo-me dos meus dois braços; se tivéssemos rompido a cadeia, sem dúvida alguma ela teria caído, como sucedeu com uma guitarra em certa sessão em Auteuil, que, passeando acima do círculo, caiu sobre a cabeça de um dos assistentes, arranhando-lhe a testa, quando este, querendo segurá-la, largou a mão do seu vizinho.⁷⁴ Em sessões desse gênero têm-se visto muitas vezes objetos inanimados, mesas, cadeiras, etc., aproximarem-se em linha reta do médium, e outras vezes também se afastarem dele. Quando na *Mística Cristã* se conta que imagens, contempladas piedosamente por certos fiéis, se aproximavam deles, talvez haja razão para crer-se na realidade do fenômeno; aí os contempladores eram agentes mediúnicos inconscientes.

Nessa ordem de fenômenos trata-se, antes de tudo, de uma força contida no médium, suscetível de exteriorizar-se e de agir como força motora. Reichenbach já havia demonstrado que os eflúvios ódicos constituem uma força motora,⁷⁵ e de Rochas consagrou a esse problema um livro,⁷⁶ onde prova que os eflúvios ódicos dos médiuns devem ser considerados como o substrato de uma força motora. O magnetismo animal age a distância, como o magnetismo mineral; é, como este, polarizado e pode igualmente reforçar ou contrariar a ação do peso. É ainda uma analogia entre essas duas espécies de magnetismo. A ação a distância, como qualquer outro fenômeno de magia, não procede, pois, do homem material, mas do homem *ódico*, e como não é possível figurar este último senão segundo o esquema do primeiro, podemos dizer que a ação a distância procede do corpo astral. Vendo-se a mesma força exercer nas sessões espíritas, trata-se pois de saber se podemos explicar os fenômenos pela simples ação do médium, ou se é preciso recorrer a inteligências estra-

nhas – a Espíritos – ou, afinal, se forças idênticas dessa dupla origem se combinam para a produção dos fenômenos.

Antecipando investigações ulteriores, podemos dizer que o corpo astral exteriorizado não constitui somente o suporte de uma força motora, porém que é também o portador da força vital, da força formativa, da sensibilidade e da consciência. Ele pode existir independentemente do corpo material e estar dele separado, o que equivale a afirmar a sua imortalidade, como ficará provado experimentalmente nas investigações encetadas pelo Sr. de Rochas. Portanto, as ações produzidas pelo corpo astral durante a vida terrestre do homem, nos sonâmbulos e médiuns, devem ser idênticas às do corpo astral definitivamente exteriorizado pela morte. Os fenômenos observados nas sessões espíritas podem apresentar uma dupla origem: os médiuns e os Espíritos, e inúmeras observações têm provado que os Espíritos operam por meio de forças que se fundem com as do médium num todo bem homogêneo. O mesmo processo se aplica ao fenômeno da levitação.

Portanto, temos as melhores razões, quando se trata de fatos dependentes do *od*, para instruir-nos com aqueles que têm consciência de se achar em relação com ele. Em primeiro lugar, devemos dirigir-nos aos sonâmbulos; os médiuns nos serão de menor utilidade, porque, por ocasião da produção dos fenômenos, ou eles se acham em transe e, portanto, sem consciência, ou acordados, mas sem a consciência ódica. Limitemo-nos, pois, aos sonâmbulos. Um dos mais notáveis, e que era ao mesmo tempo médium, a vidente de Prévorst, apresentou, acerca do fenômeno de levitação, considerações dignas de estudo. Ela designa a força ódica ou magnética sob o nome de *espírito nervoso* e diz ser este uma energia muito mais imponderável e poderosa que a eletricidade, o galvanismo e o magnetismo mineral. Ela atribuiu, antes de Reichenbach e Rochas, ao *espírito nervoso* a faculdade de suprimir o peso dos corpos. Nos homens mergulhados em um estado magnético profundo, esse *espírito nervoso* facilmente se destacaria dos nervos e da alma, podendo por seu intermédio agir a distância e manifestar-se, por pancadas.⁷⁷

O Dr. Klein fala de uma sonâmbula que lhe pedia o seu relógio e o colocava sobre a fronte, onde ele ficava aderente apesar dos mais variados movimentos que ela fazia com a cabeça.⁷⁸ Jacolliot viu um faquir que, servindo-se de uma pena de pavão como condutor, abaixava a concha de uma balança, quando na outra concha existia um peso de 80 quilos. O faquir tocava com a ponta dos dedos a borda de um vaso cheio de água e esse vaso podia-se mover em todos os sentidos, sem que a água se movesse. Muitas vezes o vaso se elevou a sete ou oito polegadas acima do solo. O mesmo hindu pediu um lápis, que colocou sobre a água e, estendendo a mão por cima, o lápis se deslocava em todas as direções. Ele tocou delicadamente no lápis, que flutuava na água, e este mergulhou até ao fundo do vaso. Sobre uma pequena mesa que Jacolliot podia levantar com dois dedos, o faquir colocou a sua mão durante um quarto de hora; após isso, Jacolliot não pôde levantá-la e, como ele empregasse toda a sua força, a tábua superior se desprende. Alguns minutos depois, a força comunicada à mesa se dissipava e ele readquiriu a sua mobilidade. Quando ia partir, o faquir notou um molho de penas dos mais notáveis pássaros da Índia: tomou uma porção dessas penas e atirou-as ao ar o mais alto que pôde. Elas caíram lentamente, mas, ao chegarem à proximidade da mão do faquir, colocada por baixo, tornaram a elevar-se até ao toldo do terraço e ali ficaram pregadas. Depois da partida do faquir elas desceram.⁷⁹ Crookes imaginou aparelhos permitindo suprimir toda a comunicação mecânica direta, da força emitida pelo médium Home ao instrumento registrador das variações de peso.⁸⁰ Ele viu uma cadeira elevar-se, com uma senhora, muitas polegadas acima do soalho, ficar assim suspensa durante cerca de dez segundos e depois descer lentamente.⁸¹

Todas essas faculdades, aumento de peso e levitação, não podem ser próprias do corpo material do médium, mas sim do seu corpo astral que, de natureza ódica e polarizada como é, pode agir sobre o conteúdo ódico íntimo dos objetos. Como, depois da morte, o corpo astral subsiste, é claro que os Espíritos devem ser dotados das mesmas faculdades. A esse respeito é bom notar que a vidente de Prévorst atribuía a faculdade de suprimir o peso, não

somente ao seu *espírito nervoso*, mas também aos Espíritos. Ela afirmou muitas vezes que os Espíritos têm o poder de subtrair o peso aos objetos,⁸² e esse fato me parece experimentalmente provado por todos os fenômenos espíritas, nos quais o peso se acha aumentado ou diminuído segundo o desejo expresso do operador, como nas supracitadas experiências de Crookes.

Numa experiência do Dr. Hallole com o médium Home, havia sobre a mesa um copo com água, duas velas, um lápis e algumas folhas de papel. Tendo-se a mesa elevado com uma inclinação de 30 graus, todos os objetos que se achavam sobre ela conservaram as suas posições, como se estivessem aí colados. Pediram depois aos Espíritos que levantassem a mesa com a mesma inclinação e destacassem dela o lápis, conservando-se o resto em posição fixa. O lápis caiu no chão e os outros objetos conservaram sua fixidez. Tornaram a colocar o lápis sobre a mesa e pediram a mesma experiência, mas desta vez para se conservar tudo, exceto o copo; o copo escorregou e foi recebido à beira da mesa por um dos assistentes. Em outra sessão, a mesa ergueu-se sob um ângulo de 42 graus; sobre ela achavam-se um jarro de flores, livros e pequenos objetos de ornamento. Tudo se conservou imóvel como se os objetos estivessem presos aos seus lugares.⁸³ Numa experiência feita pelo príncipe Luís Napoleão com o médium Home, um candelabro guarnecido de velas acesas passou da posição vertical à horizontal, onde ficou flutuando livremente, continuando as chamas a brilhar em sentido horizontal.⁸⁴ A teoria espírita se impõe ainda mais no fenômeno de transportes, quando objetos colocados a uma grande distância são trazidos a pedido, como por exemplo na sessão em casa de Napoleão, onde objetos, que se achavam no quinto ou sexto salão, foram trazidos ao primeiro. Os fatos desse gênero são inumeráveis; e se, nessas experiências, empregassem aparelhos registradores, verificariam que o fenômeno de transporte repousa na levitação. É o que se observa nas numerosas histórias das casas mal-assombradas, onde os objetos mais estranhos servem de projéteis. Em todas essas histórias afirmam-se que não ficaram feridas as pessoas atingidas por esses projéteis. Glanvil relata a história de uma casa mal-assombrada, na cidade de

Londres, onde uma pessoa foi atingida na cabeça por um sapato que lhe jogaram, mas tão docemente que ela nada sofreu.⁸⁵ Em outra casa, em Mulldorf, uma pessoa foi atingida por um martelo, outra por uma telha, mas todos os projéteis eram tão leves que não ocasionavam mal algum e, ao caírem, pareciam privados de peso.⁸⁶ Em Munchof, os objetos mais variados, tudo o que podia servir de projéteis, foram lançados contra as janelas; porém os mais pesados, apesar da velocidade de que vinham animados, ficaram fixos às vidraças e outros, apenas as tocaram, caíram ao chão. Pessoas atingidas por grandes pedras não sofreram, com grande espanto seu, senão ligeiros choques, apesar da enorme velocidade com que as pedras eram lançadas; e, apenas produzido o contato, os projéteis recaíam verticalmente. Sendo um homem atingido por uma colher pesando três quartos de libra, apenas experimentou um leve toque.⁸⁷ O advogado Joller conta que, muitas vezes, pedras eram atiradas à sua casa e iam de encontro a um ou outro dos seus filhos, que somente sentiam um leve choque.⁸⁸ No convento endemoniado de Maulbronn, os objetos mais diversos eram arremessados; mas, logo que transpunham a janela, em vez de caírem de pronto, desciam lentamente ao solo, como que flutuando. Em outra casa, eram atiradas pedras que faziam tanto dano como se fossem simples esponjas.⁸⁹ Daumer teve a singular idéia de atribuir, em tal caso, a preservação à ação de misteriosos Espíritos protetores; mas essa asserção não combina com a confissão por ele mesmo feita de se darem, às vezes, ferimentos,⁹⁰ e convém buscar substituí-la por uma explicação científica, aliás fácil de adivinhar-se, visto tratar-se de uma força polarizada. Sabemos que a eletricidade neutra de um corpo, decomposta por influência, pode ser polarizada de tal modo que a eletricidade positiva se escoe e a negativa fique no corpo, ou reciprocamente. Se tocarmos em um condutor, enquanto ele está submetido à influência, determinamos um escoamento de eletricidade, tornada livre, sempre do mesmo nome que a carga do corpo influenciante, ao passo que a de nome contrário fica no condutor.

Em uma comunicação ao Congresso Internacional das Ciências Psíquicas em Chicago, 1893, o Professor Coues apresentou,

como possíveis, três hipóteses para explicar o movimento das mesas e outros fenômenos análogos:

- 1^a) a *teoria mecânica*, conhecida sob o nome de teoria das ações musculares inconscientes, da qual diz: “Ela é o refúgio natural de todos os físicos e fisiologistas que foram forçados a admitir o fato da mesa girante, porém que, pouco ou nada conhecendo do psiquismo, acham-se logo sem recursos, visto não terem outro meio de esconder a sua ignorância”;⁹¹
- 2^a) a *teoria telecinética*, segundo a qual objetos inanimados são movidos, em direção contrária ao efeito habitual do peso, por uma força comunicada a esses objetos, a distância, por pessoas vivas;
- 3^a) a *teoria espírita*, aquela que admite que inteligências desencarnadas imprimem aos objetos o mesmo movimento que nós mesmos lhe poderíamos comunicar.

Nada tenho a dizer sobre a primeira hipótese, que disseca o problema para facilitar-se a explicação. Ora, tem-se verificado mil vezes que alguns objetos se movem sem contato; logo, essa hipótese, mesmo que fosse exata, não explicaria senão uma pequena parte dos fenômenos. Desde o momento que se faz da ciência um leito de Procusto, sobre o qual colocam o problema, a explicação torna-se fácil. Quanto às duas outras teorias, o professor Coues errou em separá-las. Quando os Espíritos movem objetos, o processo não é idêntico ao que empregamos. Seria necessário um corpo com a mesma densidade (materialidade) que o nosso, e isso só é possível nas materializações completas; os Espíritos operam necessariamente de modo totalmente diverso e a única hipótese que pode ser aplicada ao caso é a segunda, a *telecinética*. A telecinesia, ou ação motora a distância, não pode emanar do corpo material dos vivos, mas somente do seu corpo astral. Ora, o nosso corpo sobrevive à morte terrestre com todas as suas faculdades; os Espíritos são providos desse corpo astral, logo o modo operatório é o telecinético, tanto entre os encarnados dotados dessas faculdades extraordinárias, como entre os Espíritos. Seria fácil provar, de cem maneiras diferentes, que as

forças chamadas anormais, que o homem pode desenvolver, graças ao seu corpo astral, são as forças normais dos Espíritos.

Uma mão invisível ou fluídica não pode imprimir mecanicamente um movimento a qualquer objeto e, acontecendo mesmo que essa mão fluídica segure o objeto, isso não será mais que o efeito de uma associação de idéias, de uma reminiscência humana provocada pela materialização, ou ainda porque esse contato facilita a levitação. A única classificação exata dos diferentes modos de movimento, abstração feita do movimento mecânico produzido pelo homem normal, é, pois, a seguinte:

- 1º) a movimento produzido pelas contrações musculares inconscientes; mas não é precisamente por este modo que se produzem os movimentos da mesa, que são devidos ao *od* agindo como força motora, como provam os fenômenos luminosos ligados à sua produção;
- 2º) a telecinesia, fenômeno devido ao corpo astral e que se efetua sem contato; é de natureza anímica, quando emana dos vivos; de natureza espírita, quando emana de desencarnados.

A constatação do fenômeno da levitação não data de ontem; já de há muitas dezenas de anos tem ela sido objeto de experiências, às vezes muito rigorosas. Nossos adversários não têm senão um argumento a opor-nos: a levitação é impossível, por ser contrária à lei da gravitação. Essa resposta prova desde logo a ignorância de fatos realmente verificados. Além disso, é tão pouco o que sabemos da natureza da gravitação, que já é um motivo para não devermos servir-nos dela com o intuito de combater a levitação. Não é exato que os corpos sejam pesados. Só o fato de a gravitação diminuir na razão inversa do quadrado das distâncias deverá impedir-nos de fazer do peso um dos atributos da matéria. Os corpos não são pesados senão relativamente aos centros de atração que se podem apresentar e estes existem em grande número no Universo, para que erremos em crer que a gravitação deva entrar na concepção da matéria. Vemos que a eletricidade e o *od* podem contrariar a gravitação; e sendo ambos forças dotadas de dualidade (polaridade), não é

absurdo considerar a gravitação como a expressão unilateral de uma força polarizada, como da atração elétrica ou óptica, suscetível, todavia, de transformar-se em repulsão, em levitação, se a carga do corpo influenciado mudar de sinal (tal é o caso das caudas dos cometas) ou se a eletricidade neutra desse corpo for decomposta. Logo, a gravitação e a levitação não se contradizem uma à outra mais que os dois pólos de um ímã.

Carl du Prel

Os eflúvios ódicos **por Albert de Rochas**

Parte da “Introdução” à obra do Sr.
Barão de Reichenbach: *Les Effluves Odiques*

O emprego da baqueta em busca das fontes e veios metálicos

Em fins do século XV vê-se aparecer o uso da baqueta giratória nas mãos de certas pessoas, para descobrir no solo os veios metálicos; no meado do século XVII empregam-na para a procura das águas e alguns anos depois ela se torna inteiramente célebre, graças a um campônio delfinês, Jacques Aymar, que oficialmente serviu-se dela para descobrir o autor dum assassinio cometido em Lião no ano 1692.

Depois desse acontecimento, que teve ruidoso eco, numerosas obras foram publicadas para estudar os fatos, detalhar os processos e apresentar as suas explicações.

O abade de Vallemont, como o Abade de Lagarde, e os Drs. Chauvin e Garnier, que igualmente estudaram a questão, atribuem os efeitos da baqueta aos corpúsculos que, desprendendo-se de todos os corpos, agem, seja diretamente sobre a baqueta, seja indiretamente sobre o corpo do operador, e, graças aos turbilhões postos em voga nessa época por Descartes, determinam o movimento da baqueta dum modo análogo àquele pelo qual o ímã atua sobre o ferro; mas esses eflúvios atuam diferentemente sobre os diversos indivíduos. Os bons operadores, dotados duma sensação especial, chegam a reconhecer a natureza dos diferentes eflúvios, quando já uma vez os tenham percebido e conhecido; por isso podem seguir, como o cão, a pista de um criminoso, uma vez que a tenham descoberto num ponto.

O padre Lebrun conclui, de diversos exemplos que cita, que a causa que faz girar a baqueta se acomoda aos desejos do homem e que ela segue suas intenções.

Não faltaram as experiências, umas sem o menor êxito, outras coroadas dele às vezes por processos diversos; ora era necessário

ter na mão um objeto da mesma natureza que aquele que se buscava, para obter-se o movimento da baqueta; ora a baqueta apontava para todos os lados, menos para o lugar onde se achava um metal determinado ou uma corrente d'água, se se tivesse na mão esse metal ou um pano molhado.

No fim do século seguinte, um tal Sr. Bleton, delfinês, possuiu em grau elevado o poder de descobrir fontes, por meio da baqueta. Um médico distinto, o Dr. Thouvenel, tendo ouvido falar dele, pediu-lhe que viesse a Lorena e submeteu-o a numerosas provas cujos resultados publicou com o título de *Memória física e medical mostrando relações evidentes entre os fenômenos da baqueta adivinhatória, o magnetismo e a eletricidade*, Paris, 1781.

Thouvenel julga que das águas subterrâneas e dos minerais escondidos na terra se desprendem eflúvios que, penetrando no corpo do mágico pelos pés, olhos e pulmões, passam para o sangue, atuam sobre o sistema nervoso e produzem uma comoção no peito. Daí os movimentos inconscientes que determinam a rotação da baqueta; daí também o aumento das pulsações, com febre, suores, síncope e perda considerável de forças.

Após essa publicação, Bleton veio a Paris, onde foi examinado por diversos membros da Academia, notadamente por Lalande, que lhe armaram ciladas em que ele caiu; fato que se tem visto e deve reproduzir-se sempre que as sensações delicadas dos sensitivos forem submetidas a influências perturbadoras, mesmo simplesmente morais.

Depois da Revolução, o Dr. Thouvenel emigrou para a Itália, aonde conduziu outro mágico, Pannet, também delfinês; ele o fez experimentar por diversos sábios, como Spallanzane, o padre Barletti, professor de física experimental em Pávia; Charles Amoretti, diretor da Biblioteca Ambrosiana de Milão,⁹² e Fortis. Este último publicou o resultado de suas experiências na *Memória para servir a História Natural e principalmente a Orictografia da Itália e dos países adjacentes*, 1802.

Pannet conseguiu achar depósitos metálicos e um aqueduto subterrâneo, mas foi mal sucedido em certo número de experiên-

cias; o que prova somente a instabilidade dessas faculdades especiais, visto não se poder estabelecer uma comparação entre o número dos êxitos e o dos insucessos, quando se trata de achar um objeto colocado em lugar determinado e extremamente restrito em relação ao espaço em que se faz a experiência.

Alguns anos depois, em 1806, um sábio alemão, Ritter, que tinha visto como operava Pannet, encontrou essa mesma faculdade de hidrocópio num jovem campônio chamado Campetti. Ritter conduziu-o a Munique, onde ele foi igualmente experimentado por Schelling e Francisco Baader.

O Conde de Tristan publicou em 1826 um livro sob o título *Estudo de alguns eflúvios terrestres*, onde constata a realidade do movimento inconsciente da baqueta sobre as correntes d'água e na vizinhança dos metais, expondo com muito boa-fé e franqueza as numerosas experiências que tentou para estabelecer uma teoria, infelizmente um tanto confusa. Limitar-me-ei a algumas das suas conclusões:

“A Terra emite eflúvios de natureza elétrica que diferem em quantidade e qualidade, conforme os lugares, as estações e as horas; esses eflúvios penetram nos corpos de certas pessoas que possuem uma condutibilidade especial e aí se polarizam, passando o fluido positivo ou boreal para a metade direita e o negativo ou austral para a metade esquerda. As meias de seda se opõem ao movimento da baqueta, impedindo que o fluido penetre no corpo do sensitivo; da mesma maneira, o movimento é detido pelas fitas de seda que cercam os punhos da baqueta, interrompendo assim a corrente. Se o fluido positivo vencer o negativo, a baqueta, partindo do plano horizontal, se eleva; ela se abaixa no caso contrário. O fluido que se desprende do solo, por cima duma corrente d'água, é devido ao atrito da água contra as paredes do canal.”

Experiências feitas no século XIX com o pêndulo e instrumentos análogos

As experiências feitas com a baqueta giratória induziram Fortis, Amoretti, Volta, Ritter, Schelling e Baader a se ocuparem de outro fenômeno inteiramente análogo: o de um pêndulo seguro na mão e que toma movimentos diversos, conforme a natureza das substâncias sobre as quais está suspenso. Os resultados obtidos pelo Rr. Ritter foram publicados, em janeiro de 1807, pelo *Morgenblatt*, de Tubingue. Aí se encontram indicações um tanto claras sobre a polaridade do corpo humano, dos ovos, das frutas, dos metais, etc. Ritter emite a opinião de que a baqueta adivinatória é apenas um duplo pêndulo que, para ser posto em movimento, só precisa duma força superior àquela que produz os movimentos do pêndulo simples. Eis o que ele diz:

“Toma-se um cubo de pirite, de enxofre nativo ou um metal qualquer. A grandeza e a forma desse metal são indiferentes (pode-se, por exemplo, empregar um anel de ouro). Prende-se isso a um fio cujo comprimento seja de três a seis decímetros; aperta-se o fio entre os dedos, suspendendo-o perpendicularmente e impedindo todo o movimento mecânico; convém que se molhe um pouco o fio.

Nestas condições, coloca-se o pêndulo por cima dum vaso cheio de água ou dum metal qualquer; escolhe-se, por exemplo, uma moeda, uma placa de zinco ou de cobre; o pêndulo faz insensivelmente oscilações elípticas, que se formam em círculo e tornam-se cada vez mais regulares. Sobre o pólo norte do ímã, o movimento se efetua da esquerda para a direita; e sobre o pólo sul, da direita para a esquerda. Por cima do cobre ou da prata, dá-se o mesmo que sobre o pólo sul; por cima do zinco ou da água acontece o mesmo que sobre o pólo norte.

Deve-se proceder sempre do mesmo modo, isto é, aproximar o pêndulo do objeto, seja por cima, seja por um dos lados; porque, modificando-se a aplicação, modifica-se também o resultado; o movimento que se fazia da esquerda para a direita se fará da direita para a esquerda e vice-versa. Não

é também indiferente que a operação se faça com a mão direita ou a esquerda; porque em alguns indivíduos há tal diferença entre o lado direito e o esquerdo, que ele produz uma diversidade de pólo.

Toda a suposição de erro nestas provas é fácil de destruir, porque o pêndulo oscila sem o menor movimento mecânico; a regularidade dos movimentos acabará por convencer-vos disto.

Podeis multiplicar as experiências ou mesmo dar ao pêndulo um impulso mecânico oposto ao seu movimento; ele não deixará de retomar a primitiva direção quando cessar a força mecânica.

Se suspender-se o pêndulo por cima de uma laranja, uma batata, etc., do lado do talo, o movimento se efetua como sobre o pólo sul do ímã; se voltar-se o fruto para o lado oposto, o movimento também muda; a mesma diferença de polaridade se apresenta nos cabeços dum ovo fresco. É ainda mais notável nas diversas partes do corpo humano. Por cima da cabeça o pêndulo faz o mesmo movimento que sobre o zinco; por cima da planta dos pés, o mesmo que sobre o cobre; por cima da testa, dos olhos ou do queixo o mesmo que sobre o pólo norte; por cima do nariz ou da boca o mesmo que sobre o pólo sul. Experiências análogas podem ser feitas sobre todas as partes do corpo. O movimento que se dá na palma da mão é inverso do que se opera na sua parte externa. O pêndulo move-se por cima de cada ponta de dedo; mas o quarto dedo (o anular) provoca um movimento inverso; possui igualmente a faculdade de deter o pêndulo ou dar-lhe outra direção, quando o colocamos sozinho na extremidade da mesa das experiências.”

Em 1808, Gerboin, professor na Escola Médica de Estrasburgo, publicou seus *Estudos experimentais sobre um novo meio de ação elétrica*, volume de 356 páginas em que descreve 253 experiências com um pêndulo formado por uma bola fixa na extremidade de uma linha, cuja parte superior é simplesmente presa entre o polegar e o indicador. Essa obra é digna de ser

consultada, porém torna-se difícil analisar a complexidade de suas conclusões.

Em 1812, tendo Deleuze exposto as pesquisas de Fortis, Amoretti e Ritter a Chasreul, este falou sobre o assunto a Ersteat, então em Paris. Ambos constataram então os movimentos do pêndulo; mas, apesar do conceito que lhes merecia a opinião de Ritter, reservaram o seu parecer acerca da causa do movimento. Alguns anos depois (1833), Chevreul, que continuara a fazer experiências do fenômeno, publicou na *Revue des Deux-Mondes*, sob a forma de carta dirigida a Ampère, as seguintes conclusões:

“*Pensar* que um pêndulo seguro pela mão do experimenterador pode mover-se e se move, sem que se tenha consciência de que o órgão lhe dá um impulso, eis o primeiro fato.

Ver esse pêndulo oscilar e esse movimento tornar-se mais extenso pela *influência da vista* sobre o órgão muscular, sempre sem se ter consciência disso, eis o segundo fato.”

Chevreul explica esses dois fatos pela simples suposição de que a possibilidade dum movimento provoca movimentos musculares inconscientes para produzi-lo, e que a vista dum movimento provoca, por imitação, movimentos da mesma natureza. Em apoio desta última proposição, ele fez notar que:

- 1º) Quando a atenção está inteiramente fixa sobre um pássaro que voa, sobre uma pedra que fende o ar ou sobre a água que corre, o corpo do espectador se dirige dum modo mais ou menos acentuado para a linha do movimento.
- 2º) Quando um jogador de bola ou bilhar segue com a vista o objeto a que deu movimento, inclina seu corpo na direção que deseja dar ao objeto, como se lhe fosse ainda possível dirigi-lo para o ponto que quis fazer atingir.

Chevreul aplicou essa mesma explicação às mesas girantes, numa obra que publicou em 1854, porém, não podendo explicar os movimentos sem contato, não pode mais essa explicação ser invocada para a generalidade dos fatos.

Mas, nessa época em que os movimentos sem contato pareciam tão absurdos que nem mesmo eram discutidos, todos os

esforços daqueles que atribuíam os movimentos do pêndulo a uma ação exercida sobre a matéria do mesmo por um agente fluídico especial emitido pelo operador deviam tender somente a dispor as condições da experiência de modo a anular o efeito dos movimentos inconscientes em contacto com o pêndulo. Foi o que fez, primeiro que todos, o Sr. J. de Briche, secretário-geral da Prefeitura de Loiret, por meio dum aparelho muito simples, que lhe dava um ponto de suspensão fixo. Esse aparelho compunha-se dum escabelo pequeno de carvalho, com cerca de 30 centímetros de altura, formado dum travessa de 20 a 25 milímetros de espessura e 13 a 14 centímetros de largura por 36 centímetros de comprimento, fixo sobre uma mesa sólida, a fim de lhe dar toda a estabilidade necessária e servir de apoio à mão do operador. À extremidade dum fio de seda, cânhamo, linho, algodão ou lã, de 21 a 22 centímetros de comprimento, ele pendia um anel, uma pequena bola ou um pequeno cilindro de metal (ouro, prata, cobre ou chumbo); fixava esse fio no meio da parte horizontal do escabelo com uma pequena pelota de cera, que o tornava aderente à madeira; nesta posição, o pêndulo, apresentado a uma substância qualquer, fazia *espontaneamente*, pelo contato da mão com o fio, movimentos rotatórios ou de oscilação; quando o apresentavam a outro objeto capaz de produzir movimento diverso, não era necessário deter o primeiro movimento, o qual, continuando os dedos aplicados sobre o fio, se modificava mesmo insensivelmente para passar aquele (às vezes inteiramente contrário) que devia ser produzido pelo novo objeto.

Afinal, o Sr. Briche reconheceu que o pêndulo, ao simples contato do dedo e sem impulso algum sensível comunicado pela mão, faz todas as oscilações que lhe impõe a vontade do operador.⁹³

Iguais experiências foram empreendidas no ano de 1851, em Brighton (Inglaterra), pelo Sr. Rutter.⁹⁴

Numa conferência feita no Instituto Literário e Científico da Brighton, sobre certas questões de fisiologia humana, é que o Sr. Rutter apresentou ao público, para apoiar suas demonstrações, um aparelho de sua invenção denominado *magnetoscópio*.

Esse instrumento era uma mesinha de acaju bem seco e envernizado, composta de uma coluna, um suporte e um disco. O disco sustentava-se por um eixo que se introduzia no interior do suporte e era seguro por um parafuso. Esse aparelho mantinha-se estável sobre uma mesa perfeitamente horizontal, colocada numa sala onde não houvesse vibrações do soalho. Uma haste de cobre atravessa uma bola de cobre e se encaixa numa cavidade praticada no centro da coluna; a haste vai adelgaçando-se para a sua extremidade fendida em forma de pinça, que se pode fechar ou abrir à vontade por meio dum anel correção.⁹⁵

Em vez de chumbo, o magnetoscópio era armado dum pedaço de lacre em forma de pião, preso às pontas da pinça por meio dum fio de seda extremamente fino. Sobre o disco era colocada uma manga de vidro, com cerca de 4,5 polegadas de diâmetro, ficando o centro de sua base imediatamente por baixo e distante do pião cerca de 1 polegada inglesa. Na base em que assentava essa manga, estava colocando o diagrama da rosa-dos-ventos.

O pêndulo, a fim de ser protegido contra as correntes atmosféricas da sala e contra a respiração dos assistentes ou do operador, ficara encerrado na manga de vidro, cuja altura era de 12 polegadas.

As condições para se usar o instrumento eram as seguintes: colocar-se ao lado do aparelho, tomar entre o polegar e o indicador da mão direita a bola de cobre que sobremonta a coluna, sem apertar muito os dedos; dobrar contra a palma da mão os dedos não empregados e fixar os olhos no pêndulo. Como se vê, Rutter queria evitar as objeções e pretendia, isolando assim o pêndulo, demonstrar experimentalmente a existência de correntes ou irradiações magnéticas emanando não só do organismo humano, mas também de todos os corpos da Natureza.

Apesar das precauções que havia tomado na construção do seu aparelho, suas teorias e seus processos experimentais foram violentamente atacados; numerosas polêmicas, cujo traço se encontra no jornal científico da época, o *Homœpatic Times*, reproduziram mais ou menos as mesmas objeções que já haviam sido feitas por Chevreul, apoiando-se sobre a imperfeição de certos detalhes da construção.

Foi então que o Sr. Dr. Léger, médico francês residente em Londres e partidário das teorias de Rutter, procurou invalidar essas objeções, construindo um novo aparelho que lhe pareceu dever afastar toda a suspeita de impulso muscular voluntário ou inconsciente. Colocou o pêndulo numa campânula de vidro, sobre a qual havia uma armadura de cobre terminada por uma bola; depois, inspirando-se numa das experiências em que Rutter provava que as substâncias animais mortas como os ossos, o marfim e a barbatana, não têm a menor influência ativa sobre o pêndulo, fez partir da bola de cobre duas hastes do mesmo comprimento colocadas em direções opostas, uma de cobre como a armadura, e a outra de osso, marfim ou espinho de porco, cada qual sustentando um fio de seda da mesma extensão e um pião de lacre com a mesma forma e igual peso. Assim, o instrumento comportava três pêndulos: um *central*, colocado sob a campânula e *diretamente* acionado; o outro no extremo da haste de cobre e que, *indiretamente* acionado, tomava o nome de *repetidor* (pois recebia a mesma ação que o pêndulo central); e finalmente, o terceiro na ponta da haste de matéria orgânica que, em virtude das propriedades especiais dessa substância, não transmitia e corrente e, conservando-se na inércia mais completa, tomava o nome de *testemunha*. Era evidente que, num aparelho assim construído, o menor impulso mecânico, a mais leve ação muscular, consciente ou inconsciente, devia, se viesse a produzir-se, abalar os três pêndulos; todos os três, pela própria natureza do seu modo de suspensão, que era idêntico e duma mobilidade extrema, deviam simultaneamente responder à mesma ação mecânica; e é fácil compreender que a imobilidade absoluta do pêndulo *testemunha* durante o trabalho dos dois outros (pêndulo *central* e pêndulo *repetidor*) deviam ser o sinal comprovativo da realidade do fenômeno, isto é, da passagem da corrente emitida duma fonte qualquer, vindo sensibilizar o aparelho de demonstração. Tal era em seu conjunto o aparelho com que o Dr. Léger repetiu as experiências de Rutter e pôde, variando-as ao infinito, demonstrar não só que cada corpo da Natureza, mineral, vegetal ou animal, é dotado de propriedades irradiantes especiais, mas também que a vontade do homem é uma força efetiva, suscetível de influenciar, pela irradiação, a matéria inerte.

Das experiências publicadas pelo Dr. Léger, em Londres, resulta, com efeito, que pela influência só duma vontade firme e seguida, e sem o auxílio de alguma força mecânica (pois basta um simples e leve contato do dedo com a armadura), o pêndulo entra em movimento na direção exigida sobre todas as linhas do diagrama, isto é, descreve à vontade rotações normais ou inversas e oscila nos rumos: N.S. - E.O. - N.E. e S.O. - N.O. e S.E., etc.

Desse fato, porém, não se deve concluir que a vontade seja sempre a causa única dos movimentos do pêndulo e, conseguintemente, que o instrumento não pode dar uma indicação diversa da que o operador deseja; todas as substâncias com que o operador se põe em relação, tocando-as com a mão esquerda, modificam dum modo especial os movimentos de rotação ou oscilação do pêndulo; e isto não é uma ilusão, porque não é necessário que o operador saiba com antecedência em que substância vai fazer a experiência, para que o fenômeno se realize. A substância sujeita à experiência pode mesmo ser encerrada numa caixa de papelão ou num tubo de vidro. Esse processo, sem conhecer-se previamente o nome da substância e, por conseguinte, o resultado que ela deve dar, é a maior garantia da sinceridade da operação e ao mesmo tempo dá uma perfeita segurança da neutralidade do operador. O que convém saber é que o operador pode substituir a ação de sua vontade à que resulta da irradiação especial do corpo do operador, ou deixar o campo livre à manifestação dessa irradiação, reduzindo sua potência volitiva pessoal a um estado de neutralidade passiva. “São, diz o Dr. Léger, variantes muito delicadas a que nem todos os experimentadores ligaram importância, e é à ignorância dessa condição indispensável ao manejo dum aparelho tão delicado que é devida a verdadeira causa das irregularidades ou variações descritas nos relatórios das experiências, variações que puderam fazer duvidar a autenticidade do fenômeno.”

Assim, apesar das numerosas experiências feitas pelo Dr. Léger com um aparelho cuja precisão, como construção, pouca margem deixava às objeções, a idéia fez pouco progresso. Não foi, entretanto, abandonada e isso é a melhor prova do seu valor;

nem por um só instante deixou de ser objeto de estudos perseverantes e curiosos. O químico Louis Lucas foi quem, em 1834, se esforçou primeiramente por fixar as relações que ligam os seres vivos às forças livres ambientes; serviu-se alternadamente de agulhas não imantadas de ferro batido e de um galvanômetro especial a que chamou *biômetro* ou *balança da vida*;⁹⁶ suas conclusões são as mesmas que as dos experimentadores do pêndulo e podem ser assim resumidas:

- 1º) cada corpo é dotado de um poder irradiante especial;
- 2º) essa irradiação é traduzida e ritmada fielmente pela agulha do biômetro, não só quando em contato, mas também a distância;
- 3º) a influência da vontade no fenômeno da transmissão é considerável;
- 4º) os seres vivos se diferenciam entre si pelo grau de intensidade da influência que cada um deles exerce sobre o instrumento;
- 5º) a ação dos corpos mortos é nula;
- 6º) os vegetais e os minerais, como os corpos orgânicos vivos, têm influências irradiantes, porém menores;
- 7º) essas influências irradiantes são polarizadas;
- 8º) o caráter desse movimento irradiante é ser contínuo e em relação constante com o foco da ação, o que permite estabelecer uma hierarquia progressiva na emissão radiante de todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais e animais.

Em 1855, o Dr. Durand de Gros (Dr. Philips) constatou⁹⁷ em todos os corpos a existência de uma força que, segundo a natureza desses corpos, é suscetível de determinar *a distância e apesar da interposição de matérias densas e compactas*, efeitos especiais sobre a economia viva, efeitos cujo caráter e intensidade podem ser exatamente determinados por meio de processos mecânicos. Deu a essa força irradiante, cujas propriedades variam em razão da qualidade ou do *arranjo* molecular, o nome de *eletricidade peolética*, por oposição a *eletricidade posotética*,

cujas propriedades, segundo ele, também variam em razão do arranjo molecular, mas sobretudo em razão das massas. Renovou todas as experiências feitas por seus predecessores sobre o pêndulo, servindo-se do aparelho do Dr. Léger, que ele vira em Londres; a longa série de resultados concordantes, obtidos pelo Dr. Durand de Gros, induziu-o às seguintes conclusões:

- 1º) existe um novo princípio de física que se depreende incontestavelmente do conjunto dos resultados particulares obtidos mais ou menos simultaneamente na França, Áustria⁹⁸ e Inglaterra, e por homens cujos estudos tendiam para o mesmo fim, sem que houvesse combinação entre eles;
- 2º) a influência exercida por uma substância sobre o pêndulo é sempre a mesma em natureza e amplitude, qualquer que seja a quantidade dessa substância; assim, a experiência prova que simples glóbulos homeopáticos, de dinamizações elevadas (a 30º, por exemplo), produzem sobre o pêndulo um efeito idêntico ao da mesma substância, em massa, que esses glóbulos representam;
- 3º) nas experiências pouco importa, para o resultado final, que a substância esteja descoberta na mão ou colocada, quer numa caixa de papelão, quer num tubo de vidro hermeticamente fechado, o que indica que um certo isolamento entre o experimentador e a substância não diminui sensivelmente o efeito obtido pelo contato direto.

Vinte anos depois, o Conde de Puyfontaine demonstrou, por meio de um aparelho de sensibilidade extrema, a possibilidade, para a maioria dos homens, de produzir a distância movimentos, sob a influência da vontade.

Eis como a *Enciclopédia Popular* de Pierre Conil, publicada em Paris no ano de 1880, relata as experiências do Dr. de Puyfontaine, sob o título *Magnetismo*:

“Há, no ato magnético, emissão de um fluido dotado de qualidades especiais, em virtude do meio que o origina, e apresentando em sua essência eterna uma analogia pronunciada com os fluidos elétrico e eletromagnético.

O homem cuja vontade põe em jogo o mecanismo dessa ação assemelha-se a uma pilha e, como ela, produz correntes partindo dele para voltarem a ele, depois de atravessarem condutores especiais e seres animados.

Esta *verdade física* foi demonstrada, desde 1876, por experiências efetuadas na presença de várias pessoas, não deixando pairar dúvida sobre a exatidão de um fato até então contestado.

O Conde de Puyfontaine fez construir pelo Dr. Rhumkorf um galvanômetro de fio de prata, cuja sensibilidade é a maior possível. Esse fio de prata tem uma extensão de 80 quilômetros. O aparelho, posto em comunicação com a mais fraca fonte elétrica, fornece todas as indicações conhecidas, quando se introduz no circuito um regulador, um interruptor e um comutador. Suprime-se depois a fonte elétrica, do mesmo modo que os instrumentos acessórios, e agarra-se com as mãos os eletrodos.

O *repouso*, os deslocamentos da agulha para a *direita* ou para a *esquerda*, ou o seu *estacionamento num grau designado*, revelam a *ausência* ou a *passagem do fluido humano*, seu *reforço* ou *enfraquecimento*, à vontade da pessoa que substituiu a fonte elétrica.

Pode-se igualmente colocar os eletrodos em recipientes isolantes ou isolados, contendo água pura, e obter as mesmas indicações operando com os dedos mergulhados n'água em frente dos eletrodos.

Resulta dessas experiências que o homem possui em si uma fonte fluídica; as correntes que daí tira podem ser projetadas fora dele e é em sua vontade que se acham o excitador, o comutador, o regulador e o interruptor dessa faculdade, que se prende à própria vida e cujo princípio reside em causas de ordem superior.”

Em 1881, o Dr. Baréty, de Nice, apresentou à Sociedade de Biologia uma memória com o título: *Des propriétés physiques d'une force particulière du corps humain, force neurique rayonnante, connue vulgairement sous le nom de magnétisme*

animal. Mais tarde, em 1889, publicou uma obra volumosa sobre o magnetismo animal,⁹⁹ em que procurou pôr de acordo os *braidistas* com os *mesmeristas*, apresentando a força nêurica como uma força essencialmente física análoga às que são conhecidas: som, calor, luz e eletricidade.

“Na revisão do magnetismo que se procede há tantos anos, ficamos – diz ele – no período analítico; mas talvez não estejamos muito longe do dia em que todos os fenômenos, agrupados no mesmo feixe por um grande trabalho de síntese, aparecerão aos olhos do público com a sua brilhante e indestrutível simplicidade.”

O Dr. Baréty cita, aprovando-as, as experiências feitas por um colega seu, o Dr. Plamat, a fim de dar uma prova visível da ação irradiante da força nêurica sobre os objetos inanimados.

O aparelho do Dr. Plamat consiste numa agulha de aço extremamente fina, de três ou quatro centímetros de comprimento, na qual está enrolado um fio de latão muito fino, cujas extremidades se prolongam cinco centímetros além da agulha e terminam por duas pequenas asas. É depois preso pelo meio a uma tira de papel gomado de um a dois centímetros de largura, cuja parte livre, talhada em ângulo agudo, é munida dum fio de seda para suspender o aparelho a um globo de vidro cobrindo um semicírculo graduado de ambos os lados até 90 graus, com a linha mediana no zero. Assim, ao abrigo de toda corrente de ar e da ação instantânea de calórico, a agulha livre conduz (ainda que não imantada), com extrema lentidão, toda a equipagem para o meridiano magnético do lugar; sofrendo francamente a ação coercitiva do globo, ela oferece a vantagem de desempenhar o papel de mola em relação às ações espontâneas ou provocadas, às quais pode ser submetida. Essas ações, consideradas como correntes eletromagnéticas dos corpos, não se exercem sensivelmente, através do vidro de campânula, senão para os animais; ao passo que, tratando-se de metais, madeiras, cristais, etc., só se obtém efeito apresentando-os diretamente às pequenas asas da agulha. Essas influências se traduzem pela atração ou repulsão. Apresentando um ou vários dedos por fora do globo na frente

duma asa da agulha, e seguindo muito lentamente o contorno do anteparo de vidro, pode-se fazer que a agulha descreva um ângulo de 90 graus. A *produção* dessa força não é exclusiva do sistema nervoso, pois é também observada nos minerais, e o aparelho do Dr. Plamat parece próprio para medir o grau de tensão da sua emissão irradiante.

O Dr. Baraduc também procurou estabelecer um modo de medição exata dessa emissão; para isso serviu-se do *magnetômetro* do abade Fortin, cuja construção complicada não dá talvez ao experimentador a mesma certeza sobre a verdadeira causa do fenômeno, mas permite constatar a ação das correntes.

Foi assim que o Dr. Baraduc chegou à conclusão de que o corpo humano é influenciado pelo meio que o envolve, e exerce sobre os corpos vizinhos uma ação proporcional ao grau da sua própria energia.¹⁰⁰ Esse corpo tende constantemente a colocar-se em relação harmônica com o estado vibratório ambiente; daí as influências recíprocas que existem dum modo permanente entre o organismo e todos os corpos da Natureza e a possibilidade, com um aparelho suficientemente sensível, de constatar as variações dessas emissões irradiantes. É nesse ponto que o aparelho do abade Fortin constitui, segundo o Dr. Baraduc, um processo de biometria suscetível de dar uma medida suficiente da tensão numa pessoa sã ou enferma. Constatou que a fórmula biométrica assim obtida estava em relação com a energia da pulsação arterial e da força muscular dada pelo dinamômetro.

O Sr. Thore, de Dax, publicou em 1887, no *Bulletin de la Société Scientifique de Borda*, as experiências que fez, por meio de um novo aparelho, sobre “a emissão irradiante de uma nova força”.

Esse aparelho compõe-se de um cilindro de marfim com 24 milímetros de comprimento e 5 de diâmetro, suspenso por um simples fio de seda, de tal maneira que seu eixo fica bem no prolongamento do fio de suspensão, que se fixa pela outra extremidade num suporte que tem uma junta permitindo levantar ou abaixar o cilindro sem imprimir-lhe abalos bruscos; em uma palavra, é um pequeno pêndulo que se coloca ao ar livre, no centro de uma mesa bem fixa, posta no meio de um comparti-

mento cujas aberturas se acham todas fechadas para evitar tanto quanto possível os movimentos da atmosfera.

Obtida a estabilidade do cilindro suspenso, se lhe for aproximado outro cilindro também de marfim e disposto verticalmente, ver-se-á produzir no primeiro cilindro um movimento acelerado de rotação, que parece não ter outro limite senão o esforço contrário desenvolvido pela torção do fio. Essa rotação se efetua sempre *no mesmo sentido que a das agulhas de um relógio*, quando o segundo cilindro está colocado à esquerda do primeiro em relação ao observador fazendo face ao aparelho, e em sentido contrário quando o segundo cilindro está colocado à direita.

A natureza das substâncias dos dois cilindros é sem efeito sobre a produção do movimento, do mesmo modo que a sua quantidade; o sentido da rotação está intimamente ligado à posição do observador em relação ao aparelho, o que parece indicar que a origem dessa força está no próprio observador. O autor conclui que é inútil procurar a causa desses singulares movimentos nas forças físicas conhecidas, pois deve ser uma propriedade inerente ao organismo humano e talvez uma propriedade geral da matéria viva.

Há alguns anos tive ocasião de conhecer em Turene um venerável sacerdote, o abade Guinebault, cuja sensibilidade nervosa era tal que ele teve de renunciar ao serviço paroquial. As tempestades afetavam-no de um modo terrível;¹⁰¹ ele gozava da propriedade de encontrar as correntes de água com uma baqueta de ponta de ferro, indicando exatamente a sua profundidade; além disso, podia indicar com os olhos vendados a direção do pólo magnético.¹⁰² Tendo-lhe dito um capitão de navio que os chineses se serviam do pêndulo para descobrir as fontes, ele fez experiências que deram o seguinte resultado:

“a) Movimento do pêndulo sob a ação dos cursos d’água subterrâneos

Se eu conservar na minha mão direita um anel de ferro, cobre ou ouro, suspenso por um fio de cânhamo ou de linho, e voltar a minha face no sentido de uma corrente d’água subterrânea, isto é, olhando para a vazante, meu pêndulo põe-se

logo a oscilar em linha reta no sentido da corrente e as oscilações não tardam a atingir de 76 a 80 centímetros de amplitude, se o fio for assaz longo; depois, no fim de três ou quatro minutos, o pêndulo começa a descrever elipses alongadas, em seguida círculos concêntricos, e acaba por oscilar num plano perpendicular à corrente.

Mas esse movimento não é definitivo, porque o pêndulo repassa depois pelo movimento elíptico e pelo movimento circular, para voltar ao movimento plano no sentido da corrente, e assim indefinidamente, sem nunca variar.

Dois jovens professores do pequeno seminário de Tours, a princípio incrédulos, acabaram por experimentar esses efeitos.

Coisa estranha! cada vez que levanto o pé direito, deixando só o esquerdo em contato com o chão, não se produz espécie alguma de movimento, qualquer que seja o tempo da experiência. Se eu trazer uma luva de seda na mão direita, ou simplesmente um lenço de seda no lado direito do pescoço, todo o movimento se detém subitamente.

Enfim, se eu tiver o pêndulo na mão esquerda, nunca o fenômeno se dará. Se, em vez de colocar-me a princípio no sentido da corrente, voltar a face para o lado oposto, isto é, olhando para o ímã, o pêndulo põe-se logo em movimento; mas, em vez de balançar-se no sentido da corrente, oscila a princípio perpendicularmente e passa, do mesmo modo que no caso precedente, por movimentos elípticos e circulares, para oscilar no sentido da corrente, e assim seguidamente.

Vê-se que o movimento do pêndulo, admitindo que ele seja determinado pela presença do curso d'água, é dirigido pela posição do corpo.

b) Movimento do pêndulo por influência do magnetismo terrestre

Quando, tendo na mão o pêndulo, volto minha face para o lado norte, o pêndulo se move no plano do meridiano magnético, dirigindo-se primeiro para o norte; depois, porém, de algumas oscilações nesse plano, ele se inclina um pouco para a esquerda, descreve sucessivamente elipses e círculos e

acaba por se mover num plano perpendicular ao meridiano magnético.

Se, em vez de voltar a face para o norte, o fizer para o sul, o pêndulo, em vez de oscilar a princípio no plano do meridiano, entra logo em movimento no plano perpendicular. A ação da corrente magnética é muito mais fraca que a das correntes d'água.

c) Ação da vontade

Quando o pêndulo está bem lançado na direção do meridiano magnético, por exemplo, se eu, por uma vontade íntima muito firme, lhe ordenar que se detenha, ele o faz quase instantaneamente e conserva-se imóvel enquanto se mantiver a minha vontade proibitiva.

Ainda mais, se uma pessoa estranha tomar-me a mão e quiser mentalmente que o pêndulo se dirija num sentido que ela não me indica, o pêndulo se detém logo e toma pouco a pouco a direção mentalmente indicada.

Devo acrescentar que, sob a ação de certas influências, provavelmente atmosféricas, perco às vezes toda a influência sobre o pêndulo e fico muitos dias sem poder pô-lo em movimento pelo processo usual empregado, apesar duma vontade enérgica e da persistência do ensaio.”

* * *

Terminarei este estudo pela exposição ainda inédita das pesquisas do Sr. Alphonse Bué, a quem devo grande parte das informações precedentes e que, como Reichenbach, estudou a questão com uma perseverança e um método inteiramente excepcionais.

Considerando as objeções feitas contra os primeiros processos de experimentação, que deixavam, com efeito, um campo vasto à crítica, o Sr. Bué aplicou-se a rodear suas experiências de todas as garantias suficientes; variando para isso, tanto quanto possível, os seus meios de verificação, ele estudou ao mesmo tempo nos corpos vivos organizados e nos corpos inorgânicos, não só o modo de transmissão dessa força misteriosa tão diver-

samente apreciada, mas ainda suas transformações e sua influência.

Em fins de maio de 1886, o Sr. Bué apresentou ao Sr. Chevreul o resultado de suas pesquisas sobre as propriedades magnéticas dos corpos e sobre a influência irradiante das correntes nervosas.

O Sr. Chevreul transmitiu, no mês de agosto do mesmo ano, essa comunicação à Academia das Ciências.

A objeção feita contra a sensibilização do pêndulo pela corrente emanante da rede nervosa do operador foi mais ou menos a mesma que a que já tinha sido formulada 50 anos antes, na *Revue des Deux-Mondes*.

Os músculos, diziam, sendo os órgãos auxiliares da vontade, obedecem às ordens desta com uma precisão e uma prontidão tais que os movimentos que resultam são muitas vezes espontâneos e voluntários.

A *atenção* e a *antecipação* têm uma influência tão poderosa sobre o sistema nervoso inteiro que certos fenômenos *subjetivos* se apresentam muitas vezes de modo a simular os efeitos produzidos por causas exteriores ou *objetivas*; assim, o ouvido atento e ansioso percebe sons no silêncio mais profundo, o olhar atento, que espia febrilmente, vê objetos imaginários; a atenção, fixada sobre uma parte determinada do corpo, produz sensações particulares; enfim, um movimento antecipado pode perfeitamente, pela mesma razão, ser *inconscientemente* preparado pelos músculos encarregados da produção desse movimento. Não havia, pois, mais que um passo para se tirar daí a conclusão de que o movimento impresso ao pêndulo conservado entre os dois dedos do experimentador era apenas resultado de um impulso muscular inconsciente, gerado pela concentração da atenção antecipada do operador; e é sobre este ponto que a crítica se apoiava para negar a existência de correntes emanando dos corpos e irradiando ao redor deles, na produção do fenômeno.

O Sr. Bué, por uma longa prática no estudo do magnetismo humano, verificara muitas vezes a troca dessas correntes,¹⁰³ não só entre dois organismos em contato, mas ainda entre organis-

mos colocados a distâncias mais ou menos consideráveis um do outro, tinha motivos bastantes para crer na generalização do fenômeno.

Resolveu, portanto, assentar sua convicção em experiências feitas em condições rigorosas; e foi com esse intuito que reconstituiu em 1886, por meio de documentos colhidos na Biblioteca Real de Londres, o aparelho do Dr. Léger, cujas disposições especiais apresentam, por causa do pêndulo *testemunha*, garantias suficientes para que não se possa mais fazer intervir na crítica a *antecipação* ou a *tendência ao movimento*. Com esse aparelho renovou todas as experiências dos seus antecessores, imaginou mesmo outras e, para dar ao fenômeno uma consagração mais firme, confrontou as experiências do pêndulo com as que foram simultaneamente empreendidas em indivíduos sensitivos pelos Srs. Dècle e Chazarain, que então estudavam as leis da polaridade. A concordância dos resultados obtidos por esses dois modos é extremamente curiosa.

Os Srs. Dècle e Chazarain experimentaram sucessivamente em seus sensitivos a influência das correntes polarizadas do organismo humano, dos ímãs, da eletricidade, das cores e substâncias vegetais, enfim de todos os produtos químicos, sais, bases ácidas, álcalis, metais e metalóides. O Sr. Bué, sem ter indicação alguma dos efeitos assim obtidos por esses senhores, verificava a seu turno cada experiência pelo seu aparelho.

Para se compreender os pontos de comparação por meio dos quais se pode admitir a identidade dos fenômenos, é preciso saber-se que o pêndulo faz seis movimentos absolutamente distintos, cujo traço é indicado no diagrama da base do aparelho:¹⁰⁴

- 1º) por um círculo dando duas rotações circulares antagonistas: a) *Rotação normal*, movimento circular da direita para a esquerda no sentido do movimento das agulhas de um relógio; b) *Rotação inversa*, movimento circular da esquerda para a direita em sentido inverso do movimento das agulhas;

- 2º) por duas outras linhas cortando-se em ângulo reto, em oposição normal; c) Movimento de oscilação N.S.; d) Movimento de oscilação E.O.;
- 3º) por duas outras linhas cortando-se igualmente em ângulo reto, em oposição normal; e) Movimento de oscilação N.E. – S.O.; f) Movimento de oscilação N.O. – S.E..

Os operadores admitiam como resultado de uma polaridade positiva (+) os movimentos seguintes:¹⁰⁵

- *Rotação normal* (R.N.); oscilações N.S. e N.E. – S.O.. Por este fato, os três outros movimentos do pêndulo: *Rotação inversa* (R.I.) e oscilações E.O. e N.O. – S.E. se tornavam necessariamente negativos (–), pois são opostos aos primeiros.

Isso estabelecido, eis o quadro sumário dos resultados obtidos ao mesmo tempo pelos Srs. Dècle e Chazarain com os sensitivos e pelo Sr. Bué com o pêndulo:

Polaridade humana

- Mão *direita*: (R.N.), (+).
- Mão *esquerda*: (R.I.), (–).
- Lado do *polegar* nas duas mãos: (R.I.), (–).
- Lado do *dedo mínimo* nas duas mãos: (R.N.), (+).

*Polaridade do ímã*¹⁰⁶

- Planta, lado da *raiz* ou terra: (R.I.), (–).
- Planta, lado da *flor* ou folha: (R.N.), (+).
- Fruto, lado do *pé*: (R.I.), (–).
- Fruto, lado da *coroa*: (R.N.), (+).
- Fatias horizontais de uma haste, um legume ou fruto:
 - Face *posterior* (lado da terra): (R.I.), (–).
 - Face *anterior* (lado do céu): (R.N.), (+).
- As *flores*, reduzidas a *pó*, dão indistintamente: (R.N.), (+).
- As *raízes*, reduzidas a *pó*, dão indistintamente: (R.I.), (–).¹⁰⁷

Polaridade das substâncias químicas e dos minerais

- a) Ouro, cobre, enxofre, magnésio, antimônio, lítio, arsênico, mercúrio dão: (R.N.), (+).
Prata e bismuto: (R.I.), (-).
Ferro e manganês: Oscilação N.S., (+).
Aço e platina: Oscilação E.O., (-).
Zinco, estanho, bromo, iodo: Oscilação N.E. – S.O. (+).
Níquel, alumínio, cobalto, chumbo: Oscilação N.O. – S.E. (-).¹⁰⁸
- b) Os *ácidos* dão (+); os *álcalis* e os *carbonatos* dão (-).
- c) Quanto mais uma substância se compuser de elementos diversos, tanto menos veloz e claramente ela determina o movimento do pêndulo; os carbonatos costumam mais a sensibilizar o pêndulo que seus metais e dão amplitudes menores.

Influência da forma

O Sr. Bué constatou que a forma dos corpos exerce sobre o modo de manifestação do fenômeno uma influência preponderante, e que toda disposição no alongamento modifica a natureza da corrente, de modo a substituir ao movimento específico dado pela substância o movimento polarizado do ímã; assim, se tomarmos o pó de uma substância qualquer, mineral ou vegetal, e o encerrarmos em um cartucho longo de 12 a 15 centímetros, esse cartucho, em vez de sensibilizar o pêndulo pela influência irradiante especial à substância do seu conteúdo, se comporta em relação ao aparelho absolutamente como a barra do ímã, isto é, dá R.N. (+) numa das extremidades, e R.I. (-) na outra, qualquer que seja a sua composição, acusando assim claramente a polaridade dupla do ímã. Uma régua, um charuto, uma vela, um lápis, uma caneta, um tubo de vidro, enfim todos os corpos cilíndricos ou alongados, atuam do mesmo modo. Donde o Sr. Bué, apoiando-se em outras experiências similares, chegou à conclusão de que a forma dos corpos e a sua disposição em barra influem poderosamente sobre as correntes; e tirou daí deduções novas

aplicáveis à fisiologia do sistema nervoso e às correntes no organismo humano.¹⁰⁹

Influência da massa

Segundo o Sr. Bué, os efeitos obtidos com o pêndulo não estão, como se poderia crer e como o afirmaram muitos experimentadores, na razão direta da massa dos corpos. Como os Srs. Durand de Gros e Léger, o Sr. Bué, experimentando sobre dinamizações homeopáticas, verificou que as preparações vegetais ou minerais da trigésima acusaram no pêndulo um movimento da mesma natureza e tão claramente pronunciado como o fornecido pela própria substância. Isto induz a crer que as correntes não estão em potência proporcional à massa dos corpos¹¹⁰ e, demonstrando que o *milionésimo do grau* de uma substância pode produzir o mesmo efeito que um grama da mesma espécie, se recomeça implicitamente nas dinamizações medicinais uma virtude que lhes foi negada e que ainda hoje é mais ou menos contestada.

Influência da vontade

As mais curiosas constatações que o Sr. Bué tirou de suas experiências são, sem dúvida, as que ele fez acerca da influência da vontade na manifestação do fenômeno.

“A princípio – diz o Sr. Bué – nada parece mais fácil que servir-se do aparelho; fazer mover o pêndulo, pondo um dedo sobre o disco da armadura; é uma coisa em si tão simples que todos estão dispostos a crer que o instrumento produzirá imediatamente, nas suas mãos, o resultado esperado; é isso, entretanto, um erro profundo, porque talvez não exista outro instrumento mais difícil de manejar e que reclame maior cuidado. O principal inconveniente, próprio de todos os principiantes, provém de quererem eles fazer logo as experiências mais diversas e complicadas, sem se preocuparem com as condições numerosas e delicadas que devem observar para se produzir o fenômeno com exatidão. Alguns, recusando mesmo escutar qualquer explicação, são mal sucedidos e naturalmente se apressam em concluir que não de-

vem dar crédito às descobertas anunciadas. Cumpria-lhes, entretanto, pensar que mesmo as pessoas que têm grande hábito de experiências científicas nem sempre triunfam na primeira prova; só chegam aos seus fins depois de muitas tentativas e quando adquirem certa prática. Não seria contrário à razão esperar-se logo pleno êxito?

Haverá um instrumento, um utensílio qualquer, do qual se possa fazer uso conveniente sem se ter previamente estudado o seu manejo?

Por que não admitir uma aprendizagem, quando se trata dum instrumento tão delicado? Além das condições materiais e de meio, em que é indispensável nos colocarmos para experimentar convenientemente com o pêndulo, o ponto essencial é sabermos mentalmente dispor da nossa vontade, de modo a irradiá-la sobre o instrumento e comunicar-lhe certas propriedades que ele só adquire com o tempo. Um pêndulo é tanto mais sensível quanto maior é o seu tempo de serviço; todos os experimentadores o têm verificado e nisso concordam.

Esse estado particular da força nervosa, cuja influência é tão notável sobre o instrumento, é o que se obtém com maior dificuldade, não podendo bem compreendê-lo aqueles que não têm hábito algum de magnetizar. É, entretanto, esse estado que dá ao aparelho suas qualidades especiais de condutibilidade, condição essencial da experiência. Não devemos daí inferir que a vontade seja a causa única dos movimentos do pêndulo e que o instrumento não possa dar outra indicação que não seja a da vontade do operador. A experiência com substâncias encerradas em caixas de papelão e tubos de vidro, sem se conhecer previamente quais elas são e o movimento que devem produzir, basta para demonstrar a neutralidade da vontade nessa circunstância. É essa a melhor prova que se pode dar à sinceridade da operação, pois o operador não pode intervir de modo efetivo na produção do fenômeno e é também o melhor modo de se adquirir pessoalmente a segurança de que o instrumento está sendo bem utilizado. Mas, se nessa categoria de experiências é exigido pe-

la própria natureza da operação o estado de neutralidade nervosa que reduz a zero o poder volitivo do experimentador e deixa o campo livre à ação irradiante da substância, não é menos verdade que o experimentador retoma, quando lhe apraz, o livre exercício da sua vontade. Então ele pode, a capricho, inverter todas as polaridades obtidas; basta-lhe para isso sair da neutralidade e formular mentalmente com energia a expressão da sua vontade; o pêndulo então, em vez de obedecer às irradiações especiais da substância, só responde ao pensamento mentalmente expresso pelo operador.”

Foi por uma circunstância fortuita que o Sr. Bué descobriu essa influência sutil da vontade. Experimentava com produtos químicos encerrados em caixas de papelão, com o nome da substância escrito no interior da tampa. Certa ocasião julgou ter tomado uma caixa com *carbonato de bismuto*, cujo movimento negativo lhe era conhecido (oscilação N.O. – S.E.), e com efeito obteve essa oscilação; mas, ao examinar, constatou com grande surpresa que se enganara, pois experimentara o *ácido oxálico*, que dá precisamente a oscilação positiva (N.E. – S.O.). A predisposição mental em que ele se achava durante a operação bastara para determinar a ação do pêndulo no sentido do seu pensamento.

Uma série de experiências nas mesmas condições demonstrou-lhe que a influência preponderante de toda predisposição mental, substituindo a atividade volitiva do cérebro à influência irradiante do objetivo, vem infalivelmente modificar a natureza do resultado. É, pois, provável que as divergências notadas pelos resultados obtidos pelo maior número daqueles que manejeram o pêndulo (divergências cujo efeito lamentável é comprometer a unidade do fenômeno) não sejam devidas a outras causas; e, por isso, o melhor meio de não se sofrer, mesmo involuntariamente, essas predisposições mentais que vêm mais ou menos perturbar o fenômeno é experimentar, *sem conhecer previamente* a natureza da substância, ou pelo menos o modo pelo qual ela deve influenciar o pêndulo.

A influência da vontade mal exercida pode, pois, ser perturbadora e apresenta um inconveniente grave contra o qual sempre

se deve estar alerta. Mas essa constatação nos fixa um ponto interessante: é que não só o organismo humano possui a faculdade de unipolarizar suas polaridades de detalhe e agir diretamente em certas condições de estado e gradação sobre a matéria inerte, mas ainda que essa ação se opera pelo impulso irradiante da vontade, que absorve, então, todas as polarizações inferiores à sua.

FIM

Notas:

- ¹ Exonerou-se desse cargo em 1902.
- ² Vide suas principais obras: *L'Extériorisation de la Sensibilité*; *L'Estériorisation de la Motricité*; *Les Effluves Odiques*; *Les Sentiments, la Musique et le Geste*.
- ³ O corpo humano é polarizado e as leis físicas de magnetismo humano repousam sobre essa polaridade. Essas leis são análogas às que regem a ação dos ímãs e da eletricidade:
 - 1º – Os pólos de mesmo nome (isônomos) se repelem, excitam, adormecem; os pólos de nomes contrários (heterônomos) se atraem, acalmam, despertam.
 - 2º – As ações se produzem na razão inversa do quadrado das distâncias.

Por toda parte na Natureza observamos duas forças antagônicas, ou antes, duas modalidades diferentes duma mesma força. O equilíbrio que nos seres vivos entretém a vida e a saúde parece estar sob sua dependência. Com efeito, vemos por toda parte a vida lutar contra a morte, o princípio plástico, organizador e conservador da vida fazer todos os esforços para resistir a esse princípio não menos evidente que desagrega, desorganiza e destrói. Esses dois princípios é que mantêm o mundo físico e o mundo moral em equilíbrio. Em filosofia pura, é a doutrina do *finito* e do *infinito*; em religião, é o dualismo pelo *bem* e pelo *mau*, ou *Deus* e o *diabo*; em economia social, Pru-

dhomme chamou-lhe *lei das antinomias*; em mecânica, as duas forças geradoras do movimento circular são a *força centrífuga* e a *força centrípeta*. A toda força é necessário uma resistência para ponto de apoio. Sem sombra não apreciaríamos a luz; e se o prazer não tivesse a dor por ponto de comparação, ser-nos-ia impossível não só defini-lo, mas ainda fazer dele uma idéia. A afirmação motiva-se da negação e o forte só triunfa do fraco. Nas manifestações dos agentes físicos essa dualidade, essa modalidade é, sobretudo, evidente na eletricidade, o ímã e o magnetismo terrestre. Constitui a polaridade à qual estão mais ou menos submetidos todos os corpos da Natureza. (Nota do tradutor.)

⁴ Esclarecemos ao leitor que o texto a seguir, de autoria do tradutor desta obra, é de natureza um tanto esotérica, contrariamente o trabalho de Albert de Rochas, que é rigorosamente científico, alicerçado em anos de pesquisas sobre os fenômenos psíquicos. (Nota do revisor).

⁵ Esta palavra tem aqui acepção diferente do líquido volátil do mesmo nome.

⁶ Vide *Física Transcendental*,* por Zöllner.

* Esta obra foi editada em língua portuguesa sob o título *Provas Científicas da Sobrevivência*, pela EDICEL.

⁷ *Vida de Apollonius de Tyana*, livro III, capítulo XV.

⁸ E. Burnouf, 1884, tomo I, pág. 183. Veja-se também páginas 250, 312 e seguintes.

⁹ *Voyage au pays des fakirs enchanteurs*, pág. 61.

¹⁰ O Sr. Jacolliot diz (pág. 27) que já vira fazer isso mesmo a outros encantadores, e o *Magasin Pittoresque* deu a este respeito, se não me engano, uma descrição. Robert Houdin imitou-o, mas com a ajuda de couraças e de hastes de aço ocultas por baixo das roupas, ao passo que o faquir estava nu. A maior parte dos truques dos prestidigitadores são, de resto, inspirados por fenômenos reais reproduzidos em condições essencialmente diferentes.

-
- ¹¹ O *pranayama* (de *prana*, respiração) é um exercício religioso que consiste em tapar com o polegar uma ventilação e respirar pela outra.

Encontra-se no *Oupnek'hat*, livro do ocultismo indiano, citado por Eliphas Lévy em sua *Histoire de la Magie*, pág. 71:

“Para nos tornarmos um deus, é necessário reter a respiração, isto é, atraí-la por tanto tempo quanto se puder, e encher-nos dela completamente. Em segundo lugar, retê-la por tanto tempo quanto se puder e pronunciar quarenta vezes neste estado o nome divino de *Aum*. Em terceiro lugar, expirar por tanto tempo quanto for possível, enviando mentalmente o sopro através dos céus, para unir-se ao éter universal.

Neste exercício é necessário ficar-se como cego, surdo e imóvel como um pedaço de pau. É necessário ficar-se colocado sobre os cotovelos e os joelhos, com o rosto voltado para o norte. Com um dedo fecha-se um buraco do nariz; pelo outro buraco atrai-se o ar e depois deve-se fechá-lo com um dedo, pensando que Deus é o criador, que está em todos os animais, na formiga do mesmo modo que no elefante. Deve-se ficar engolfado nestes pensamentos.

Primeiro diz-se *Aum* 17 vezes e durante cada aspiração é necessário dizer *Aum* 80 vezes, fazendo-se isto tantas vezes quantas for possível.

Procedei assim durante três meses, sem temor, sem preguiça, comendo e dormindo pouco. No quarto mês vereis os *devas*; no quinto tereis adquirido todas as qualidades dos *devas*; no sexto estareis salvo, sereis deus.”

- ¹² O *padmazan* (literalmente sentado sobre o lodão) é a postura de um religioso na meditação, sentado com as pernas cruzadas. Ela simboliza Brama sentado sobre o lodão.
- ¹³ O *kumba* é também um exercício religioso que consiste em tapar o nariz e a boca para reter o hálito.
- ¹⁴ Conforme a experiência de Brevster, referida no capítulo IV.

¹⁵ Segundo as teorias dos teósofos da Índia, os elementais (*dévatás*) são os gênios ou demônios que as nossas antigas tradições designavam pelos nomes de *gnomas*, *silfos*, *ondinas* ou *salamandras*, conforme a sua existência na terra, no ar, na água ou no fogo. São de uma essência inteiramente diversa da nossa. Os iniciados (*mahatmas*) podem chegar, graças a processos que conservam secretos e a que chamam em sânscrito *Yalastambha*, a repelir os elementais, e a impedi-los de terem domínio sobre eles durante um certo tempo. É assim que o *Bustambha*, ou arte de repelir os elementais da terra, permite a certos iogues enterrarem-se impunemente durante alguns meses. Do mesmo modo, pelo *Vaju stambha* (arte de repelir os elementais da água), outros iogues se colocam em condições de flutuar na água, sem nenhuma roupa, dia e noite, durante quatro ou cinco semanas. Outros, ainda, se entregam, ao *Agnistambha*, que lhes permite afrontar os ataques do fogo, etc.

Vê-se que os hindus seguem as tradições dos filósofos neoplatônicos, os quais, tendo constatado o desenvolvimento progressivo da vida, do grão de areia ao cristal, do cristal à planta, da planta ao animal, não podiam admitir que ela paras-se bruscamente no homem e que houvesse uma lacuna na criação entre o homem e Deus. Foram levados, assim, a personificarem as forças da Natureza, e como não sabemos mais do que eles o que são essas forças, ficaríamos muito embaraçados para contradizê-los.

Abaixo dos elementais, os hindus colocam os elementares (*Pisachas-schells*), Espíritos melhores ou piores e pouco inteligentes, que habitam a atmosfera da Terra. Destes é que se servem os nigromantes (*Doug-pas*) para pregarem as suas más peças, e é a esses que se atribui a maior parte dos fenômenos do Espiritismo. Os elementais parecem ter primitivamente personificado as paixões humanas.

¹⁶ *Le Livre des Mystères*, 3ª parte.

¹⁷ *Cartas edif.*, tomo VII, pág. 303.

¹⁸ *Cartas Teológicas*, Avinhão, 1739, tomo II, pág. 1.310.

¹⁹ Essa mulher é a filha que dormia com ela, pretendiam que ela era muitas vezes, de noite, transportada, quer para o telhado das casas vizinhas, quer para a torrente de Ouvèze, donde a mesma força invisível a reconduzia toda molhada para o seu leito.

²⁰ *Essais de Psychologie Physiologique*, 1844, pág. 293.

²¹ *Des Esprits*, 1858, pág. 301.

²² Comunicação feita à Academia das Insc. e Belas-Letras em 23 de outubro de 1885.

²³ No Antigo Testamento (*Daniel*, XIV, 35) encontra-se a história de Habacuc, que foi transportado pelos ares, do país de Judéia às terras da Caldéia. Eliseu elevou-se também aos ares.

²⁴ Eis a continuação desse fato interessante da vida de Santa Teresa, escrita por ela própria (capítulo XX):

“Enquanto o corpo está em arroubo, fica como morto e muitas vezes em absoluta impotência de operar. Conserva a atitude em que foi surpreendido. Por isso, fica em pé ou sentado, com as mãos abertas ou fechadas, numa palavra, no estado em que o arroubo o encontrou.

Quase nunca se pode resistir ao arroubo. Às vezes eu podia opor alguma resistência; mas como isso era de alguma sorte lutar contra um forte gigante, eu ficava moída e exausta. Outras vezes, tornavam-se vão todos os meus esforços. A minha alma era arrebatada e a minha cabeça seguia quase sempre o movimento sem que eu pudesse retê-la. Algumas vezes mesmo, o meu corpo era arrebatado de tal sorte que deixava de tocar no chão. Quando eu queria resistir, sentia debaixo dos pés uma pressão admirável que me levantava.”

²⁵ *Mémoires d'un Magnétiseur*, t. I, pág. 284.

²⁶ *Revelações acerca da minha vida sobrenatural*, Paris, 1864, págs. 52-53.

²⁷ Realizou-se na América, país de Dunglas Home, na obscuridade, na noite de 8 de agosto de 1852 (Home tinha então 19 a-

nos), em que se haviam produzido movimentos de mesas e outras manifestações espíritas.

Uma das testemunhas relata-o assim: “De repente, com grande surpresa da assembléia, o Sr. Home foi elevado ao ar! Eu tinha então a sua mão na minha e senti, assim como outros, os seus pés suspensos a doze polegadas do solo. Estremecia desde a cabeça até os pés, em luta evidentemente com emoções contrárias de alegria e de temor, que lhe abafavam a voz. Duas vezes ainda, os seus pés deixaram o chão. Na última, chegou até ao alto teto do aposento, onde a sua mão e a sua cabeça foram bater brandamente.” (*Revel.*, pág. 52.)

²⁸ O Sr. William Stainton Moses, nascido no Condado de Lincoln em 5 de novembro de 1839 e falecido em 5 de setembro de 1892, era um sacerdote que professou na Universidade de Cambridge. Fora estudar durante seis meses Teologia num mosteiro do Monte Athos. Desde 1870, foi objeto de fenômenos extraordinários. Um resumo destes, feito pelo Sr. Myers, membro da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, acaba de ser publicado nos *Annales des Sciences Psychiques*. O Sr. Myers foi durante 17 anos seu amigo íntimo e dá o mais brilhante testemunho da sua honradez. O Sr. Stainton publicou a maior parte dos seus livros sob o pseudônimo de *Oxon*, que significa membro da Universidade de Oxford.

²⁹ O Sr. Gaboriau disse, a esse respeito, numa nota: “Tendo o Sr. Mac-Nab acendido bruscamente a luz como sempre, vi que o médium estava muito *esbofado* e a suar, como se acabasse de alçar um fardo. Gastou algum tempo para descansar. Tanto quanto me recordo, ele devia ter passado por cima da mesa para vir cair ao meu lado, em cima da minha cadeira. Recordo-me perfeitamente do ar comovido e assustado do Sr. C..., e estou persuadido de que ele havia passado por cima da mesa com a cadeira, porquanto, sendo muito pequeno o quarto em que estávamos, nós o ocupávamos quase completamente com a mesa e as cadeiras dispostas em volta. Ele não teria podido passar por detrás de nós sem se roçar conosco, principalmente na obscuridade.”

-
- ³⁰ John é o nome de uma individualidade enigmática e invisível da qual Eusápia pretende estar possuída quando em transe.
- ³¹ Charpignon – *Physiologie du Magnétisme*, pág. 74.
- ³² Diz Alfred Erny, na sua excelente obra *O Psiquismo Experimental*: “Segundo os iogues, da Índia, a levitação depende da diferença entre as polaridades elétricas ou magnéticas, e o corpo humano tem uma polaridade diferente da da Terra, de sorte que elas se podem anular em certos casos. Isto quer dizer que, se a Terra e o corpo chegam no mesmo estado de polaridade, o corpo fica em estado de elevar-se na atmosfera.” (N.T.)
- ³³ Sabe-se que outrora pretendia-se reconhecer as feiticeiras mergulhando-as na água. Eram condenadas, no caso de flutuarem, isto é, se apresentassem uma leveza específica maior que o comum dos mortais.
- ³⁴ Numa das últimas sessões que se efetuaram com Eusápia, em Choisy-Yvrac, perto de Bordéus, na casa do Sr. Maxwell, eu achava-me sentado à direita do médium, cujas mãos estavam seguras. Senti uma mão que se introduzia no meu sovaco direito e, obedecendo a esta indicação, pus-me em pé. Imediatamente, a minha cadeira subiu ao longo das minhas costas e veio colocar-se de tal maneira que fiquei com a cabeça entre os quatro pés. Eusápia disse ter querido levantar-me com a minha cadeira e levar-me para cima da mesa, porém que eu me levantara sem lhe dar tempo.
- ³⁵ Têm-se visto crianças de peito, arrebatadas dos braços das mães, transportadas e depositadas, sem lesões, a muitos passos de distância, tendo sido as mães mortas ou feridas pelo meteoro (*Id*, t. I, pág. 212.)
- ³⁶ Vide a obra de Aksakof: *Um Caso de Desmaterialização*, e a da Sra. d’Espérance: *No País das Sombras*.
- ³⁷ Traduzi do grego para o francês os dois tratados de Pneumatômato de Héron e Filon, que foram publicados em 1882 pela Livraria Masson sob o título: *La Science des Philosophes et l’art des thaumaturges dans l’antiquité*.

-
- ³⁸ A tradução latina da óptica e da catóptrica de Euclides foi publicada pela primeira vez com o discurso de Jean de Gène servindo de prefácio, em 1557, em Paris, pela Livraria André Wechel.
- ³⁹ *Sombras* significa Espíritos ou almas dos mortos. A médium inglesa Sra. E. d'Espérance deu também esse nome a uma obra sua: *No País das Sombras*.
- ⁴⁰ Fabre – *La Musique des Couleurs*, Paris, 1900, pág. 31.
- ⁴¹ Artigo publicado no *Zukunft*, números de 16 de abril e 7 de maio de 1898.
- ⁴² Isenkrahe – *Das Räthsel der Schwerkraft*.
- ⁴³ Newton – *Princípio*, III.
- ⁴⁴ *Erkloerung der universellen Gravitation ans den statischen. Wirleungen der Eletricität, – et Wissenschafti. Abhandl.*, I, 417-459.
- ⁴⁵ Faraday – *Rech. expérim. sur electricité*, Tradução alemã, III, § 2702-2717.
- ⁴⁶ *Comptes Rendus*, 30 de setembro de 1872.
- ⁴⁷ Zöllner – *Natur der Kometen*, 70, 127, 128.
- ⁴⁸ Zöllner – *Wissensch Abhemdl*, II, 2, 638-640.
- ⁴⁹ Brewster – *Life of Newton*, 338.
- ⁵⁰ *Revue des Deux-Mondes*, 1854, 530.
- ⁵¹ Huyghens – *Diss. de causa gravitatis*.
- ⁵² Ibidem.
- ⁵³ *Rapport des Commissaires de la Soc. Royale de Med. pour faire l'examen du magnetisme animal*, pág. 21.
- ⁵⁴ Virchow – *Ueber Wunder*, 23.
- ⁵⁵ Herschel – *Einleitung in das Studium der Naturwissenschaft*, 104.
- ⁵⁶ Perty – *Die mystischen Erscheinung*, 1, 271.

-
- ⁵⁷ Petetin – *Mémoire sur la découverte des phénom, que présentent la catalepsie et le somnambulisme*, 1, 21.
- ⁵⁸ Reichenbach – *Wer ist sensitiv, wer nicht?*, 34.
- ⁵⁹ *Der sensitive Mensch*, 1, § 447-456.
- ⁶⁰ *Les effluves odiques*, trad. franc., 104-106.
- ⁶¹ *Les effluves odiques*, trad. franc., 118-111.
- ⁶² Ibidem, 118
- ⁶³ Ibidem, 123-133.
- ⁶⁴ Reichenbach – *Der sensitive Mensch*, 1, 121-126.
- ⁶⁵ Owen – *Das streitige Land*, 1, 109 (traduzida em língua portuguesa sob o título *Região em Litígio*, pela editora FEB).
- ⁶⁶ *Psychische Studien*, 1874, 24-25.
- ⁶⁷ Reichenbach – *Die Dynamide*.
- ⁶⁸ *Sphinx*, X, 265.
- ⁶⁹ Crookes – *Anfreichn. uber Sitzungen mit Home* (Trad. alemã) 10-12. Na obra de Delanne *O Fenômeno Espírita*, acham-se relatadas as experiências de Crookes. (N.T.)
- ⁷⁰ *Annales des Sciences Psychiques*, IV, 196.
- ⁷¹ Zöllner – *Wissenschaft Abhandlungen*, II, 1, 340.
- ⁷² *2 Reis*, 6: 4.
- ⁷³ De Rochas – *L'Extériorisation de la Motricité*.
- ⁷⁴ Badaud – *La Magie*, 17.
- ⁷⁵ Reichenbach – *Die odische Loch und sinige Bowegungser-schenungen*.
- ⁷⁶ De Rochas – *L'Extériorisation de la Motricité*.
- ⁷⁷ Kerner – *Die somnambulen Tisch*, 21. – *Die Scherin von Prävorst*, 158.
- ⁷⁸ *Archiv. f. thier Magnetismus*, V, 1, 149.
- ⁷⁹ Jacolliot – *Le Spiritisme dans le Monde*, 245, 281, 282, 285, 295.
- ⁸⁰ Crookes – *Recherches sur le Spiritualisme*.

-
- ⁸¹ *Psychische Studien*, 1874, 108.
- ⁸² Kerner – *Blaetter aus Prévorst*, I, 119.
- ⁸³ Home – *Révélations sur ma vie surnaturelle*, 44, 222.
- ⁸⁴ Hellenbach – *Verurthelle der Menschheit*, III, 265.
- ⁸⁵ Glanvil – *Sadduscismus triumphatus*, II, 220.
- ⁸⁶ Goerres – *Die christliche Mystik*, V, 145.
- ⁸⁷ *Ibidem*, V, 145.
- ⁸⁸ Daumer – *Das Gesteirreich*, II, 253. Cf. Jolier – *Darstellung selle terleleter mystischer Érscheinungen*.
- ⁸⁹ *Ibidem*, 256, 259.
- ⁹⁰ *Ibidem*, 267, 268.
- ⁹¹ *Sphinx*, XVIII, 251-260; *Annales des Sciences Psychiques*, 1893-94.
- ⁹² Amoretti encontrou em sua casa diversas pessoas capazes de fazerem girar a baqueta, entre as quais um pequeno servo, de dez anos, Vicente Anfossi, com quem fez grande número de experiências. Certas substâncias faziam experimentar a Anfossi uma sensação de frio. No primeiro caso a baqueta girava para dentro, no segundo para fora.
- ⁹³ J. de Briche – *Le pendule ou indication et examen d'un phénomène physiologique dépendant de la volonté*, 1838.
- ⁹⁴ J. O. N. Rutter – *Recherches sur les courants et les propriétés magnétoïdes des corps*, 1851.
- ⁹⁵ Na edição francesa da obra de Reichenbach, sobre os *Eflúvios Ódicos*, encontra-se o desenho desse aparelho, bem como dos outros aqui citados.
- ⁹⁶ Louis Lucas – *La médecine nouvelle basée sur des principes de physique et de chimie transcendentales*, Paris, 1862.
- ⁹⁷ Philips – *Electro-dynamisme vital où les relations physiologiques de l'esprit et de la matière*, Paris, 1885.
- ⁹⁸ Reichenbach acabava de publicar suas experiências.

-
- ⁹⁹ Baréty – *Le Magnétisme animal étudié sous le nom de force neurique rayonnante et circulante dans ses propriétés physiques, physiologiques et thérapeutiques*, Paris, 1887.
- ¹⁰⁰ Baraduc – *La Force vitale, notre corps vital fluidique, sa formule biométrique*, Paris, 1893.
- ¹⁰¹ Em fevereiro de 1893 foi extremamente abalado pela grande perturbação que inverteu os pólos dos instrumentos magnéticos do mundo inteiro e da qual só teve conhecimento pelo seu próprio estado.
- ¹⁰² Eu mesmo possuí essa faculdade na minha infância, e recordo-me de que, quando fixava a atenção sobre as minhas sensações, só ficava tranqüilo quando me voltava para o norte.
- ¹⁰³ Lede a obra do Sr. Alphonse Bué, *Magnetismo Curativo*.
- ¹⁰⁴ Na página 38 da obra de Reichenbach, *Les Effluves Odiques*, acha-se desenhado esse aparelho. (N.T.)
- ¹⁰⁵ A polaridade positiva é assinalada por (+) e a negativa por (–). (N.T.)
- ¹⁰⁶ O Sr. Bué, julgando obter efeitos mais pronunciados sobre o pêndulo, com o emprego de um ímã mais poderoso que aquele de que habitualmente se servia, viu com espanto que, em vez do resultado esperado, a transmissão da corrente perturbara a sensibilidade do aparelho, a ponto de impedir nesse dia a continuação das experiências. O pêndulo, imobilizado sem dúvida por uma influência muito persistente, tinha de repente perdido essa sensibilidade natural que até então permitira traduzir as mais delicadas impressões; não recuperou essa sensibilidade senão no dia seguinte, após longo repouso do aparelho.
- ¹⁰⁷ Se misturar-se em quantidades iguais o pó da flor e o pó da raiz de uma mesma planta, obtém-se sobre o pêndulo o movimento que produziria a tintura-mãe extraída da planta inteira, como se a reconstituição do indivíduo vegetal tivesse sido feita por essa mistura. O movimento cessa então de ser polarizado, para se tornar específico à substância.

-
- ¹⁰⁸ Devemos aqui assinalar uma pequena divergência entre as experiências sobre os sensitivos dos Srs. Dècle et Chazarain e as que foram feitas sobre o pêndulo pelo Sr. Bué: enquanto as primeiras determinam positiva a polaridade da prata, alumínio, chumbo, cobalto e platina, e negativa a do enxofre, as que foram feitas sobre o pêndulo estabelecem o contrário. De onde provém tal divergência? É difícil explicar. Essa é a única diferença que existe nas numerosas constatações feitas de acordo pelos experimentadores. As experiências feitas pelos Srs. Durand de Gros e Léger dão razão ao Sr. Bué, caracterizando a polaridade dessas substâncias no sentido que ele determina.
- ¹⁰⁹ Vide, na referida obra de Bué, *Magnetismo Curativo*, a parte que trata da Biologia e Higiene.
- ¹¹⁰ Por essa mesma razão, na nota do nosso prefácio, só dissemos que as ações se produzem na razão inversa do quadrado das distâncias. (N.T.)